MÔNICA FERREIRA CASSANA

CORPOS IMPOSSÍVEIS:

A (DES)ORDEM DO CORPO E A AMBIVALÊNCIA DA LÍNGUA NO DISCURSO TRANSEXUAL

PORTO ALEGRE

2016

CIP - Catalogação na Publicação

Ferreira Cassana, Mônica
Corpos impossíveis: a (des)ordem do corpo e a ambivalência da língua no discurso transexual / Mônica Ferreira Cassana. -- 2016.
131 f.

Orientadora: Solange Mittmann.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. Discurso. 2. Corpo. 3. Língua. 4. Análise de discurso. 5. Transexualidade. I. Mittmann, Solange, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
LINHA DE PESQUISA: ANÁLISES TEXTUAIS, DISCURSIVAS E ENUNCIATIVAS

CORPOS IMPOSSÍVEIS:

A (DES)ORDEM DO CORPO E A AMBIVALÊNCIA DA LÍNGUA NO DISCURSO TRANSEXUAL

MÔNICA FERREIRA CASSANA

ORIENTADORA: PROFESSORA DOUTORA SOLANGE MITTMANN

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como pré-requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Letras.

PORTO ALEGRE

2016

Mônica Ferreira Cassana

CORPOS IMPOSSÍVEIS:

A (DES)ORDEM DO CORPO E A AMBIVALÊNCIA DA LÍNGUA NO DISCURSO TRANSEXUAL

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como pré-requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Letras.

Banca examinadora:

_____

Prof. Dr Alexandre Ferrari

_____

Prof.ª Drª Aracy Ernst

_____

Prof.ª Drª Maria Cristina Leandro Ferreira

_____

Prof.ª Drª Solange Mittmann - Orientadora

Para Osmar e Antônia

“tudo pode se dizer”, ainda que não se diga jamais “qualquer coisa”.

Michel Pêcheux - A língua inatingível

Agradecimentos

Um longo caminho percorri para chegar até a data de defesa deste trabalho. São tantas pessoas a agradecer e tantos sentidos a mobilizar que prefiro não seguir uma ordem; apenas, sinceramente, oferecer meu gesto de gratidão a todos que se dispuseram à escuta atenta das palavras e dos silêncios que me acompanharam nesses quatro anos.

Minha família, meus pais Osmar e Antônia e minha irmã Francine, os quais estiveram juntos na alegria de encontrar as palavras e nas ausências dos dizeres, que ficam em suspenso, mas certamente chegaram(rão) a ser ditos. O amor de vocês significa em mim.

Meu marido, Eduardo, que ficou ao meu lado, suportando, compreendendo e interpretando meus excessos de dizer e meus silêncios, oferecendo-me, a cada momento em que tudo parecia não fazer sentido, palavras de companheirismo e força. Seu afeto, carinho e paciência são os significantes do amor.

Meus colegas de UFRGS que se tornaram meus amigos queridos, parceiros de uma interlocução sobre a teoria e sobre a vida: Michele, Thaís, tenho certeza de que nossas risadas nervosas e nossas angústias compartilhadas ao longo de tanto tempo podem ser interpretadas como uma amizade cujos efeitos são a genuína vontade de tê-las sempre por perto. As colegas parceiras de estudo e risadas: Caroline, Laís, Paula, Gláucia, Debbie, Ana. Os amigos Augusto e Janaína, que sempre estiveram tão próximos em sua leitura atenta do meu trabalho, das angústias e desejos.

Minha orientadora, Solange, que, através de seu gesto de compreensão afetuoso e rigoroso, possibilitou-me transformar em escrita a contribuição teórica que hoje entrego àqueles que desejarem compartilhar dessa leitura.

Meus professores da universidade e da banca e meus alunos queridos, que me mostram sentidos ainda a ser desvelados e que me fazem ter a certeza de que o aprendizado é, em última instância, o sentido mais preciso da resistência.

RESUMO

Neste trabalho, lançamos um olhar para o discurso de sujeitos transexuais, analisando teoricamente a relação entre língua e corpo para a constituição desse discurso (im)possível. A constituição de um corpo que não corresponde aos sentidos estabilizados expressos pelos significantes instituídos e estabilizados “homem” e “mulher” leva-nos ao questionamento sobre a constituição de um sujeito que situa seu corpo em um entre-lugar entre as posições binárias de gênero reconhecidas e legitimadas em nossa formação social. Baseados nos pressupostos da teoria da Análise de Discurso de linha francesa, fundamentada por Michel Pêcheux, analisamos um corpus constituído por discursos de sujeitos transexuais produzidos a partir de entrevistas jornalísticas veiculadas na televisão aberta brasileira. A partir dessa análise, questionamos como a não binaridade do corpo transexual – que escapa ao determinado no discurso dominante sobre a sexualidade, produzido pelo discurso médico-científico – também possui uma relação constitutiva com o discurso desses sujeitos, através do qual falam de si mesmos a partir do olhar do outro. Relacionando o dispositivo teórico e o dispositivo analítico, que se complementam através de um movimento pendular, delineamos e nomeamos a formação discursiva de ordem do corpo, a qual se sustenta sobre discursos médico-científicos e jurídicos, que instituem normas e procedimentos para que esse corpo faça sentido na formação social, entendendo a relação entre língua e corpo na constituição de um discurso legítimo (do) transexual. Tais movimentos de constituição do discurso transexual podem ser analisados a partir das relações entre as posições-sujeito, nomeadas neste trabalho como posição-sujeito de explicação do corpo e posição-sujeito de legitimação do corpo. Cada capítulo, portanto, organiza-se de forma a entender esse percurso, explicitando a relação que se inscreve a partir da língua, na constituição do discurso dos sujeitos transexuais, numa ordem entendida como a ordem do impossível, uma vez que tais corpos efetuam um discurso de resistência ao binarismo produzido pelo discurso de ordem e escapam à lógica instituída e dominante.

Palavras-chave: Corpo. Discurso. Transexualidade.

RESUME

Dans ce travail, nous lançons un regard au discours des sujets transsexuels, en analysant théoriquement la relation entre langue et corps pour la constitution de ce discours (im)possible. La constitution d'un corps qui ne correspond pas aux sens stabilisés exprimés par les signifiants institués et stabilisés "homme" et "femme" nous ramène au questionemment sur la constitution d'un sujet qui situe son corps dans un entrelieu entre les positions binaires de genre reconnues et légitimées dans notre formation sociale. Basés aux préssupposés de la théorie de l'Analyse du Discours de ligne française, établie par Michel Pêcheux, nous analysons un corpus constitué par discours de sujets transsexuels produits à partir d'entretiens journalistiques diffusées sur des chaînes gratuites de télévision brésilienne. À partir de cette analyse, nous questionnons comment la binarité du corps transsexuel qui échappe à ce qui est déterminé dans le discours dominant sur la sexualité, produit par le discours médicoscientifique possède aussi une relation constitutive avec le discours de ces sujets, parmi lequel ils parlent d'euxmêmes à partir du regard de l'autre. En rapportant le dispositif théorique et le dispositif analytique, qui se complètent à travers un mouvement pendulaire, nous délinéons et dénommons la formation discursive d'ordre du corps, qui se soutien sur des discours médico-scientifiques et juridiques, lesquels instituent des normes et procédures pour que ce corps ait sens dans la formation sociale, en comprenant la relation entre langue et corps dans la constitution d'un discours légitime (du) transsexuel. De tels mouvements de constitution du discours transsexuel peuvent être analysés à partir des relations entre les positions-sujets, nommées dans ce travail comme positionsujet d'explication du corps et positionsujet de légitimation du corps. Ainsi, chaque chapitre s'organise de façon à comprendre ce parcours, en explicitant la relation qui s'inscrit à partir de la langue, dans la constitution du discours des sujets transsexuels, dans un ordre compris comme l'ordre de l'impossible, une fois que de tels corps réalisent un discours de résistance au binarisme produit par le discours de l'ordre et échappent à la logique instituée et dominante.

Mots-clé: Corps. Discours. Transsexualité.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. FD de ordem do corpo na FS capitalista 36
Figura 2. A posição-sujeito de explicação do corpo. 51
Figura 3. A posição-sujeito de legitimação do corpo. 95
Figura 4. Relação significante-significado na proposta de Saussure. 96
Figura 5. Relação significante-significado na teoria lacaniana. 97

LISTA DE SIGLAS

AD – Análise de Discurso

FD – Formação Discursiva

FD-OC – Formação Discursiva de Ordem do Corpo

PS – Posição-Sujeito

PS-EC – Posição-Sujeito de Explicação do Corpo

PS-LC – Posição-Sujeito de Legitimação do Corpo

SD – Sequência Discursiva

SUMÁRIO

PRÓLOGO 9
1 O CORPO ORDENADO 14
1.1 Transição do corpo ao sujeito: a ordem no discurso médico-científico 14
1.2 A ordem do corpo do sujeito: o trabalho das formações discursivas 26
1.3 Indefinição do corpo pelo sujeito: o atravessamento do discurso *sobre* no discurso *do* 38
1.4 Constituição de um saber sobre o corpo do sujeito: o trabalho da memória 44
2 O CORPO EXPLICADO 48
2.1 O sujeito transexual na cena discursiva 48
2.1.1 O sentido da entrevista na comunicação 54
2.1.2 O sentido de transferência em psicanálise 59
2.1.3 O sentido da entrevista para a AD 64
2.2 O corpo que precisa ser explicado: a transferência discursiva 73
3 O CORPO LEGITIMADO 87
3.1 Cicatrizes no corpo e falhas na língua 87
3.2 Corpos em metonímia 94
3.3 Discursos em metáfora 99
3.4 Um corpo sem fronteiras, uma língua sem limites 110
EPÍLOGO 117
REFERÊNCIAS 125
ANEXOS 132

PRÓLOGO

Um possível desencontro

Em lugar de uma introdução nos moldes tradicionais de teses, optamos por apresentar aqui um prólogo, uma reflexão inicial, apontando nosso gesto de interpretação sobre o discurso dos sujeitos transexuais, trabalhando no (im)possível encontro entre discurso e corpo, que nos propõe a Análise de Discurso, fundamentada por Michel Pêcheux. Tentaremos demonstrar como, em nosso trabalho, as partes de nosso texto vão constituindo a estrutura desta tese, necessitando da compreensão de cada parte para a reflexão sobre o todo. Assim como propomos, ao longo dessas linhas, que o olhar sobre o corpo deixe de lado suas partes e passe a deslizar pela totalidade que o constitui.

Eduardo Galeano, em seu livro *Las palabras andantes* (1993), brinda-nos com um pequeno poema chamado *Ventana sobre el cuerpo*: "La Iglesia dice: El cuerpo es una culpa. La ciencia dice: El cuerpo es una máquina. La publicidad dice: El cuerpo es un negocio. El cuerpo dice: Yo soy uma fiesta". Escritor comprometido com as transformações de nosso tempo, Galeano nos mostra como o corpo é visto historicamente. A partir de suas palavras, percebemos o quanto as nossas palavras são mesmo andantes ou o quanto nosso olhar sobre o corpo é determinado ideologicamente.

Há, portanto, muitos saberes que determinam o corpo, de acordo com cada formação discursiva em que ele é significado. Todas essas designações sobre um mesmo objeto do nosso olhar nos lançam a diferentes significações e nos levam a pensar sobre os (des)encontros que há ao falarmos do discurso (do) transexual, esse sujeito em trânsito entre o corpo e outro, que tem sua identidade marcada pelo desejo de ser e a falta.

Assim, para falar no discurso transexual, é preciso que trabalhemos na tensão entre corpo e língua, pensando na estrutura que liga esses dois elementos: a estrutura do corpo, a estrutura da língua e as determinações que estabelecem as fronteiras entre os corpos que devem ser significados e os nomes que podem ser ditos.

Por isso, este trabalho se orienta através do olhar para o corpo: o olhar do outro, que enxerga, mas não vê o sujeito transexual, e o olhar do Outro[1], atravessado ideológica e historicamente pela palavra, que designa o vazio do sujeito.

Assim, propomo-nos a entender as palavras do discurso transexual. Como e para quem elas significam? De que forma o corpo desses sujeitos é significado? O que significam os nomes que são dados ao campo semântico da transexualidade: o transtorno, a disforia, o nome social, a redesignação? O que essas palavras importam e quais sentidos elas suportam ao referir-se a corpos que sofrem a angústia do chamado "erro do corpo"?

O Brasil é o país que mais mata sujeitos transexuais. De acordo com a Organização Internacional *Transrespect*, entre 2008 e outubro de 2015, 770 pessoas trans foram assassinadas[2] no país. Esse número é absolutamente maior do que em qualquer outro país do mundo.Esses dados revelam que os sujeitos transexuais estão situados à margem em nossa sociedade. Discursivamente, podemos dizer que, em nossa formação social, os espaços destinados a esses sujeitos estão apagados, silenciados, sendo revelados apenas em lugares muito específicos. Esse apagamento – de ordem ideológica – revela a interpelação através de discursos vários, que formam o discurso sobre os transexuais. Esses discursos atravessam e sustentam o discurso dos próprios sujeitos.

Através da articulação entre língua e corpo, tentamos entender como esse discurso dos sujeitos começa a se movimentar, indiciando que pode haver um lugar para o corpo do transexual em nossa formação social – ainda que esse lugar seja da ordem do impossível. Em nossas análises, deparamo-nos com o real do corpo: um corpo falho, que denuncia, a partir das suas cicatrizes, uma história que não cessa e uma memória que sempre retorna através da língua, que situa o sujeito nesse lugar permanente de *trans*itoriedade, de *trans*exualidade.

O corpo do sujeito transexual é permeado de apagamentos e evidências. Assim, apagam-se as cicatrizes que denunciam um rosto que já foi coberto pela barba, um peito que já sustentou seios. Apagam-se ou evidenciam-se pelos, seios, órgãos genitais;

---

[1] Essas noções serão discutidas em outros momentos deste trabalho.

[2] Dados obtidos no site: <http://transrespect.org/es/map/trans-murder-monitoring/>. Acesso em: 16 dez. 2015.

formam-se novos processos de subjetivação a partir de corpos que não encontram um lugar para si dentro das perspectivas binaristas.

Assim como os corpos, também a língua possui sua estrutura: através das inúmeras palavras que compõem esse (novo?) sítio de significância da transexualidade, entendemos a urgência em formular palavras (novas) para sentidos (des)conhecidos. Assim, é preciso nomear o sujeito transexual e o seu modo de subjetivação: seria uma patologia? Um transtorno?

Na perspectiva do discurso médico-científico, isto é, a partir de um saber que pretende procurar a patologia inscrita no corpo para, então, curá-lo, encontramos um corpo desorganizado, cujos pedaços não encaixam: como pode um rosto delicado apresentar uma barba? Como pode um corpo forte mostrar seios? Parece que não há uma simetria entre os corpos transexuais. E há um discurso que pretende interpretar esses elementos, estabelecendo, a partir da estrutura da língua, nomes que também parecem ter sido construídos de palavras outras, já conhecidas: *trans*exual*idade*; *trans*exual*ismo*; processo *trans*exualiza*dor*; cirurgia de *rede*signação; cirurgia de *trans*genitaliz*ação*, *neofalo*plastia; *neocolpovulvo*plastia.

Para compor essa condição como patologia, as ciências médicas classificaram a transexualidade como desordem, como disforia, como transtorno. Novamente, notamos a presença dos prefixos *des-*, *dis-*, *trans-*, que nos permitem entender como alguns elementos da língua se constroem. Ao escandir esses termos, percebemos os sentidos que são desvelados: des/ordem, aquilo que foge à ordem; dis/foria, aquilo que foge à forma; e trans/torno, aquilo que está além de tornar-se, além do que se é, ou aquilo que foge à identidade.

Assim estabelecem-se os sentidos sobre o que é ser transexual. Mas, ao nomear, também silenciamos a história desses sujeitos, percebendo um processo de des-historicização dos sentidos, o que não permite que tais sujeitos se interpretem, e precisem a todo momento recorrer aos pré-construídos, formulados em discursos outros, para compreenderem a si mesmos.

Ao longo do trabalho, efetuaremos nosso gesto de interpretação considerando três ordens: a) a ordem da língua, que está relacionada ao que Orlandi (1996, p.46) determina como “organização”, pois está relacionada às normas, aos arranjos linguísticos. Assim, veremos como a língua tenta apreender os sentidos sobre o que é o sujeito transexual e

como através das palavras tais sentidos podem ser sedimentados ou deslizados; b) a ordem do discurso, em que observaremos o confronto com a falha, ou aquilo que Orlandi afirma ser a "forma material" (ORLANDI, 1996, p. 49), na qual compreenderemos os processos de resistência e subversão dos sujeitos na constituição do discurso; e c) a ordem do impossível, na qual o discurso transexual se inscreve, onde o corpo produz sentido, no deparo com o real.

Importante destacar que tais ordens não refletem a estruturação dos capítulos que se apresentarão, pois analisamos um discurso heterogêneo, que não se separa da estrutura teórica, mas trabalha em um efeito de complementação, de batimento entre a teoria e a análise. Por isso, as sequências discursivas que constituem o *corpus* deste trabalho são apresentadas juntamente com o dispositivo teórico da Análise de Discurso. O *corpus* é constituído por entrevistas de sujeitos transexuais concedidas a sujeitos jornalistas em programas de entrevista exibidos na televisão brasileira, no período de 2011 a 2014. Nessas entrevistas, os sujeitos são convidados a participarem para falar de si, a partir de uma perspectiva de explicação, como se seu corpo devesse ser explicado aos olhos do outro.

No entanto, a *cena discursiva* – o lugar em que sujeito transexual e sujeito jornalista investem em seus lugares discursivos de entrevistado e entrevistador – coloca-nos em confronto com as confissões que esse sujeito faz de si. Afinal, nessas entrevistas, observemos que há dois movimentos essenciais em relação à participação do sujeito.

O primeiro nos diz que o sujeito é convidado para participar de tais programas não para falar da sua história ou trajetória pessoal ou profissional, por exemplo, mas, sobretudo, para dizer quem é, ou melhor, *o que é*, explicando como é seu corpo, como é viver nesse trânsito, como deve ser chamado. Há uma interrogação sobre esse sujeito, que está, aos olhos do outro, pronto para ser examinado, analisado. O segundo movimento permite-nos entender que, ainda que o sujeito tenha sido chamado para explicar-se aos olhos do outro, há algo que escapa a essa determinação. É o que escapa que nos interessa, pois essa falha permite que possamos analisar o discurso desses sujeitos e as possibilidades de sentido que são inscritas entre o silenciamento e o excesso dos dizeres.

Vemos que esses elementos também constituem, juntos, um discurso de ordem, estabelecendo uma formação discursiva que carrega os sentidos de ordenamento sobre o corpo, levando-o à construção dos saberes que podem e devem ser ditos sobre o corpo.

No entanto, trabalhamos no terreno do equívoco e da ambivalência e nos questionamos se haveria um desencontro entre língua e corpo no discurso dos sujeitos transexuais, isto é, se as palavras de uma língua seriam capazes de suportar os deslocamentos do corpo. Além disso, a partir da relação entre língua, corpo e discurso, procuramos entender de que modo as formações discursivas e posições-sujeito se articulam na produção desse discurso, observando, assim, as possibilidades de resistência e de legitimação de um discurso (do) transexual.

A construção dessa resistência no discurso se revela através da relação entre a formação discursiva e as distintas posições-sujeito que se configuram a partir da inscrição dos sujeitos pelos discursos. São posições-sujeito que estão numa relação de dependência com a ordem do corpo, pois partem dela para deslizar sentidos outros, fazendo também com que produzam sentidos que nos revelam a ordem do impossível desse discurso: a ambivalência presente que se mostra através dos escapes da língua.

Assim, o corpo do transexual constrói-se como um corpo que, a todo tempo, lembra-nos da possibilidade de estar além do estabilizado, permanece em uma memória que retorna, porque, apesar das transformações, as cicatrizes permanecem. Através de uma marca, o sujeito transexual rememora quem um dia foi, mesmo que na atualidade seu corpo esteja identificado com outro gênero. Essa memória sobre o corpo outro (que é e não é o mesmo) também está na língua, através das indeterminações, do jogo com as palavras, com as expressões, mostrando um corpo incompreendido entre os dois gêneros estabilizados socialmente, que se faz legitimar justamente pela contradição.

Portanto, na perspectiva desta reflexão, assumimos que o corpo do transexual se constitui como um corpo de resistência à aparente linearidade imposta pelo discurso dominante, que, notadamente, sustenta-se através do discurso da formação discursiva de ordem do corpo, atribuída pelo discurso binarista médico-científico, uma vez que atribui ao sexo biológico os significantes que caracterizam os sujeitos. Muito mais do que um corpo de exclusão (*não é* homem, *não é* mulher), o sujeito transexual apresenta um corpo de transição entre um gênero e outro. Nessa transição, que foge à organização estabilizada da norma, da rigidez da estrutura, configura-se um corpo ambivalente, (in)capaz de ser significado como legítimo em nossa formação social, configurando-se como um corpo (im)possível, cujos sentidos significam justamente no entre-lugar do discurso.

1 O CORPO ORDENADO

1.1 Transição do corpo ao sujeito: a ordem no discurso médico-científico

Como se define um corpo? Um corpo pode ser definido como um conjunto de partes. Essas partes são órgãos, membros, tecidos que formam uma estrutura. Aprendemos, desde cedo, que o corpo humano é a soma de suas partes, ou seja, que o corpo é um todo, uma completude que confere ao sujeito sua existência no mundo, sua identidade. E é a partir do olhar sobre o corpo que podemos definir quem são os sujeitos que habitam nosso entorno, quem é criança ou adulto, jovem ou velho, homem ou mulher. Assim, é o olhar para o corpo do outro que *o* identifica. Mas, também, é o olhar para o corpo do outro que *nos* identifica, que permite saber quem somos, que nos leva à ilusão da completude, da plenitude do corpo e da satisfação do desejo. É a partir do olhar para o corpo do outro que também nos compreendemos, interpretamos a nós mesmos como sujeitos.

Mas há corpos que provocam um estranhamento, perturbam nosso olhar. É Courtine (2009b, p. 334-335) quem nos chama atenção para as formas de olhar para o corpo do outro. O autor afirma que através do olhar e de algumas construções linguísticas – palavras proibidas, eufemismos – repetimos um discurso normatizador sobre o corpo do outro. Assim, as sociedades constroem um discurso paradoxal sobre os corpos desviantes: é preciso aceitá-los, porque todos somos iguais, mas, ainda assim, fica registrada a perturbação do olhar sobre o corpo desviante.

Como corpos desviantes, entendemos aqueles que fogem aos padrões normatizadores instaurados ao longo da história. O corpo que desvia dos padrões inculcados pelas sociedades sempre é estigmatizado, sendo considerado bizarro ou monstruoso. Assim, o discurso sobre os corpos se constrói na relação com estereótipos, com padrões de “normalidade”, que são produzidos a partir de uma perspectiva médica, científica e biológica e passam a compor a própria história dos corpos.

Um exemplo de corpo que foge ao padrão é o corpo dos sujeitos transgêneros. A designação “transgênero” é utilizada para nos referirmos aos sujeitos que não se identificam com o gênero atribuído socialmente. Essa designação refere-se a várias

formas de manifestação das identidades em trânsito, englobando outras vivências da sexualidade, como os *crossdresser* e *drag queens*, por exemplo.

De acordo com Jesus (2012), o *crossdresser* é uma pessoa que, por exemplo, sente prazer em usar roupas femininas, mas identifica-se como homem, e geralmente tem uma vivência heterossexual com uma pessoa do gênero feminino. Já um *draq queen* ou *drag king* é uma pessoa que se veste de forma exagerada, com o objetivo de "transformar-se" em alguém do outro gênero (transformista), mas não necessariamente se reconhece como alguém desse outro gênero. O fato de esses artistas transformistas e *crossdressers* performarem de uma maneira ou outra não tem relação com a orientação sexual, podendo ser homo ou heterossexuais.

Dentro do universo de expressões da sexualidade que o fenômeno transgênero abrange, estão as pessoas transexuais, isto é, aqueles sujeitos que "reivindicam o reconhecimento social e legal" (JESUS, 2012, p. 15) como do gênero outro. Ainda que a história antiga nos forneça relatos de um comportamento transexual, é a partir de meados dos anos 50 do século XX que a noção de *transexualismo*[3] passa a se constituir no âmbito do discurso médico-científico. Em 1952, a equipe médica de Christian Hamburger promove o tratamento cirúrgico de Christine Jorgensen, que vem a se tornar o primeiro caso publicado de uma intervenção cirúrgica para a então "mudança de sexo". A partir desse caso, o endocrinologista alemão Harry Benjamin começa a estudar o *fenômeno* transexual[4], que passa a ser designado como "um distúrbio puramente psíquico da identidade sexual, caracterizado pela convicção inabalável que tem um sujeito de pertencer ao sexo oposto" (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 764). Conforme nos demonstra Bento (2006, p. 40), Benjamin institui a cirurgia como "única alternativa possível para os/as transexuais", em detrimento da posição de outros profissionais de saúde, que, muitas vezes, acreditavam que as intervenções corporais poderiam ser consideradas mutilações. Em 1966, Harry Benjamim publica o livro *The Transsexual Phenomenon*, que fornece os parâmetros necessários para diagnosticar o transexual "verdadeiro" (BENTO, 2006, p. 43).

---

[3] Utilizamos aqui o termo transexualismo propositalmente, pois é a forma denotativa de patologização, discursivizada pelo sufixo *–ismo*, sedimentada à época pelo discurso médico-científico.

[4] Entendemos que, ao referir-se à transexualidade como fenômeno, o discurso médico-científico nos dá pistas sobre o olhar de estranhamento que é designado ao sujeito transexual, como se o corpo desse sujeito se apresentasse como objeto para ser estudado, pesquisado e modificado de acordo com o olhar que é dado pela ciência.

O vocábulo “verdadeiro” já nos dá indícios de uma marca desse discurso, a qual nos acompanhará durante todo o processo desta escrita: a forte contradição que se inscreve na relação corpo-língua. A existência de um transexual “verdadeiro” nos indica que pode haver um transexual “falso”, “de mentira”. Esse par sintagmático oposicional “verdadeiro/falso” se principia no discurso da ciência, e, ao longo das análises de nosso *corpus*, compreenderemos a insistência dessa oposição no discurso sobre os sujeitos transexuais, bem como os desdobramentos e deslocamentos possíveis, provocados pela resistência do corpo e da língua.

O (falho) ritual para designação de um sujeito transexual como tal não começa apenas pelo sentimento do próprio sujeito. Não basta que se sinta e que se designe como pertencente a um corpo outro, a um gênero outro[5]. Segundo Jesus (2012, p. 12-13), há uma confusão entre os termos “identidade de gênero” e “orientação sexual”, sendo a expressão “orientação sexual” reservada para pessoas que possuem algum tipo de atração (afetiva e/ou sexual) por outra pessoa do mesmo sexo. Já a expressão “identidade de gênero” tem a ver com a identificação (formas de se identificar e de ser identificada) das pessoas na sociedade – que pode ser em relação aos gêneros masculino ou feminino. Do âmbito da Análise de Discurso, trabalharemos na tensão provocada por essas designações em relação à ideologia e à história, ou seja, no confronto que se dá entre corpo e sujeito. Não basta que esse sujeito mostre desconforto com a sua sexualidade, é preciso que o outro o nomeie, o permita, o designe. Esse outro é, em um primeiro momento, materializado no saber médico-científico, através dos diagnósticos, das declarações do CID (Código Internacional de Doenças). Por isso, neste trabalho, para que pudéssemos entender o discurso desses sujeitos, foi necessário que fizéssemos – a todo momento – a

---

[5] É importante lembrar que, no âmbito dos estudos de gênero, sexo é um significante biólogico, enquanto o gênero é uma construção social, isto é, o gênero é uma construção que depende de fatores culturais, sociais e de relações de poder. Bento afirma que os estudos de gênero são marcados por três momentos denominados pela autora como “universal, relacional e plural”. Para Bento (2006), o primeiro momento, nomeado como “universal” engloba os estudos iniciais que elaboraram “constructos para explicar a subordinação da mulher com base na tradição do pensamento moderno, que, por sua vez, opera sua interpretação sobre as posições dos gêneros na sociedade a partir de uma perspectiva oposicional/binária e de caráter universal” (p. 70). O segundo momento, definido como “relacional”, indica uma ruptura da visão da mulher como “portadora de uma condição universalmente subordinada” (p. 74), em que o gênero é estudado em relação à diferença sexual, o que leva ao entendimento de que a heterossexualidade continuaria seguindo como referência à construção das demais sexualidades, determinando identidades a partir de uma matriz de sentidos. O terceiro momento, classificado como “plural” é o momento do campo de estudos *queering*, cujo objetivo não é exclusivamente analisar a homossexualidade, mas, sim, pensar a construção do binarismo homossexualidade/heterossexualidade, “em que a heterossexualidade se revelará ao mesmo tempo como produtora da homossexualidade e como estrutura parasitária do seu outro perverso” (p. 81).

recuperação do discurso *sobre* esses sujeitos. Tal como uma sombra no discurso do sujeito transexual, o discurso sobre ele também lhe é determinante. São as marcas discursivas que acabam determinando a própria inscrição do corpo do sujeito, tornando esse corpo um impossível, um impossível que insiste (e resiste) em corromper a lógica disjuntiva (PÊCHEUX, 2012 [1983]). Afinal, que corpo é esse, *nem* de homem *nem* de mulher, mas, ao mesmo tempo, de homem *e* de mulher?

Não basta, portanto, que um sujeito diga "eu sou transexual" ou "me sinto mulher em um corpo de homem", por exemplo. Essas construções pertencem ao estranho da língua e da nossa formação social. Assim, a construção de um discurso médico-científico provoca um efeito de legitimidade a respeito do corpo desviante, que passa a ser negado ou consertado, ou, então, organizado para atender aos padrões normatizadores. São os saberes construídos através do discurso médico-científico que atuam como sustentadores para outros discursos que surgirão, recortados de nosso *corpus*. Isto ocorre porque é o saber médico-científico que detém a legitimação de uma verdade sobre os corpos e sobre os sujeitos, e, como demonstraremos nas próximas linhas, é o discurso médico, respaldado pelo saber da ciência, pelo seu discurso de autoridade, que classificará esse corpo que teima em não se adequar ao binarismo.

O discurso formulado em uma formação discursiva médico-científica tenta dominar o discurso *sobre* os corpos, e, através da lógica, tenta estabelecer formas corretas para os corpos. Portanto, o que entendemos como FD médico-científica é a inclusão de saberes do discurso médico e de saberes relacionados à biologia e outras ciências, as quais procuram explicar o funcionamento do corpo.

Assim, tal como a língua, saturada em seu impossível – o impossível da "neutralidade" – a ciência também é coercitiva: biologicamente, é impossível falar de um sujeito que tenha simultaneamente os cromossomos XX e XY. Ou somos XX ou somos XY. Outras possibilidades, que fogem a essa simbolização determinada cientificamente (e, portanto, ideologicamente), são consideradas anormalidades, patologias. A coerção da lógica disjuntiva, portanto, tem o seu princípio no discurso da ciência e se materializa no discurso dos sujeitos. E, nesse discurso, se é impossível simultaneamente XX e XY, é impossível ser homem e ser mulher ao mesmo tempo.

Em sua constituição, o discurso médico é um discurso de poder que tenta estabelecer as normas sobre o corpo, determinando aqueles que são normais e os que não são. Como afirma Foucault:

> Para se justificar como intervenção científica e autoritária na sociedade, para se justificar como poder e ciência da higiene pública e da proteção social, a medicina mental tem de mostrar que é capaz de perceber, mesmo onde nenhum outro ainda pode ver, um certo perigo; e ela deve mostrar que, se pode percebê-lo, é por ser um conhecimento médico. (FOUCAULT, 2010, p. 103).

Mas a medicina – sobretudo a psiquiatria e a endocrinologia –, tomada pela ilusão da totalidade do saber, foi convocada a responder, pela primeira vez em sua história, às angústias do corpo dos sujeitos transexuais:

> Pela primeira vez na história da psiquiatria, foram então indivíduos que não sofriam de nenhuma anomalia, nem patologia orgânica, que, dispostos ao suicídio no caso de seu sofrimento psíquico não ser tratado com soluções corporais, lançaram à ciência médica do mundo inteiro um autêntico desafio: ou a metamorfose, destinada a reparar uma injustiça da natureza, ou a morte e a autodestruição. (ROUDINESCO, 2008, p. 215).

Assim, para buscar o entendimento sobre o corpo, é realizada uma série de procedimentos médicos que começam com a construção do diagnóstico, que é feito através dos saberes instituídos por dois documentos principais (Cf. BENTO, 2006, p. 46-47): as Normas de Tratamento da HBIGDA[6] e no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, atualmente na quinta edição. Através da aplicação de questionários, da terapia, do diagnóstico, o sujeito passa a ser um candidato a transexual. O corpo desse sujeito passa a ser visto como um corpo recortado, sobre o qual será organizado um arranjo, em que cada discurso – cada questionário, cada palavra, cada sentença – será uma tentativa de reparo desse corpo. É importante lembrar que, até a quarta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM IV), o transexualismo, conforme o termo utilizado no referido manual, foi classificado como uma parafilia, sob o termo "Transtornos sexuais e de identidade de gênero", recebendo um código (F64.x) no CID. Ao classificar como "parafilia", o referido Manual coloca, sob a designação de

---

[6] Em 2006, ano da referida publicação, a sigla HBIGDA referia-se à Harry Benjamin International Gender Dysphoria Association, associação que passou-se a chamar World Professional Association for Transgender Health, Inc. (WPATH), organização formada por equipe multidisciplinar que promove a saúde dos sujeitos transexuais.

“transtorno parafílico”, alguns nomes como “pedofilia”, “masoquismo’, “fetichismo”. Já em 2013, com a publicação da quinta edição do mesmo manual (DSM V), as nomeações antes referenciadas como parafílicas passam a receber outras designações, como, por exemplo, a “pedofilia”, que passa a ser considerada “transtorno de pedofilia ou transtorno pedofílico”. Já a transexualidade passa, da designação geral de transtorno sexual, a ser considerada uma “disforia de gênero”. Contudo, a passagem de um transtorno a uma disforia, ainda que na ciência médica signifique uma mudança científica, deixa-nos claro que não houve grande mudança de ordem histórico-ideológica, sendo apenas criada mais uma forma de mascaramento para tratar a questão. Conforme Black e Grant:

> embora a terminologia e a caracterização do DSM quanto aos transtornos de identidade de gênero tenham variado ao longo do tempo, a natureza fundamental do transtorno – sofrimento em relação ao gênero designado – permanece uma característica consistente e unificadora. (BLACK; GRANT, 2015, p. 283).

Assim, os sujeitos transexuais seguem sendo tratados como portadores de uma doença mental que, contraditoriamente, é “curada” através de uma cirurgia no corpo. Além disso, notamos o esforço que há em designar, nomear essa transitoriedade do corpo, tentando, através da interpretação do estranhamento provocado, alcançar a estabilidade da cura, que poderia começar a ocorrer através da exata designação.

O processo que compreende o diagnóstico da transexualidade também passa pelos dos testes de “vida real”[7]. Nesses testes, o sujeito, ainda na posição de candidato a transexual, atua *como se* um homem *ou* mulher fosse. A comparação instituída pela expressão grifada nos deixa entrever a relação desse corpo com o binarismo, que se vincula à escolha por um imaginário de um entre os dois gêneros, os únicos que podem ser passíveis da realidade, da “vida real”. No entanto, essa necessidade de relação como os gêneros nesse antes e depois instituído contradiz o sentido transitório do prefixo *trans*, que marca essa identidade em trânsito. Nessa concepção, reside um outro par sintagmático oposicional: o real x o falso. O corpo anterior à “candidatura” do sujeito transexual passa a ser visto como o falso, pois, no teste de vida real, a vida que irá se

---

[7] O “teste de vida real” (em inglês, *real-life test*) faz parte dos procedimentos adotados no protocolo do processo transexualizador, instituído pela Associação Psiquiátrica Americana (APA) para instituição do “diagnóstico” de transexualidade. Entre outras etapas desse processo, podemos citar a terapia hormonal, testes de personalidade e exames de rotina. (BENTO, 2006, p. 48-50).

“encenar” é a que se deseja. Mas, ao mesmo tempo, o real é só um teste, em que o sujeito, a qualquer momento, pode ser “reprovado”, ou seja, pode ser negada ao transexual a autorização para realizar a cirurgia de redesignação sexual. Nesse caso, o sujeito transexual pode ser, inclusive, classificado como “travesti fetichista, travesti bivalente, transexual secundário ou mesmo um psicótico”. (LEITE JUNIOR, 2008, p. 193).

A “vida real” supõe um discurso de verdade, uma verdade que, de acordo com os saberes médico-científicos, estaria contida no sexo. O sentido de “real” (de vida real), assim, pertence ao discurso binário e dismórfico: está ligado à pertença ao sexo masculino ou feminino ou à identificação ao gênero masculino ou feminino. O teste da vida real deixa implícito também o sentido de que a vida atual do sujeito, em posição de candidato a transexual, é uma vida fictícia, ilusória, suspensa em busca de um sexo real.

Há um apagamento sofrido pelo sujeito, que se subordina ao discurso da ciênca e da medicina, o qual se revela em seu próprio discurso, quando afirma que “pertence a um corpo errado”, quando está “preso a uma alma de ‘homem’ num corpo de ‘mulher’”, quando refere-se a si como um “corpo estranho”[8]. Esse sujeito estranho de si mesmo vê a si como um “eu” que não se encaixa com o próprio corpo. Seu processo de identificação sofre com a cisão entre a memória do que é e o desejo do que ser.Esse discurso se sustenta a todo momento na relação intrincada entre a história e a atualidade, entre antes e depois, entre a vida “real” do teste (que, neste caso, é a ficção) e a vida real do sujeito (ficcionada pelo teste de vida real do discurso médico-científico). Notemos, portanto, uma inversão de sentidos, na qual a vida atual do sujeito é ficcionada para colocar-se em uma outra posição. Na posição de *sujeito candidato a transexual*, e, portanto, de *sujeito teste de vida real*, esse sujeito se coloca imaginariamente num lugar de um outro que não é senão o dele mesmo.

Em uma espécie de efeito de continuidade ao discurso médico-científico, percebemos a formulação do discurso jurídico. O discurso jurídico é amparado pelos saberes construídos no discurso médico-científico, pois há uma transposição das designações constituídas no discurso médico-científico para o discurso jurídico. Leite Júnior (2008, p. 63) afirma que, no século XIX, com o surgimento da criminologia, é criada a tese do “criminoso nato”. A partir dessa tese, os delinquentes em geral poderiam

---

[8] Essas formulações aparecem no decorrer de nosso *corpus* e serão analisadas em sequências discursivas ao longo deste trabalho.

ser identificados com base em características corporais. Quanto mais próximas de um corpo clássico, semelhante ao padrão greco-romano, mais chances teriam os sujeitos de serem classificados como honestos. Se, por outro lado, as características corporais fugissem ao padrão determinado, maiores as chances de o sujeito ser identificado como culpado.

Os discursos médico-científico e jurídico sobre o corpo se articulam através de uma complementaridade. O saber médico suporta o discurso jurídico em suas decisões e punições. É o saber médico-científico que se estabelece como uma referência aos demais discursos. Por isso, definimos o discurso médico-científico como *sustentador*, já que é através desse discurso que os outros se constituem e se (re)formulam.

Historicamente, os corpos que fogem à regra se estabelecem, no discurso jurídico, a partir da sua relação com o discurso médico-científico, como um espaço no qual a lei não consegue atuar. Foucault (2010, p. 285) diz, sobre os hermafroditas, que seriam comparáveis a monstros humanos, já que seriam uma exceção à regra e, como exceção, o discurso jurídico não saberia como tratar leis que regem o casamento, o registro, o batismo, por exemplo. Por esse motivo, seriam corpos de funcionamento do "impossível e do interdito" (FOUCAULT, 2010, p. 285), já que fugiriam às normas estabelecidas, aos padrões pré-determinados. Segundo o autor, para a sociedade burguesa, principalmente do início do século XIX, esses corpos deveriam ser condenados.

Para Foucault (2010, p. 53), "monstro não é uma noção médica, mas uma noção jurídica". Segundo o autor, o direito romano estabelecia duas categorias que se distinguiam: o disforme (enfermo, defeituoso) e o monstro. E o monstro, da Idade Média ao século XVIII, é aquele que tem características mistas:

> É a mistura de duas espécies, é o misto de duas espécies: o porco com cabeça de carneiro é um monstro. É o misto de dois indivíduos: o que tem duas cabeças e um corpo, o que tem dois corpos e uma cabeça, é um monstro. É misto de dois sexos: quem é ao mesmo tempo homem e mulher é um monstro. (FOUCAULT, 2010, p. 54).

O estabelecimento do conceito de hermafrodita como monstro durará até o início do século XIX. O hermafroditismo passou a ser chamado de "hermafroditismo psicossexual" em oposição ao travestismo: um fenômeno em homens "convencidos de terem uma alma de outro sexo estariam dispostos a se mutilar para corrigir o erro monstruoso que a natureza lhes infligira". (ROUDINESCO, 2008, p. 213). Desde 1949,

a síndrome do hermafroditismo psíquico faz parte da lista de perversões sexuais, passando a ser definida como transexualismo (ROUDINESCO, 2008).

E, nesse caso mesmo, podemos perceber que o discurso jurídico se produz, algumas vezes, como um discurso de escape a essas tentativas de controle do corpo. Ao incorporar a seu discurso os acontecimentos históricos e sociais, os saberes construídos no discurso jurídico permitem que outros olhares incidam sobre o sujeito transexual. A constante mudança que ocorre na formação social, com a inclusão de novos modos de subjetivação, permite que o discurso jurídico esteja sempre se reconstruindo, e, ao contrário do discurso médico-científico, apresente mais flexibilidade do que as determinações da ciência, as quais são concebidas através de efeito absoluto de verdade. Por isso, os sentidos construídos no discurso jurídico nem sempre repetem o discurso estabelecido na FD médico-científica.

Distanciando-nos brevemente das designações do discurso médico-científico, passamos a demonstrar como o termo "pessoa trans", utilizado tanto no âmbito das teorias de gênero quanto pelos próprios sujeitos transexuais, torna-se importante para marcar a necessidade do afastamento do discurso médico-científico. O termo "pessoas" é utilizado para não (pré)definir o gênero, evitando relacioná-lo ao sexo biológico. Além disso, confere um aspecto de humanidade e respeito aos sujeitos transexuais, que muitas vezes têm seus corpos comparados a aberrações, monstros, deformidades.

Assim, "pessoa" é um substantivo que serve a qualquer gênero. "Pessoa", portanto, designa um indivíduo, um ser humano, mas não identifica um gênero binário e excludente: não se diz pessoa homem ou pessoa mulher. Há, simplesmente, *pessoa*. A discursivização desse termo para referir-se aos sujeitos transexuais ainda engloba uma questão identitária, uma vez que as pessoas *trans* constroem seus processos de identificação, sobretudo, a partir da vivência do gênero, evitando a polarização proposta por outros elementos da língua, marcadamente binarizados, como pronomes pessoais, demonstrativos e grande parte dos substantivos, por exemplo.

Segundo Jesus (2012), levando em consideração a diversidade dos gêneros, a transexualidade pode ser compreendida a partir de dois aspectos gerais: a identidade e a funcionalidade. A identidade seria a caracterização de pessoas transexuais e de travestis, e a funcionalidade representaria outras manifestações do gênero, como os *crossdresser*, *drag queens*, *drag kings* e transformistas. A diversidade de gênero e as inúmeras formas

de representar os corpos e as sexualidades não podem estar atreladas a concepções puramente biologicistas. Por isso, a importância do desdobramento dessas questões no campo das ciências humanas.

De acordo com o vocabulário jurídico de Silva (2005), a categoria jurídica de "pessoa" diz respeito ao "*ser*, a que se reconhece aptidão legal para ser *sujeito de direitos*, no que se difere da *coisa*, tida sempre como *objeto* de uma relação jurídica". (SILVA, 2005, p. 1038, grifos do autor). O autor afirma que, como pessoa, nenhum ser humano pode ser excluído da vida jurídica, para que possam incutir-lhe tanto as obrigações quanto os direitos.

Como definição de "pessoa natural", o autor diz que é "o ente humano ou homem, juridicamente considerado e encarado como sujeito de direito por excelência". O autor ainda afirma que a pessoa natural "adquire a *personalidade civil*, em que se assenta sua aptidão jurídica, *pelo nascimento com vida*, tendo, no entanto, garantidos seus direitos, mesmo antes de nascer" (SILVA, 2005, p. 1042, grifos do autor). Tais direitos são assegurados à pessoa natural e só findam com a morte.

Ainda na mesma publicação, temos a definição de pessoa social:

> Denominação aventada para designar a pessoa jurídica, em oposição à pessoa física ou natural. A rigor, não é expressão fundada em razão, que autorize adoção. *Social* é o que vive em sociedade, participa da sociedade, meio em que, forçosamente, deve viver toda pessoa. Assim, social é também pessoa natural, isto é, o homem. (SILVA, 2005, p. 1042, grifos do autor).

As designações de pessoa natural e social, como podemos ver, sobrepõem-se, uma vez que o próprio autor as equipara no aspecto jurídico. Essa sobreposição demonstra a contradição desse discurso, já que, não havendo distinções de ordem intradiscursiva, essas determinações ocorrem através da paráfrase, pois se repetem. Assim, destacamos que a categoria de pessoa está definida, no discurso jurídico, a partir da noção de "distinção": distingue-se da coisa, do objeto. Simplificadamente, a pessoa é o que adquire personalidade.

No entanto, a designação *pessoa social* nos remete à questão da transexualidade, através da relação com o "nome social", instância jurídica que reconhece, pelo nome escolhido pelo sujeito transexual, a nova identidade que está sendo construída.

Dentro das diversas nuanças do discurso jurídico, no que se refere à questão da transexualidade, uma em especial nos chama a atenção. O Decreto nº 49.122[9], de 17 de maio de 2012, do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, institui a carteira do nome social para travestis e transexuais. A carteira é usada como documento de identificação e tem validade apenas no Rio Grande do Sul. Esse documento vem somar-se ao Decreto nº 48.118, datado de 27 de junho de 2011, que "dispõe sobre o tratamento nominal, inclusão e uso do nome social de travestis e transexuais nos registros estaduais relativos a serviços públicos prestados no âmbito do Poder Executivo Estadual e dá outras providências" (RIO GRANDE DO SUL, 2011). No entanto, o nome social revela uma falta porque não funciona na totalidade, apenas em espaços determinados. Por isso a restrição se produz através do adjetivo "social", lançando outros sentidos. Entendemos que, dessa maneira, ao qualificar o nome, tenta-se normalizar o sujeito que possui esse nome, pois há um *efeito de adequação* entre o sexo e a identidade, o que, em alguns espaços e em alguns momentos, faz com que esse sujeito se submeta à norma do binarismo.

Esse conjunto de documentos – e, portanto, de discursos –, marca um distanciamento da designação "pessoa natural". A concepção de "pessoa social", aliada aos movimentos sócio-históricos que consideram os sujeitos transexuais, caracteriza uma nova vertente ao discurso jurídico, permitindo novos desdobramentos desse dizer.

A partir das definições criadas no discurso jurídico, percebemos que a categoria jurídica de pessoa é tratada no seio de uma contradição – mas sob uma aparente homogeneização dos sentidos. Parece-nos que tais categorias igualam a pessoa ao ser humano, diferindo-a da coisa, do objeto. Nesse sentido, pessoa ou pessoa natural ou pessoa social sempre acabam se igualando, de acordo com as definições apresentadas, ao ser humano, ao termo genérico *homem*. Ora, e se essas definições se aplicam ao ser humano, por que torna-se tão penoso aos transexuais um registro civil de acordo com o gênero com o qual se identificam? Além disso, é importante lembrar que nem todas as pessoas transexuais querem passar pela cirurgia de redesignação sexual para terem seus documentos de identificação trocados, consolidando o entendimento de que "o que

---

[9] A íntegra do decreto pode ser acessada em: http://siabi.trt4.jus.br/biblioteca/direito/legislacao/decreto/estadual/dec_rs_2012_49122.pdf

determina a identidade de gênero transexual é a forma como as pessoas se identificam e não um procedimento cirúrgico". (JESUS, 2012, p. 16).

Sobre essa discussão, vale citar as palavras de Zambrano:

> Sabendo-se da facilidade para aceitar a primeira declaração do sexo da criança, feita pela pessoa que faz o registro, sem nenhum tipo de conferência ou confirmação por parte do órgão público, é, no mínimo surpreendente a dificuldade para mudar esse registro posteriormente, como no caso dos transexuais. Ela se apoia em dois princípios jurídicos: o da indisponibilidade do estado das pessoas e o da indisponibilidade do direito ao próprio corpo. (ZAMBRANO, 2003, p. 82).

A Enciclopedia de Bioderecho y Bioética (CASABONA, 2011) mostra-nos que a transexualidade vem sendo discutida no âmbito dos direitos da pessoa, "como expresión principalmente del libre desarrollo de la personalidad y respeto a la dignidad humana". (CASABONA, 2011, p. 315). A publicação demonstra que as mudanças jurídicas em torno da transexualidade são desestabilizadas e ocorrem diferentemente em vários países. De qualquer forma, os sentidos de *pessoa* e de *transexualidade*, formulados no discurso jurídico, estão, de maneira geral, pautados por elementos determinados pelo discurso médico-científico.

Atualmente, estão em circulação alguns projetos de lei (PL) a respeito da alteração do prenome e do sexo em documentos oficiais pertencentes a sujeitos transexuais. O PL 70/1995 propõe a alteração de nome e sexo nos documentos, desde que a pessoa transexual tenha se submetido à cirurgia de redesignação sexual. Apensados a esse PL, encontram-se o PL 3272/97, que propõe a troca de nome por sentença judicial; o PL 5872/05, que tem por objetivo proibir a troca de nome de pessoas transexuais; e o PL 6655/06, que propõe a alteração do prenome e do sexo, tendo o sujeito se submetido à cirurgia, realizando a averbação no livro de nascimento, constando a menção à pessoa transexual. Esses projetos encontram-se atualmente na Mesa Diretora da Câmara dos Deputados[10].Outro projeto de lei referente à questão da transexualidade está tramitando no Plenário[11] é o PL 5002/13, que "dispõe sobre o direito à identidade de gênero e altera

---

[10]Consulta realizada no seguinte endereço: http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=15009. Acesso em: 01 abr. 2015.

[11]Consulta realizada no seguinte endereço: http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=565315. Acesso em: 01 abr. 2015.

o art. 58 da Lei nº 6.015 de 31 de dezembro de 1973" e está, por sua vez, apensado ao PL 4241/12, que "dispõe sobre o direito à identidade de gênero". Em relação à alteração do prenome, o PL 5002/13 propõe que a pessoa interessada em modificar seu registro civil possa requisitar junto ao cartório a mudança de nome e sexo, sem a necessidade de ter passado por intervenção hormonal e/ou cirúrgica e dispensando a abertura de processos administrativos ou judiciários. Caberia ao cartório efetuar as mudanças e comunicar aos órgãos públicos a expedição de documentos com o nome escolhido.

1.2 A ordem do corpo do sujeito: o trabalho das formações discursivas

Demonstraremos, nesse momento, como a categoria sujeito é constituída a partir das relações com outras noções elementares da Análise de Discurso: formação social, ideológica e discursiva. A noção de *formação* possibilita a compreensão da relação do sujeito com a ideologia, através da interpelação. Na configuração da estrutura social descrita por Pêcheux, há uma sustentação das formações em que, de uma maneira mais ampla, a formação social abrange a formação ideológica.

A formação social está relacionada ainda a outras noções-chave da AD, como a noção de condições de produção (CP) e a de formações imaginárias. As condições de produção de um discurso estão relacionadas às circunstâncias em que esse discurso é produzido, ou seja, como afirma Pêcheux (2010 [1969], p. 78), "o mecanismo de colocação dos protagonistas e do objeto do discurso". Os protagonistas do discurso são os sujeitos que possuem seus lugares definidos na formação social. Apresentando o discurso como efeito de sentido entre esses lugares que estão representados no processo discursivo, Pêcheux diz que figura aí uma série de formações imaginárias, ou seja, um processo pelo qual os sujeitos "se atribuem cada um [um lugar] a *si* e ao *outro*". (PÊCHEUX, 2010 [1969], p. 81, grifos do autor).

Diz ainda Pêcheux que "todo processo discursivo supõe a existência dessas formações imaginárias". (PÊCHEUX, 2010 [1969], p. 82). Através das formações imaginárias, o sujeito é designado a ocupar esses lugares, não havendo discurso que não apresente, em sua organização, um esquema de construções imaginárias em que são levadas em consideração: a imagem de um sujeito A para si e a imagem do lugar do sujeito B para o sujeito A; e a imagem do sujeito B para si e a imagem do sujeito A para

o sujeito colocado em B. Conforme Pêcheux (2010 [1969], p. 86), a estruturação dessas imagens e o modo como se relacionam no discurso permitem verificar as relações de força (exteriores à situação do discurso) e as de sentido (que se manifestam nessa situação).

Ao falarmos em formações imaginárias, ainda estamos trabalhando nas fronteiras da noção de formação social, pois estamos compreendendo o funcionamento da relação entre as construções imaginárias e sociais. E, ao considerarmos que a formação social em que estamos inseridos é uma formação social capitalista, fortemente marcada pelas relações de produção, observamos que o corpo passa a adquirir status de mercadoria. Como produto dessa rede de produção, o corpo está submetido às condições e às imposições da ideologia. Esta, por sua vez, impõe-se, segundo Althusser, a partir dos Aparelhos Ideológicos de Estado, que atuariam na medida da manutenção, isto é, da reprodução das condições de produção:

> Para simplificar nossa exposição e se considerarmos que toda formação social é resultado de um modo de produção dominante, podemos dizer que o processo de produção aciona as forças produtivas existentes em e sob relações de produção definidas. Segue-se que toda formação social para existir, ao mesmo tempo que produz, e para poder produzir, deve reproduzir as condições de produção. Ela deve, portanto, reproduzir: 1) as forças produtivas; 2) as relações de produção existentes. (ALTHUSSER, 1985, p. 54).

Althusser diz que "a ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos". (1985, p. 93). Isso significa dizer, na concepção althusseriana, que há uma cisão entre os conceitos de indivíduo e sujeito. Assim, o rompimento com a noção de indivíduo aparece, no trabalho de Althusser, como uma fissura fundamental sobre a qual a categoria de sujeito se edifica. A noção de assujeitamento é o cerne dessa fissura sobre a qual o indivíduo só pode ser sujeito através da sujeição:

> Todo mistério do funcionamento ideológico está, portanto, na ambiguidade da categoria de sujeito: "o indivíduo é interpelado como sujeito (livre) para que se submeta livremente às ordens do sujeito, portanto, para que aceite (livremente) sua sujeição e, portanto, para que 'cumpra por si mesmo' os gestos e atos de sua sujeição. Só existem sujeitos para, e através da sujeição". (ALTHUSSER, 1985, p. 44-45).

Dessa forma, Althusser "não vê na própria noção de sujeito senão a manifestação da ideologia". (HAROCHE, 1992, p. 178). Isso significa dizer que o assujeitamento é condição para a composição da noção de sujeito, o qual, ainda que interpelado pela

ideologia, isto é, determinado por sua relação com a história, tem a ilusão de não estar submetido à ideologia.

No entanto, segundo Pêcheux, a ideologia não opera de modo apenas a reproduzir as condições de produção. Para definir essa questão, o autor demonstra que, abrigadas dentro de determinada formação social, encontram-se as formações ideológicas. Segundo o autor:

> Resumindo: a objetividade material da instância ideológica é caracterizada pela estrutura de desigualdade-subordinação do "todo complexo com o dominante" das formações ideológicas de uma formação social dada, estrutura que não é senão a da contradição reprodução/transformação que constitui a luta ideológica de classes. (PÊCHEUX, 2009 [1975], p. 134).

Assim, as formações ideológicas são formas historicamente concretas que estão relacionadas aos processos materiais e históricos que atuam não apenas na repetição, mas também na transformação dos sentidos. Em nosso trabalho, entendemos que o corpo pode estar relacionado a duas formações ideológicas: uma que o toma como lugar para o sujeito, ou seja, o corpo como existência do sujeito, e outra que toma o corpo como exterior ao sujeito, como mercadoria.

Na FI que toma o corpo como mercadoria, percebemos que o corpo passa a ser visto como um produto que será consumido, ao qual é atribuído valor de mercado. Se pensarmos que, até o ano de 1997, as cirurgias de redesignação sexual eram proibidas no Brasil[12], e que, atualmente, são oferecidas em poucos hospitais públicos pelo Sistema Único de Saúde (SUS)[13], entendemos que muitos sujeitos recorrem a hospitais e clínicas privadas para ter seus corpos operados. Assim, o corpo passa a ser visto como objeto, que pode ser transformado, acessível economicamente apenas a determinados sujeitos. Pêcheux, ao conceber o discurso como materialidade significante, ou seja, situando o

---

[12] Dados obtidos no Portal Brasil, do Governo Federal. Disponível em < http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/03/cirurgias-de-mudanca-de-sexo-sao-realizadas-pelo-sus-desde-2008>. Acesso em:17 dez. 2015.

[13] De acordo com o Portal Brasil, os hospitais públicos que oferecem as cirurgias de redesignação sexual, através do Processo Transexualizador, são: Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás, Goiânia (GO); Hospital de Clínicas de Porto Alegre, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (RS); Hospital Universitário Pedro Ernesto, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (RJ); Fundação Faculdade de Medicina, da Universidade de São Paulo (USP); e Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em Recife (PE). Disponível em < http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/03/cirurgias-de-mudanca-de-sexo-sao-realizadas-pelo-sus-desde-2008>. Acesso em: 17 dez. 2015.

discurso na concretude das relações sociais e considerando sua posição teórica ao lado da linguística, amplia o pensamento de Althusser, afirmando que a ideologia não é somente reproduzida, mas, também, transformada:

> Si esto es así, el marxismo leninismo concibe necesariamente a la contradicción como desigual, lo cual, en el campo de la ideología corresponde al hecho que los Aparatos Ideológicos de Estado son plurales por naturaleza; no forman un bloque o una lista homogénea, sino que existen en relaciones de contradicción-desigualdad-subordinación tales, que sus propiedades regionales (su especialización en la religión, el conocimiento, la moral, el derecho, la política, etc.) contribuyen de modo desigual a los desarrollos de la lucha ideológica entre las dos clases antagónicas e intervienen de modo desigual en la reproducción o la transformación de las relaciones de producción. (PÊCHEUX, 1980, p. 195).

Assim, em certa medida, é necessário que o sujeito reproduza a ideologia dominante para mostrar as formas de resistência, de forma que esse antagonismo seja a própria sustentação da ideologia. No nível do intradiscurso, aparecerão repetições e paráfrases, as quais, num movimento de contradição e de transferência, podem significar o mesmo, mas também o diferente. É por esse motivo que, no discurso dos sujeitos transexuais, pode haver tanto a reprodução dos sentidos derivados de uma formação discursiva que fala *sobre* eles quanto os inesperados sentidos da subversão e da transformação que deslizam para o novo.

Despojado da noção de individualidade e subjetividade, o sujeito é concebido por Henry como um “efeito ideológico elementar” (PÊCHEUX, 1980, p. 31). Isso nos indica que sujeito não é um indivíduo consciente, responsável por suas escolhas e atitudes, mas, sim, que é “enquanto sujeito que qualquer pessoa é interpelada a ocupar um lugar determinado no sistema de produção” (PÊCHEUX, 1980, p. 31).

Pêcheux nos diz que “não se fica quite com o materialismo histórico pela simples referência às condições de produção sócio-históricas do discurso” (PÊCHEUX, 2009 [1975], p. 230), fazendo assim uma autocrítica a seu próprio trabalho, datado de 1969. O autor afirma que “é preciso explicitar o conjunto complexo, desigual e contraditório das formações discursivas em jogo numa situação dada, sob a dominação do conjunto de formações ideológicas, tal como a luta ideológica de classes determina” (PÊCHEUX, 2009 [1975], p. 230).

Conforme Orlandi:

> Como sabemos, a formação discursiva – lugar provisório da metáfora – representa o lugar de constituição do sentido e de identificação do sujeito. Nela o sujeito adquire identidade e o sentido adquire unidade, especificidade, limites que o configuram e o distinguem de outros, para fora, relacionando-os a outros, para dentro. Essa articulação entre um fora e um dentro são efeitos do próprio processo de interpelação. (ORLANDI, 2002, p. 69).

Sendo assim, o sujeito não escolhe a formação discursiva que o determina – ele se afilia, inscreve-se aos sentidos dessa formação, na articulação entre a língua e a história. Através da materialização de discursos que o assujeitam e determinam o seu dizer, o sujeito tem a ilusão de constituir um discurso autêntico.

Essa ilusão ocorre através do funcionamento daquilo que Pêcheux denominou como os dois esquecimentos. O primeiro diz respeito à noção de "sistema inconsciente" e caracteriza o fato de o "sujeito não poder se encontrar no exterior da formação discursiva que o determina" (PÊCHEUX, 2009 [1975], p. 162). Nesse sentido, o sujeito tem a ilusão de dominar o que está dizendo, já que está determinado pela formação discursiva. Já o segundo esquecimento diz respeito à possibilidade de o sujeito "selecionar no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e sequências que nela se encontram em relação de paráfrase – um enunciado, forma ou sequência, e não um outro". Dessa forma, através do esquecimento número 2, o falante tem a ilusão de controlar o sentido daquilo que está dizendo, como se pudesse comandar a interpretação.

O efeito da forma-sujeito, a forma central de uma formação discursiva, com a qual o sujeito se identifica através do seu discurso, ocorre, portanto, mediante o funcionamento desses esquecimentos na formulação do discurso. O esquecimento número 2 intervém mascarando o esquecimento número 1, de modo que o sujeito tem a ilusão da liberdade, da autonomia, corroborando para a constituição de um imaginário de que tem o controle daquilo de que fala.

Esse imaginário de uma língua inequívoca representa o que o sujeito tenta simbolizar: o sentido. E o "simbólico é aquilo que, na linguagem, representa o sujeito como efeito" (HENRY, 1992, p. 165), ou seja, a representação daquilo que foi dissimulado através da ilusão da evidência dos sentidos. Esse efeito, às vezes, não recobre

a totalidade dos sentidos e denuncia o equívoco, o furo no simbólico[14], em que surge o estranhamento. Nesse estranhamento, reside a falha que se manifesta discursivamente. E é justamente sobre a falha que o sentido se edifica. Portanto, para caracterizar a subjetividade, no âmbito da AD, não podemos falar de um sujeito individual, mas do modo como esse sujeito se articula nessa rede de sentidos, na qual tem a ilusão do que diz. Por isso, está relacionada às tomadas de posição – as quais são perceptíveis através das marcas deixadas no discurso. Conforme Orlandi:

> Uma vez interpelado em sujeito, pela ideologia, em um processo simbólico, o indivíduo, agora como sujeito, determina-se pelo modo como, na história, terá sua forma individual(izada) concreta: no caso do capitalismo, que é o caso presente, a forma de um indivíduo livre de coerções e responsável, que deve assim responder, como sujeito jurídico (sujeito de direitos e deveres), diante do Estado e de outros homens. Nesse passo, resta pouco visível sua constituição pelo simbólico, pela ideologia. Temos o sujeito individualizado, caracterizado pelo percurso bio-psico-social. O que fica de fora quando se pensa só o sujeito já individualizado é justamente o simbólico, o histórico e a ideologia, que tornam possível a interpelação do indivíduo em sujeito. (ORLANDI, 2002, p. 72).

As posições-sujeito são as marcas de interpelação do sujeito com a FD dominante. Essa interpelação pode ocorrer através de três modalidades que caracterizam as tomadas de posição do sujeito no discurso. As duas primeiras modalidades, diz-nos Pêcheux (2009 [1975], p. 199), são "evidentes". A primeira modalidade consiste em uma tomada de posição sob a forma do "livremente consentido", isto é, sujeito "sofre cegamente a determinação" (PÊCHEUX, 2009 [1975], p. 199) da ideologia, sem questionar. Segundo Pêcheux, essa modalidade refletiria o discurso do "bom sujeito".

A segunda tomada de posição refere-se ao discurso do "mau sujeito", o qual, diferentemente da primeira modalidade, volta-se contra o sujeito universal, realizando uma operação de contra-identificação com a formação discursiva. O discurso do "mau sujeito" "luta contra a evidência ideológica", questionando e afastando-se das formas ideológicas do discurso.

---

[14] Para Lacan (2005), real e imaginário formam, juntamente com o simbólico, os três registros que sustentam a noção do inconsciente. Juntos, representam o nó borromeano – figura através da qual Lacan demonstra que esses três registros contêm suas especificidades, mas devem manter-se articulados através dos elos que o sustentam. Caso algum desses elos se rompa, os outros também não podem se sustentar.

A terceira modalidade constitui-se em uma forma de desidentificação da formação discursiva. Pêcheux (2009 [1975], p. 202) sublinha que tal forma não diz respeito ao desaparecimento da ideologia, mas, sim, ao seu funcionamento "sobre e contra si mesma" (PÊCHEUX, 2009 [1975], p. 202). As forças ideológicas atuando em um processo de deslocamento e transformação, em que a tomada de posição representa a ruptura com uma certa formação discursiva, ao mesmo tempo que indica a adesão à outra.

Trazendo essa questão para nosso objeto de estudo, podemos afirmar que o sujeito transexual tenta compreender os processos pelos quais passa, na tentativa de fechar os sentidos, de interpretá-los de modo a entender a angústia de ocupar um lugar transitório, entre as categorias lógico-disjuntivas estabelecidas pelo binarismo sexo-gênero/feminino-masculino/homem-mulher. Nessa série de pares, que parecem antagonizar sentidos, em um jogo de exclusão no qual prevalece uma relação polar (o que não é masculino é, então, feminino), o sujeito transexual parece despossuído de um lugar seu, em que possam ser abrigados os sentidos da ambivalência e da contradição.

Assim, não há um sujeito-homem ou um sujeito-mulher. Há posições-sujeito que estão situadas dentro de uma formação discursiva dada, dentro de uma formação social. O sujeito, portanto, assume posições dentro um espaço complexo, em uma formação discursiva, isto é, (in)determinando-se conforme uma formação ideológica dada.

De um lado, encontramos a sua luta em marcar um lugar na sociedade, a luta em deixar de ser invisível, desejando sair das bordas de um sistema para integrar um centro. De outro, o discurso dominante, composto por saberes que se pretendem hegemônicos, tais como os formulados nos discursos médico-científico e jurídico. Tais sentidos repousam no interdiscurso, isto é, "um conjunto de discursos possíveis" (PÊCHEUX, 2010 [1969], p. 78), mas que, a cada nova formulação no discurso, (re)aparecem, como se estivessem no "sempre-já-aí da interpelação ideológica que fornece-impõe a 'realidade' e seu 'sentido' sob a forma da universalidade". (PÊCHEUX, 2009 [1975], p.151). Isso significa dizer que alguns sentidos se colam ao discurso do sujeito como se não houvesse outra forma de dizê-los.

Esse é o caso da expressão "corpo errado", que retoma um saber construído *sobre* o transexual, e que aparece como uma regularidade em seu dizer, como um efeito de evidência sobre o corpo:

SD1[15] - O “corpo errado”

> ***Sujeito-entrevistador**: Óh... óh... um pouquinho de modos... compostura... como se dizia... ahn é Felipe... e quando é que você percebeu, Filipa... que o Felipe não tava combinando?*
> ***Sujeito entrevistado**: Desde nova... desde novinha eu vi que tinha alguma coisa diferente no meu corpo... e eu não sabia como mudar e não sabia também me expressar um pouco... porque na infância a gente não sabe não tem por onde ir... fugir... não tem é... a família... não tem ninguém que você pode correr atrás pra ver o que que tá acontecendo... você vê que seu corpo tá errado... tem alguma coisa errada em você... né...*

Podemos dizer que, na sequência acima, a expressão “corpo errado” se apresenta como um pré-construído, ou seja, funciona como um elemento inscrito exteriormente no interdiscurso, que se lineariza, como se estivesse naturalmente presente no discurso do sujeito, através de um efeito de adequação.

Dessa forma, o adjetivo “errado” parece ser a expressão correta para qualificar o substantivo “corpo”, afinal, é essa construção que carrega os sentidos sobre os transexuais e que sedimenta aquilo que pode e deve ser dito sobre eles. O sujeito, por sua vez, repete esse discurso, pois acredita que é detentor, sim, de um corpo errado, um corpo que implicitamente aparece como oposto ao corpo certo, ao corpo “normal”, em conformidade com o que é sedimentado no discurso médico-científico. Portanto, no discurso dos transexuais, esses saberes revelam sentidos *sobre* esses sujeitos, os quais, por sua vez, falam de um lugar onde são considerados invisíveis.

Dessa forma, há um cruzamento de sentidos que ocorre já no plano da formação social. Os sujeitos transexuais encontram barreiras para falar de si mesmos ao encontrar outros espaços falando *sobre* eles. E é a partir desses espaços de discursividade, que constroem os sentidos *sobre* a transexualidade, que os sujeitos passam a produzir os sentidos. É, portanto, a partir do discurso do outro que o sujeito transexual tenta encontrar um lugar para falar de si.

Falamos da incidência do olhar do outro na constituição do corpo do sujeito transexual. O olhar que necessita da uniformidade do corpo para identificá-lo na

---

[15] Sequência discursiva selecionada da entrevista concedida por Filipa Tavares ao apresentador Jô Soares. As entrevistas estão contextualizadas em anexo e foram transcritas considerando o objetivo linguístico e discursivo deste trabalho. Por isso, as normas fonológicas não foram seguidas.

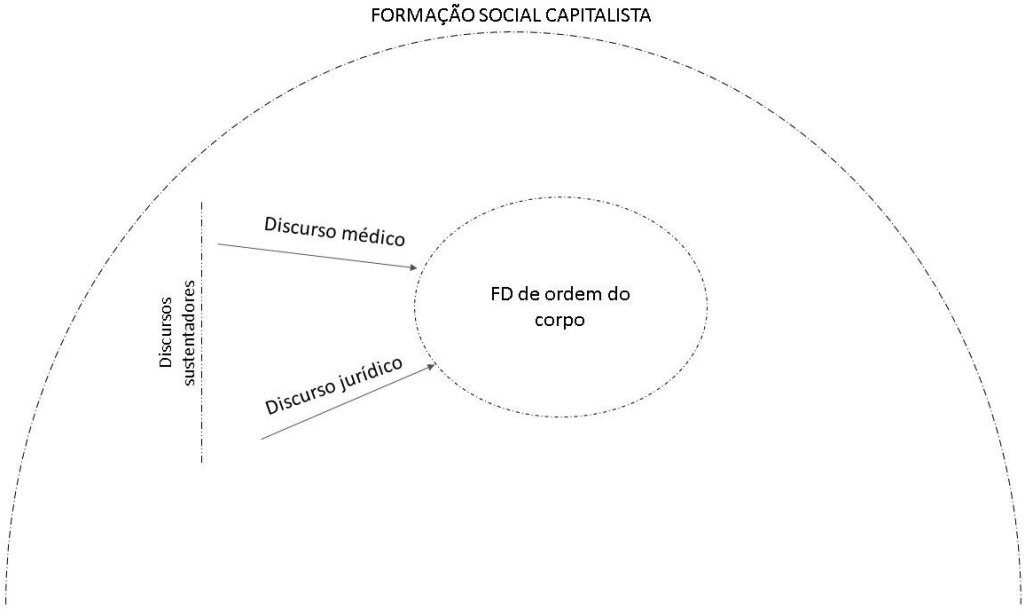
sociedade como “normal”. Também vimos que esse é o movimento do discurso: através das palavras, nomeamos para saber, para compreender. Esse conjunto – formado por saberes que identificam e circundam aquilo que pode e deve ser dito a respeito de algo – é a formação discursiva, já que são essas relações histórico-ideológicas de sentido que determinam o dizer sobre o corpo.

Até aqui, apresentamos como os saberes médico-científico e jurídico discursivizam o corpo, o sujeito transexual e a transexualidade a partir de seus discursos. É preciso agora que façamos uma delimitação, porque, ao falarmos de discurso médico-científico e jurídico, temos um extenso campo que pode abrigar diversos saberes. Além disso, estamos tratando desses discursos em relação à perspectiva de sujeito desejante ao mesmo tempo interpelado pela ideologia.

Isso significa que as relações entre sujeito e ideologia ocorrem através da determinação do complexo das formações ideológicas e discursivas. Por esse motivo, entendemos que a formação discursiva “evidencia” um sentido de organização do corpo, já que, na perspectiva do saber médico-científico e jurídico, o sujeito transexual é visto como o portador de uma patologia, um paciente que possui uma doença que deverá ser curada através de um tratamento hormonal e/ou cirúrgico ou da mudança de nome. Contudo, o corpo ainda permanece visto como um corpo roto, deslocado, que precisa ser ordenado. Tal como a estrutura da língua de que nos fala Orlandi (1996, p. 46), através dessa organização dos corpos em suas partes, sem seus pedaços, passa-se a instituir um sentido de ordem do corpo.

A expressão “corpo errado” ou as aparentes confusões que são atribuídas à transexualidade, colocando-a sob a mesma égide da homossexualidade, são os indícios do que denominamos **FD de ordem do corpo (FD-OC).** Assim, o corpo considerado desviante, errado, equivocado do transexual pode ser submetido a uma ordem determinada pelo discurso médico-científico e pelo discurso jurídico. A FD-OC está relacionada à formação social capitalista, conforme demonstramos na figura a seguir:

Figura 1 – FD de ordem do corpo na FS capitalista



Fonte: Elaborada pela autora.

A ordem de um corpo também passa pelo confronto com aquilo que é sua fronteira, seu limite. Faz parte desse trabalho também nomear, criar as bordas para o que está sendo dito, estabelecer a ordem. E, no caso do discurso dos sujeitos transexuais, identificar as diferenças entre os modos de subjetivação. Soa, nas palavras do sujeito transexual, o discurso do outro, o discurso daquele que formula os saberes *sobre* esses sujeitos. Esses saberes retornam no discurso dos sujeitos como se estivessem naturalmente colocados ali, conforme podemos analisar na sequência discursiva abaixo:

SD2[16] - O "limite" da (trans)sexualidade

> ***Sujeito entrevistador****: e você tá falando da Itália? você vivia na Itália?*
> ***Sujeito entrevistado****: eu vivia na Itália...*
> ***Sujeito entrevistador:*** *cresceu na Itália?*
> ***Sujeito entrevistado****: cresci na Itália... e a família... a família aquela coisa: espera que seja gay... não passa pela cabeça que vai ser transexual... eu acho que eles nem... é uma coisa que assim... que... eu*

[16] Sequência discursiva selecionada da entrevista concedida por Lea T à apresentadora Marília Gabriela.

> *acho porque nós somos um nível tão baixo da sociedade que uma pessoa nunca vai achar que é... que o filho vai ser transexual entendeu... no máximo vai achar que é gay...*

Essa sequência constitui-se em uma resposta à pergunta efetuada pelo sujeito entrevistador sobre a adolescência do sujeito transexual. A resposta do sujeito é formulada com um recorte de dizeres que vão se costurando através do fio do discurso. Esse recorte remete a uma tomada de posição por parte do sujeito, que o faz se identificar com o sujeito universal de uma FD de ordem do corpo, através dos enunciados "espera que seja gay", "no máximo vai achar que é gay". Tais enunciados desvelam um sentido de limite para os corpos – que estariam relacionados às formas de expressar as sexualidades. Além disso, revela a dificuldade de entendimento sobre o corpo do sujeito transexual, que ultrapassa esse limite, já que o modo de subjetivação do transexual é alheio às questões de orientação sexual; assim, o vocábulo "gay" aparece como indício do permanente equívoco entre orientação sexual e identidade de gênero.

Através da expressão "espera que seja gay", a contradição se revela através da língua. Em um primeiro momento, o sujeito enuncia que "*a família aquela coisa: espera que seja gay*" e depois diz que "*uma pessoa nunca vai achar que é... que o filho vai ser transexual entendeu... no máximo vai é achar que é gay...".* Essas formulações indicam um furo no simbólico, ou seja, as repetidas tentativas de nomear a falta, de dar o nome com a pretensa noção de preencher de significado – e assim, satisfazer o sentido. E, dessa forma, o sujeito tenta alinhar os sentidos, buscá-los para si, de forma a compreendê-los para também compreender a si. Mas, no ir e vir da interpretação, o sentido novamente escapa. E o "limite" para essa interpretação – e, parece-nos, para as possibilidades que o próprio sujeito tem de ser –, pode ser simbolizada através da locução adverbial "no máximo", cujas paráfrases podem ser assim desdobradas:

1) a família espera que o filho seja gay;
2) a família nunca espera que o filho seja transexual;
3) a família espera que o filho seja, no máximo, gay.

Em todas as paráfrases, percebemos a presença de um mesmo saber nesse discurso: aceitação tolerante da homossexualidade ou a negação da transexualidade. A SD em análise demonstra parecer uma marginalização dos sujeitos transexuais, porque a transexualidade não é sequer compreendida, ela é nunca (jamais, em tempo algum) esperada, ou seja, está ainda à margem dos sentidos, no silenciamento da incompreensão.

A oração subordinada adverbial causal “porque nós somos um nível tão baixo da sociedade”, incide no discurso sob a forma de um discurso-transverso (PÊCHEUX, 2009 [1975], p. 154): essa oração parece como uma evocação, como o efeito da ideologia que não só assujeita, mas sufoca o sujeito, inscrevendo-se como um efeito óbvio da imagem que esses sujeitos têm de si em relação ao outro. Ela retoma um dizer que se integra ao discurso do sujeito, fazendo com que o sujeito transexual posicione-se de forma a identificar-se com alguns discursos que são produzidos *sobre* ele e que já estão naturalizados no discurso dele: como um sujeito marginalizado e desconsiderado na sociedade. O discurso transverso, nos diz Pêcheux:

> atravessa e põe em conexão entre si os elementos discursivos constituídos pelo interdiscurso enquanto pré-construído, que fornece, por assim dizer, a matéria-prima na qual o sujeito se constitui como “sujeito falante” com a formação discursiva que o assujeita. (PÊCHEUX, 2009 [1975], p. 154).

Ao articular dois saberes que advêm do interdiscurso, a saber: 1. O discurso *do* sujeito transexual e 2. O discurso *sobre* esse sujeito (“um nível tão baixo da sociedade”), o enunciado toma um efeito de unidade, como se tais sentidos estivessem homogeneizados. No entanto, em uma análise mais aprofundada, o discurso *sobre* aparece como um incidente que se cola e passa a significar no discurso *do* sujeito transexual. Portanto, o discurso-transverso funciona de modo a costurar saberes no fio do discurso, construindo um efeito de evidência.

Ainda nos chama atenção a repetição do verbo “achar” nos enunciados “eu acho que eles nem”/ “eu acho porque nós somos”/ “a pessoa nunca vai achar que é”/ “vai achar que é gay”. Essa repetição corrobora a identificação do sujeito com a FD-OC, já que, sob a forma como esse elemento se materializa no discurso, compreendemos como o sujeito possui a ilusão da evidência dos sentidos. Notemos que o verbo “achar” é sempre discursivizado com o sentido relacionado às considerações que o sujeito faz, colando em seu discurso os saberes sobre o corpo como se as palavras do outro fossem suas próprias palavras. Ao discursivizar esse vocábulo, o sujeito mostra não apenas a incerteza daquilo que o representa, mas também a sua constante procura por aquilo que é.

1.3 Indefinição do corpo pelo sujeito: o atravessamento do discurso *sobre* no discurso *do*

Nesse sentido, percebemos, na análise do *corpus*, algumas regularidades presentes no discurso dos sujeitos transexuais – que dizem respeito ao modo como algumas categorias linguísticas são mobilizadas de forma a tentar preencher o real do corpo, que escapa às possibilidades da língua, deixando o sentido sempre à deriva. São nessas tentativas de compreender, nomear os processos pelos quais esses sujeitos passam, que o corpo e língua se tocam, produzindo um discurso que se desprende do esperado, que produz um novo sentido.

Quando falamos em real do corpo, acreditamos que é importante lembrar que Lacan, ao longo de sua obra, não se refere a um corpo biológico, orgânico, mas, sim, ao corpo pulsional, um corpo que deseja e cuja falta lhe é constitutiva. Assim, o real do corpo refere-se a um corpo que não encontra repouso, porque busca sempre aquilo que falta, um objeto perdido que nunca lhe trará completude. Este é, por excelência, o corpo do transexual: um corpo de travessia que nunca chegará a completar-se como de um gênero estabilizado ao olhar do outro.

Dissemos anteriormente que o real da língua e o real do corpo se tocam porque não há como pensarmos no registro do real sem pensarmos na necessidade de simbolizarmos. Por isso, impõe-se a necessidade de interpretarmos corpo e discurso. Mas se o corpo é falho, a língua também é. Eis aí que encontramos a necessidade da língua para o sujeito: é a língua que nomeia, designa, direciona os sentidos. Através dos significantes do Outro – a ideologia que define como devem ser os corpos – o corpo do desejo encontra um breve ponto de ancoragem, de significação. Mas a língua também tem seu real, seu equívoco, no qual o sentido (não) se faz.

O real do corpo diz respeito à impossibilidade de o sujeito transexual acessar um corpo outro, um corpo que deseja e que nunca se estruturará, pois se trata de um impossível:

> Nessas condições, para aceder ao outro sexo, é preciso realmente pagar o preço, justamente aquele da pequena diferença que passa enganosamente pelo Real, por intermédio do órgão, justamente no que ele cessa de ser tomado como tal e, ao mesmo tempo, revela o que quer dizer ser órgão: um órgão não é instrumento senão por meio deste, do qual todo instrumento se funda, é que é um significante. Pois bem, é como significante que o transexual não quer mais

> isso, e não como órgão. Nisto ele padece de um erro, que é o erro, justamente, comum. A paixão do transexual é a loucura de querer libertar-se deste erro comum que não vê que o significante é o gozo e que o falo é apenas seu significado. O transexual não quer mais ser significado falo pelo discurso sexual que, eu enuncio, é impossível. Ele comete um único engano, é o de querer forçar o discurso sexual que, como impossível, é a passagem do Real, querer forçá-lo pela cirurgia. (LACAN, 1971-1972, p. 14).

O impossível do corpo transexual está materializado na falha de sua condição: de uma condição de sujeito que tenta encontrar uma forma para identificar-se e superar ser significado pelo seu órgão, que, na FD-OC, é construído a partir de um efeito de verdade, relacionado ao sexo. Assim, é em relação a essa FD que analisaremos alguns enunciados, de modo a verificar como se estruturam os discursos, entendendo as digressões e os alinhamentos.

Analisaremos, agora, como as tomadas de posição por parte do sujeito promovem a identificação com a FD-OC, através da mobilização do enunciado "Eu sou…" efetuado pelos sujeitos (conforme quadro a seguir). Esse enunciado revela como uma resposta à pergunta formulada pelo sujeito entrevistador, através da qual o sujeito transexual parece tentar encerrar os sentidos, em uma ilusória tentativa de se definir.

Assim, na construção de nosso *corpus* de análise, encontramos uma regularidade tanto nas tentativas de descrição dos sujeitos transexuais quanto no processo pelo qual estão passando. Essas sequências traduzem algumas tentativas de compreensão sobre o corpo, que aparecem relacionadas a uma fórmula X (ser) Y, conforme pode ser vista no quadro seguinte[17]:

Quadro 1 – Sequências discursivas "X ser Y".

X (ser) Y[18]		
FUI (pretérito perfeito)	ERA/SOU/FUI (pretérito imperfeito)	SOU (presente)

[17] Sequência discursiva selecionada da entrevista concedida por Leo Moreira Sá à apresentadora Marília Gabriela.
[18] As sequências discursivas SD3, SD3a, SD4, SD5, SD6 e SD7 foram selecionadas da entrevista concedida por Leo Moreira Sá à apresentadora Marília Gabriela.

SD3: Só que eu sempre fui muito andrógino… SD3a: sempre fui quem eu sou.	SD5: Eu era quem sou… sempre fui né?	SD6: Eu sou um homem FEMININO…
SD4: Eu não digo que nasci de novo porque isso não existe… *eu sempre fui a mesma pessoa… sabe…* eu só fiz essa definição.		SD7: Eu sou um ser que posso me relacionar com qualquer pessoa né…

Fonte: Elaborado pela autora.

Nesse quadro, mostramos as sequências que apresentam a fórmula *X (ser) Y*, nas quais "X" aponta para o sujeito que diz ("eu") e "Y" indica as descrições que o sujeito faz de si. Assim, na construção do discurso do sujeito transexual há uma oscilação entre sentidos que são significados como pré-construídos (os termos andrógino e feminino). Há um modo de sustentação em que os sentidos outros, *sobre* o que é ser transexual, materializam-se no discurso do sujeito, como se dele fossem. Isso significa que o sujeito transexual tenta encontrar um lugar para falar de si em meio à profusão de discursos que falam dele. E isso está inscrito na materialidade quando o sujeito tenta determinar a si referindo-se ao que é dito *sobre* ele.

Observando o quadro apresentado, mostraremos, primeiramente, os enunciados das SD3 e da SD6:

SD3:Eu (sempre) fui *muito andrógino*

SD6: Eu sou um *homem feminino*

Notemos que na base discursiva dessa regularidade inscrevem-se as determinações sobre o sujeito, como no caso da SD3, em que "andrógino" é um termo criado na FD-OC que designa os sujeitos que apresentam características que não correspondem aos saberes naturalizados sobre o homem e a mulher ou que possuem características de um ou outro. O sujeito encontra assim, em uma FD que não é a sua, a definição para si, o que é reforçado pelo modalizador "muito". Tal modalizador atua como um intensificador do termo "andrógino", produzindo um sentido de adesão à FD-OC.

De acordo com o Dicionário de Psiquiatria (CAMPBELL, 1986, p. 39), o termo androginia ou androginismo designa o "pseudo-hermafroditismo", em que "o indivíduo é geneticamente fêmea e tem ovários, mas manifesta características secundárias de ambos os sexos". Ainda segundo o autor, o termo pode significar:

> hermafroditismo, com características físicas de ambos os sexos; confusão ou incerteza acerca da identidade de gênero do próprio indivíduo; confusão ou incerteza acerca do próprio papel de gênero, apresentando uma combinação de comportamentos que serão socialmente rotulados como masculino e feminino. (CAMPBELL, 1986, p. 39).

Campbell ainda ressalta que o termo é "comumente usado para caracterizar um indivíduo do sexo masculino como afeminado, frequentemente com a implicação adicional de que, na atividade sexual, prefere um parceiro do mesmo sexo". (CAMPBELL, 1986, p. 39).

As designações do discurso médico-científico provocam a fusão dos sentidos, não havendo distinção entre as diversas formas de manifestação da sexualidade. O que escapa à lógica polarizada estabelecida pelo discurso médico-científico é, então, rotulado como uma patologia. O item lexical "andrógino", construído na FD-OC, passa a se constituir no discurso do sujeito transexual, provocando a identificação desse sujeito com a formação discursiva.

Na SD3, o eu andrógino, reforçado pelos advérbios "sempre" e "muito" é uma tentativa simbólica de dizer que se permanece o mesmo, uma tentativa de produzir sentido sobre algo que escapa à interpretação desse sujeito. Há um eu que se divide entre antes e depois, mas que é imaginariamente homogeneizado sob a forma do advérbio "sempre".

O advérbio "sempre" é a forma pela qual o sujeito tenta produzir um efeito de coerência, a partir do qual "sempre soube quem era". Através dessa expressão, entendemos que há uma ilusão de um corpo uno, contínuo, pois o advérbio "sempre" nos indica um sentido de estabilidade, de constância. Ao mesmo tempo, o verbo "era" aponta para um tempo anterior, no pretérito perfeito, indicando certa estabilidade no passado que (pode) não se manter no presente. Assim, o sujeito tem a ilusão de um corpo que não está atravessado pela descontinuidade, que é uma marca da falha: essa teimosia do discurso, que ao mesmo tempo que pretende organizar o corpo, o desconstrói.

Do mesmo modo, na SD6, ocorre uma sedimentação dos dizeres: o sujeito afirma que é um homem feminino, mostrando-nos a ambivalência dos sentidos, de um sujeito

que antes se designava como *andrógino*, e que agora se diz um *homem feminino*. São descrições que servem não apenas para caracterizar, mas para amparar os sentidos de modo a que eles completem a significação. No entanto, vemos que há uma diferença nessa significação, justamente porque quando o sujeito se diz "andrógino", ele está identificando-se com a FD-OC, mas dizer um "homem feminino" é uma impossibilidade dentro dessa formação discursiva, porque rompe com o discurso lógico de ordem do corpo.

Observemos as sequências discursivas abaixo:

SD3a: Eu (sempre) fui quem eu sou

SD5: Eu era quem sou… sempre fui né

Observamos que, nas formulações, há manifestação de diferentes sujeitos que estão separados temporalmente, através dos verbos flexionados. Conforme Pêcheux, trata-se de "sujeitos divididos":

> Só há causa daquilo que falha (J. Lacan). É nesse ponto preciso que ao platonismo falta radicalmente o inconsciente, isto é, a causa que determina o sujeito exatamente onde o efeito de interpelação o captura; o que falta é essa causa, na medida em que ela se "manifesta" incessantemente e sob mil formas (o lapso, o ato falho etc.) no próprio sujeito, pois os traços inconscientes do significante não são jamais "apagados" ou "esquecidos", mas trabalham, sem se deslocar, na pulsação sentido/non-sens do sujeito dividido (PÊCHEUX, 2009 [1975], p. 277).

O sujeito, portanto, não sofre apenas uma injunção de ordem ideológica, já que o processo de interpelação também é da ordem do inconsciente. Por esse motivo, o ponto onde o sujeito é capturado na relação inconsciente-língua é uma tentativa de compreender e produzir sentido por parte desse sujeito.

No caso de nossas análises, a formulação com a qual estamos trabalhando é X (ser) Y. E se Y é dito a partir de uma FD diferente da de X, qual seria a FD que X representa, se sempre está formulada através do pronome pessoal "eu"? O "eu", na perspectiva que analisamos neste trabalho, é um eu dividido, pois esse pronome não representa "o" sujeito, mas, sim, representa os vários *eus* que podem ser abrigados pelo sujeito.

O eu – o pronome pessoal, no plano da língua – divide-se em dois, no plano do discurso. E, assim, percebemos a constituição de um sujeito dividido, o qual encontra sua posição a partir de um desdobramento, afinal, é um sujeito que afirma *ser*, mas que, a todo tempo, muda o que *é*. Esse confronto entre a determinação histórico-ideológica dos sentidos permite que o sujeito se veja através de um *efeito de evidência*, numa tentativa de identificação de si.

Na SD5, em que o sujeito diz "Euera quem sou… sempre fui né?", há também um encontro entre três sujeitos, que coincidem com o "eu". Assim, "eu era", "eu sou" e "eu fui" parecem ocorrer ao mesmo tempo, como se houvesse a construção de uma identidade linear. No entanto, a relação da língua e as tensões com a história, a ideologia, mostram-nos que essa linearidade na formação desse discurso é apenas de ordem sintagmática, porque representa posições-sujeito que se distanciam temporalmente.

Essas diferentes posições ocupadas pelo sujeito demonstram as marcas ideológicas do discurso ao qual está submetido, estabelecendo um sujeito que tem certeza de quem é e que precisa dessa certeza para formar a sua identidade – ainda que isso, como sabemos, seja da ordem do ilusório. Essa ilusão de completude e linearidade do que diz se marca através da interjeição "né?". O sujeito incumbe ao outro a determinação de si, como se o outro pudesse confirmar, averiguar, verificar que o sujeito transexual continua sendo quem sempre foi.

Notemos, ainda, que a SD3 funciona sob a forma de uma paráfrase interdiscursiva da SD4, isto é, repete, ao nível do interdiscurso, os mesmos sentidos. Assim, "sempre fui quem eu sou" e "sempre fui a mesma pessoa" são expressões que têm um funcionamento semelhante: produzem um sentido de linearidade, através do advérbio "sempre", ao mesmo tempo que remetem ao passado, através do verbo "ser" flexionado no pretérito perfeito.

Essa transformação do sujeito também está presente na SD7 ("eu sou um ser"), na qual o sujeito designa-se a si como um "ser", ou seja, alguém que existe, que é. A SD7 aparece, nesse discurso, como uma complementação às SDs anteriores, uma vez que, nessa SD, o verbo "ser", que antes aparecia flexionado, em tempos verbais diferentes, agora aparece na sua forma infinitiva, crua, e designa o sujeito do mesmo modo, em um discurso marcado pela memória e pelo acontecimento de poder ser o outro.

O vocábulo “ser” pode acionar uma vasta rede de sentidos, que podem apontar para ser vivo, ser humano, indivíduo, indicando, portanto, existência, mas também um sentido de vagueza, que é complementado pelo indefinido “qualquer”. Assim, ao dizer que é um “ser que pode se relacionar com qualquer pessoa”, o sujeito está se contra-identificando, ou seja, posiciona-se de forma a questionar os saberes produzidos na FD-OC, já que, ao indeterminar-se, foge à explicação sobre si, recusando as imposições da ordem do corpo.

Esse efeito de todo coerente que o sujeito constrói no discurso é o seu processo de subjetivação. Escapando às determinações da FD-OC, em que é tratado dentro do binarismo homem/mulher – e é considerado uma pessoa submetida às injunções do discurso médico –, no âmbito do discurso, o sujeito transexual se significa e formula os “seus” sentidos, destituindo-se das designações e desvelando sentidos outros. Por isso, é na língua que encontra as possibilidades para ousar se rebelar e ser, de maneira infinitiva, um sujeito.

1.4 Constituição de um saber sobre o corpo do sujeito: o trabalho da memória

Uma das noções que sustenta o conceito de formação discursiva é a memória. E cabe lembrar que, em Análise de Discurso, não podemos confundir a noção de memória com a sua acepção cognitiva, como o ato de lembrar, de recordar. A memória discursiva é uma ressignificação dos sentidos, sustentado pelo retorno de sentidos construídos historicamente.

É a memória que permite esse compartilhamento, uma vez que é necessário que os sujeitos recorram a saberes naturalizados para compreender as significações que vão sendo produzidas. Por isso, para compreender quem é o transexual e como seu discurso significa em nossa formação social, precisamos entender como os sentidos retornam e podem se atualizar, na trama do discurso, percebendo suas transformações e reorganizações. Quando falamos sobre memória, referimo-nos à noção de memória discursiva, sobre a qual afirma Pêcheux:

> A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-

> transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. (PÊCHEUX, 2010, p. 52).

A memória, segundo o autor, estaria sujeita a um jogo de forças "sob o choque do acontecimento" (PÊCHEUX, 2010, p. 52). Isso significa que o trabalho da memória discursiva não ocorre apenas de modo a recuperar elementos pré-construídos, já ditos em outro lugar, mas também pode ocorrer de modo a acolher a constituição de um novo sentido (acontecimento), deslocado da série de repetições provocadas pelo já-dito. Assim, conforme Pêcheux, sob a memória atua um jogo que força "que visa manter uma regularização pré-existente com os implícitos que ela veicula", mas também promover "uma desregulação que vem a perturbar a rede de implícitos" (PÊCHEUX, 2010, p. 52), enunciados. Segundo Pêcheux:

> Uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos, de regularização… um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos (PÊCHEUX, 2010, p. 56).

Por "espaço móvel", Pêcheux nos fornece pistas para entender que a memória discursiva não é estanque, imutável. Ao contrário, a memória sempre é retomada e irrompe na atualidade. Há, entretanto, formas como esse trabalho da memória ocorre na constituição do discurso, e tem relação com o modo como os saberes de uma determinada FD estão inscritos, a partir da noção de estrutura.

Indursky (2003, p. 103) afirma que tais saberes existem tanto vertical quanto horizontalmente. A existência vertical dos enunciados diz respeito aos "saberes pré-existentes", ou seja, aos sentidos que podem ser tomados pelo sujeito através da ilusão de poder ser a fonte e a origem do que diz. A existência horizontal remete à "ordem da repetibilidade", através da qual o sujeito inscreve seu dizer, pois, tendo a ilusão da transparência do sentido, imaginariamente apropria-se do sentido, de forma a atualizá-lo.

Realizamos a articulação da noção de memória com a teoria dos esquecimentos para dizer que memória e esquecimento são os processos através dos quais o discurso é produzido. Retomamos, conforme Pêcheux, que o termo "esquecimento" não designa a perda da memória ou daquilo que um dia foi sabido, mas, sim, o "acobertamento da causa do sujeito no próprio interior do seu efeito" (2009 [1975], p. 150). Nesse movimento,

pode haver a ressignificação dos sentidos, já que, por tratar-se de uma memória heterogênea, esburacada, a ressignificação promove uma opacificação dos sentidos, pois, ainda que os sentidos não se encontrem repetidos na linearidade, seus "vestígios seguem se presentificando". (INDURSKY, 2003, p. 105).

Um outro modo como a memória opera na constituição do discurso é quando sofre o impacto de um novo sentido, isto é, quando há uma ruptura com a repetibilidade, instaurando um sentido diferente, reorganizando a memória e reorganizando também a estrutura vertical, visto que o sentido já não será repetido, mas estará disperso. Assim, a irrupção do novo pode ser tomada como um acontecimento, o surgimento de "um novo domínio da memória" (INDURSKY, 2003, p. 108), que provoca um outro sentido à estrutura. Do mesmo modo, os sentidos outros, já ditos, não são apagados. Trabalharão sempre no espaço lacunar da memória, podendo ressoar e revolver a materialidade, produzindo novas e outras formulações.

Assim, a memória discursiva se constitui como uma rede de significações que está relacionada às formações discursivas. Nesse sentido, a noção de memória discursiva difere da noção de interdiscurso, pois aparece como o seu recorte: enquanto no interdiscurso estão abrigados os discursos já-ditos e ainda a serem ditos, nas redes da memória discursiva estão articulados os sentidos que serão recuperados para que, a partir daí, sejam ressignificados.

Além da noção de memória discursiva trabalhada por Michel Pêcheux, há outras formas de memória, teorizadas por Orlandi (2010): a memória de arquivo (ou memória institucional) e a memória metálica. A memória de arquivo ou memória institucional é a memória que está sedimentada através das instituições (escolas, igrejas, leis). Por isso, realiza um trabalho de não esquecimento. Documentos que atuam ao mesmo tempo como registros de memória e como direcionamento dos sentidos permitem uma prática de normalização, que é o funcionamento da memória de arquivo. De acordo com Orlandi (2010, p. 9), dessa forma, os sujeitos são postos em "certa circularidade", já que a memória de arquivo trabalha na manutenção e no ordenamento dos sentidos. A memória metálica, para Orlandi (2010, p. 9), é aquela construída na mídia, que é posta em circulação através da tecnologia, de um "construto técnico", como, por exemplo, a televisão e o computador. Ao contrário da memória discursiva, que se apresenta

verticalmente, a memória metálica revela-se pela horizontalidade, pois seu saber ocorre apenas na superfície, não havendo “vestígio” de saberes outros.

No discurso que estamos analisando, consideraremos o efeito da memória discursiva no batimento com os efeitos da memória metálica, pois trabalharemos com discursos que estão circulando na mídia televisiva. Esses sentidos ficam presentificados às condições de produção que se apresentam: as entrevistas que podem ser vistas e revistas, como se pudessem ser examinadas a todo momento. Dessa maneira, refletiremos tanto sobre a memória que sustenta o discurso dos sujeitos transexuais no atravessamento histórico e ideológico dos sentidos quanto na reiteração desses sentidos na superfície, isto é, no modo a inculcar sentidos dispersos, destituindo-os de seus vestígios.

2 O CORPO EXPLICADO

2.1 O sujeito transexual na cena discursiva

Conforme introduzimos no capítulo anterior, procederemos à análise do discurso dos sujeitos transexuais, a partir de entrevistas concedidas a sujeitos entrevistadores em programas de televisão brasileiros. O sujeito transexual fala tanto a partir de sua condição quanto da condição dos demais sujeitos que ele está representando. E fala para um sujeito entrevistador, que, por sua vez, constrói um dizer de autoridade, a qual tenta compreender e traduzir a luta e a angústia desses sujeitos para os sujeitos telespectadores.

Nessa cena discursiva, os sujeitos ocupam seus lugares discursivos: o lugar de entrevistador, o lugar de entrevistado e o lugar de telespectador. Utilizamos o termo cena para nos referirmos à configuração estabelecida nas condições em que esse discurso é produzido, já que os sujeitos desempenharão papéis relativos aos lugares discursivos que ocupam. Além disso, retomamos também o sentido designado por Indursky (1995, p. 116) que entende a cena discursiva como espaço de tensão e de confronto. O lugar discursivo que o sujeito transexual entrevistado ocupa é um lugar de representação dos demais, pois sai da margem e passa a falar do seu corpo como bandeira. Já o lugar do sujeito entrevistador é o do discurso orientativo, pedagógico, didatizante, pois atua como o detentor e reverberador de saberes. Os sujeitos telespectadores são aqueles que assistem à entrevista, a quem a cena se dirige, e que construirão seus gestos de interpretação a partir do movimento dos sujeitos principais da cena.

Nessa cena, não importa apenas quem são esses sujeitos, mas a forma como o discurso se constrói nesse processo. Assim, tentamos entender a forma como o discurso construído significa dentro de uma formação discursiva dada. Como afirma Orlandi:

> Pensando-se a subjetividade, podemos então observar os sentidos possíveis que estão em jogo numa posição-sujeito dada. Isso porque, como sabemos, o sujeito, na análise de discurso, é posição entre outras, subjetivando-se à medida mesmo que se projeta de sua situação (lugar) no mundo para sua posição no discurso. Essa projeção material transforma a situação social (empírica) em posição-sujeito (discursiva). (ORLANDI, 2002, p. 65-66).

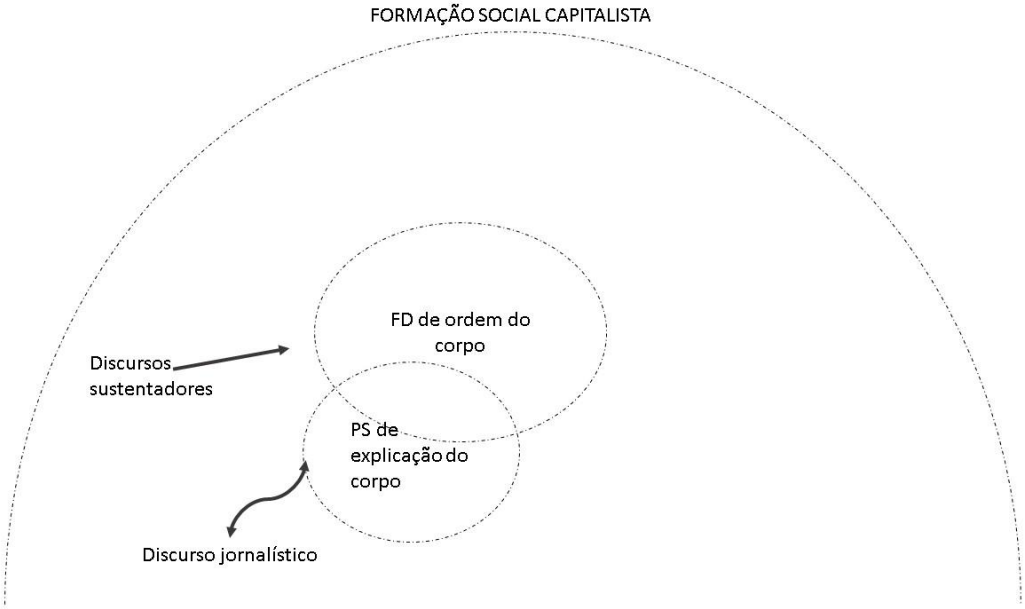
Para a AD, torna-se relevante não somente conhecer quem “são” esses sujeitos em uma determinada formação social, mas também relembrar o percurso feito pelo sujeito ao movimentar-se do lugar social ao lugar discursivo. Assim, em uma determinada formação social, o lugar discursivo atribuído a um sujeito está marcado pelo lugar social, porque está relacionado à imagem que se faz dele socialmente.O lugar discursivo do jornalista está relacionado à imagem socialmente construída que se faz de um jornalista. Assim como o lugar de transexual está relacionado à imagem socialmente construída que se faz desse sujeito (e ao processo de espetacularização dessa imagem).

Grigoletto (2008, p. 54) afirma que ao lugar discursivo ocupado pelo sujeito incidem outros lugares, de “ordem do já-lá”, ou seja, há um atravessamento das imagens que são construídas previamente. Então, nas condições de produção estabelecidas, o sujeito jornalista assume também um lugar discursivo de sujeito entrevistador, e o sujeito transexual, um lugar de entrevistado. Assim, o lugar discursivo é duplamente constituído na cena discursiva: pelo sujeito entrevistador-jornalista e sujeito entrevistado-transexual.

Um determinado lugar discursivo pode abrigar uma ou mais posições-sujeito. Assim, a partir da inscrição em determinado lugar discursivo, será possível compreender as tomadas de posição do sujeito e o modo de relação com a formação discursiva. Nas condições de produção em que se estabelece a entrevista, a transexualidade passa a ser discutida a partir do lugar discursivo assumido pelo sujeito transexual na cena discursiva.

O discurso do sujeito entrevistado se formula através de saberes que estabelecem um dizer de autoridade frente ao outro. Assim, os sentidos advindos da FD-OC passam a se constituir também no discurso do sujeito entrevistador, que atua de forma a instruir, explicar tais saberes aos sujeitos telespectadores. Os saberes que são explicados constroem um gesto de interpretação do corpo, uma tentativa de compreendê-lo. Tais saberes não são os mesmos da FD-OC, mas derivam do discurso *sustentador* médico-científico. Por isso, acreditamos que há uma posição sujeito que se produz nessa deriva, qual seja,**aposição-sujeito de explicação do corpo, que denominaremos PS-EC** e que pode ser representada da seguinte forma:

Figura 2 – A posição-sujeito de explicação do corpo.



Fonte: Elaborada pela autora.

Nessa configuração estabelecida, o sujeito transexual situa-se como um militante, denunciando de que modo corpo e sexualidade também sofrem a afetação do ideológico e do político. Assim, temos instituída uma cena discursiva na qual, de um lado, está o sujeito transexual, falando como porta-voz dos demais sujeitos, falando "em nome de", estabelecendo um "centro visível de um nós em formação" (PÊCHEUX, 1990, p. 17). No entanto, não é todo e qualquer transexual que pode ir à mídia representar os demais, mas, sim, apenas alguns que são escolhidos por serem transexuais e ocuparem outros espaços na formação social em que estão inseridos. Então, os sujeitos que vão à mídia falam através de um recorte possível, ou seja, colocam-se na condição de representantes, mas representam ainda uma parcela muito pequena dos sujeitos transexuais, já que muitos sujeitos não estão ali incluídos. Portanto, não é todo e qualquer transexual que terá espaço nas condições de produção analisadas, somente alguns que falarão sobre seu corpo, de forma recortada.

Alguns elementos exteriores na composição da cena discursiva que devem ser levados em consideraçãoe que são da ordem de um recorte ideológico: o primeiro recorte diz respeito à (pré)seleção dos sujeitos que irão à mídia para falarem de si (e, de certa forma, de "todos" os outros). Esses sujeitos vão à mídia pelo que são e porque chamaram atenção para a sua condição: são modelos, celebridades, escritores. Enfim, são sujeitos transexuais que estão ousando falar sobre sua condição em espaços que fogem aos

espaços ordinários. Porém, ainda não vemos na mídia sujeitos transexuais operários, atores das cenas comuns do cotidiano.

O outro recorte ao qual nos referirmos diz respeito à fragmentação que o discurso produzido nessa cena discursiva *pode* sofrer. Ainda que não possamos afirmar com certeza, esse discurso produzido em estúdio, gravado de modo prévio, está exposto às edições de texto, aos cortes e até mesmo à censura. Esses elementos acabam por conferir ao discurso um *efeito de acabamento* aos olhos dos sujeitos telespectadores.

Considerando tais questões e o trabalho de sedimentação dos saberes, entendemos que discurso construído na e pela mídia é fortemente marcado por aspectos de ordem político-ideológica. Entendemos, assim, que na cena discursiva estão implicados os discursos advindos da formação discursiva de ordem do corpo (FD-OC). Dessa forma, o discurso de sujeito entrevistador funciona através de um processo de paráfrase, determinando o discurso do sujeito entrevistado, repetindo e organizando saberes formulados na FD-OC, de modo a conter a pluralidade de significações.

Essa contenção de sentidos dá lugar a um *efeito de verdade* que funciona na cena discursiva, o qual está relacionado ao "grau de controle" (SOUZA, 1999, p. 251) que o sujeito entrevistador possui sobre o sujeito entrevistado. Em estudo sobre a enquete, Souza propõe uma análise que considera a formulação e a aplicação de questionários como um processo discursivo. Embora nossa análise não recaia sobre uma enquete como a proposta do autor em seu estudo, consideramos pertinentes suas reflexões acerca das formulações de perguntas e a relação discursiva implícita a esse processo. Como nos mostra o autor, a enquete constitui-se em um "dispositivo discursivo" (SOUZA, 1999, p. 250), ou seja, "produz um jogo de correlações entre posições enunciativas e posições ideológicas" (SOUZA, 1999, p. 250). Assim como ocorre na enquete, entendemos que, nas entrevistas jornalísticas, também estejam em jogo tais posições ideológicas que produzem um jogo de sentidos entre sujeito entrevistador e sujeito entrevistado.

A situação da entrevista jornalística veiculada na televisão produz sentidos muito peculiares – uma vez que não se situa nem em um discurso puramente oral, já que as perguntas são pensadas, formuladas e reformuladas, tampouco no discurso escrito, porque são veiculadas sob a forma do discurso oral. Não acreditamos também que as entrevistas sejam um discurso oralizado, como nos exemplifica Orlandi sobre o jornal de notícias:"em um programa de televisão, como um Jornal de Notícias, por exemplo,

embora ele se apresente como oral, ele é um discurso da escrita, oralizado" (ORLANDI, 2012, p. 173).

Acreditamos que a entrevista, na cena discursiva, situa-se em um outro espaço que não o mesmo ocupado por um jornal de notícias, já que, nos programas de entrevista, o sujeito entrevistador, atuando como apresentador e inquisidor do entrevistado, não dialoga sozinho, não responde às próprias questões, como um "apresentador de notícias". O sujeito entrevistador se põe como participante desse jogo de posicionamentos com o sujeito entrevistado. No entanto, do outro lado, o sujeito entrevistado pode sempre surpreender (tanto a si quanto ao outro) com o real que sempre escapa. Assim, o sujeito transexual pode silenciar, desviar, romper ou reproduzir sentidos. Por isso, ainda que a entrevista possa ter seu "grau de controle", sendo gravada, recortada e submetida às edições, na tentativa de criar um ritual, sempre estará sujeita a falhas.

A entrevista jornalística exibida na televisão possui elementos discursivos próprios, que a colocam em um lugar muito peculiar no processo discursivo, portanto, distinto de uma entrevista escrita ou da apresentação de um programa de notícias. Insistimos nesse aspecto porque as perguntas formuladas pelo sujeito jornalista são características de um tipo de discurso: o discurso escrito. Esse sujeito se coloca na posição de autor e formula suas questões, aplica os recortes necessários, pesquisa o assunto, etc. Nessa etapa, a entrevista ainda está muito formalizada, comprometida com o que o sujeito – dotado da ilusão de controle do que diz – *quer* saber.

O sujeito jornalista, investido na posição de autoridade, de detentor do saber, tenta imaginariamente criar uma esfera discursiva de sentidos, onde estariam abarcados todos os saberes que deseja conhecer em relação ao sujeito entrevistado. O sujeito entrevistado, por sua vez, tem diante de si várias opções, várias rotas a serem tomadas, inclusive rotas de fuga: não responder, silenciar, responder com outra pergunta…

Observamos na sequência discursiva abaixo como se situam sujeito entrevistado e sujeito entrevistador no jogo da entrevista.

SD8[19]- A simplificação

> ***Sujeito entrevistador:****Se eu disser... a grosso modo... que foi o encontro de uma mulher que queria ser homem e um homem que queria ser mulher... eu tô simplificando demais?*
> ***Sujeito entrevistado:****eu acho que não é dessa forma... eu penso assim é... não é uma mulher querendo ser homem... veja... é isso que...*
> ***Sujeito entrevistador****: péra um momento... uma mulher se sentindo homem...*
> ***Sujeito entrevistado:****não... eu acho que é mais ainda... sabe como é que transexual fala? Que eu represento toda a transexualidade né? é assim.. é porque eu não me sinto nem homem nem mulher... eu gosto da estética masculina e não quero me reduzir a conceitos... mas vamos falar dentro da... com a linguagem que o transexual falaria... é um homem que tem um corpo que não está adequado... que encontra uma mulher num corpo não adequado...*

Na SD acima encontramos alguns indícios desse jogo de posicionamentos e sustentação de sentidos: notemos como o discurso de autoridade que o sujeito entrevistador constrói torna-se um lugar de domesticação dos sentidos. Assim, o sujeito entrevistador coloca-se numa posição didática, de forma a tentar sintetizar os sentidos sobre a transexualidade, colocando-a ao abrigo dos saberes do senso comum.

O lugar discursivo ocupado por esse sujeito é demarcado discursivamente, através da expressão "Que eu represento toda a transexualidade, né?". Aqui, chamamos a atenção para o pronome indefinido "toda": ao referir-se a toda a transexualidade, o sujeito não se coloca apenas no lugar discursivo de porta-voz do grupo de sujeitos transexuais, que ocupam e formam essa formação discursiva que está sendo construída. O sujeito também desestabiliza os sentidos que retornam à memória ao falarmos da transexualidade. Esses sentidos lembram que a transexualidade não é a simplificação, a simples "troca" entre os gêneros masculino e feminino, mas, sim, toda a gama de sexualidades e corpos possíveis de serem construídos.

O adjetivo "adequado", repetido pelo sujeito, remete a um elemento da FD-OC, o qual nos lembra de que os corpos possuem formas. Os sentidos pré-construídos que advêm desse discurso designam formatos anatômicos e biológicos para os corpos, os quais são sedimentados ideologicamente, através da formação discursiva dominante. Os

---

[19] Sequência discursiva selecionada da entrevista concedida por Leo Moreira Sá à apresentadora Marília Gabriela.

corpos estão sempre presos às formas que os assujeitam. Logo, o sujeito deve se adequar a esses formatos para simbolicamente constituir sua identidade, que será relacionada a um gênero preexistente e aceito socialmente.

Nessa análise, vimos como o sujeito atua na cena discursiva, de modo a enfrentar o discurso sobre ele, que tenta abreviar sua condição, como forma de explicar aos sujeitos telespectadores a questão da transexualidade. Entendemos que há um enfrentamento quando o sujeito demonstra que há outras possibilidades além daquelas estabelecidas pelo discurso binarizante: através dos índices linguísticos "eu acho", "eu penso", "veja", o sujeito constrói um discurso que escapa aos saberes deterministas que são materializados no discurso do sujeito entrevistador.

Para seguirmos discutindo o modo como o discurso dos sujeitos é construído na cena discursiva, é necessário convocarmos as construções de outros terrenos: a comunicação e a psicanálise. A partir das noções de "entrevista" para a comunicação e de "transferência" para a psicanálise, tentaremos construir uma noção própria no terreno da Análise de Discurso.

2.1.1 O sentido da entrevista na comunicação

Neste subcapítulo, abordaremos de que modo as entrevistas jornalísticas são conceituadas nos estudos das ciências sociais e da comunicação. O significante "entrevista", em um campo jornalístico, designa um diálogo, um encontro conduzido por um sujeito jornalista/apresentador no qual se dirige a uma ou mais pessoas, geralmente com uma data e hora previamente agendados a fim de obter informações, esclarecimentos sobre algum assunto.

O tema da entrevista, isto é, aquilo que está sendo discutido, apresenta-se como um assunto *sobre* o qual esses sujeitos estão falando. Dessa forma, a entrevista passa a ser a abordagem de um tema sobre o qual discorrem os sujeitos interlocutores que participam desse diálogo. Assim, ao falar sobre, cria-se um discurso de distanciamento, em que o "tema" parece não pertencer à própria constituição dos processos de subjetivação. Como se apresentasse um panorama, a entrevista cria um imaginário de unidade e de homogeneização dos sentidos. Ao tratá-los como transparentes, cria a ilusão da coerência e do desvelamento. Como nos alerta Resende, "ao jornalismo cabe a tarefa

de dizer *sobre* e *para* as demais instâncias sociais" (2007, p. 82, *grifos nossos*). Nesse sentido, o sujeito jornalista é responsável[20] por construir e resgatar os espaços de sentido que se produzem na entrevista.

No discurso que se constitui a partir da entrevista, não é possível que tratemos apenas do *sobre*, já que o sujeito transexual transitoriamente ocupa o lugar discursivo de sujeito entrevistado, mas é sobre a sua condição que a entrevista trata, isto é, da sua própria condição subjetiva. É impossível não deslizar entre discurso, língua e sujeito. Partindo dessa concepção, devemos problematizar a entrevista, considerando a relação do sujeito com a língua, com a história e com o equívoco, isto é, considerando as condições específicas do terreno da Análise de Discurso.

Entendemos, conforme Resende, que o discurso jornalístico se produz através de um caráter de "direito da fala" (2007, p. 83). Afinal, ao longo das entrevistas dos sujeitos transexuais, perguntamo-nos: quem fala para quem? Quem está sendo ouvido legitimamente? Há um saber produzido, já-sabido, que deve ser assumido pelo sujeito que está sendo entrevistado?

Por isso, antes de passarmos à construção da noção de entrevista em AD, faremos um percurso de apresentação sobre a noção a partir dos estudos da comunicação. Primeiramente, baseamo-nos no que diz Medina (2000),que afirma que a entrevista, nas suas diferentes aplicações, "é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação".

Quando a autora afirma que a entrevista é uma técnica e, ainda, de "interpenetração informativa", compreendemos indícios de que o discurso da comunicação trabalha com uma noção de sujeito consciente, bem como com uma noção de língua plenamente controlada e dominada por esse sujeito. Assim, esse sujeito é, por assim dizer, o responsável pelo seu discurso, estando no controle dos sentidos. Conceber a entrevista como técnica é aderir a uma ciência, que investiga e busca as pistas para formar um quebra-cabeça, como se pudesse montar e desmontar discursos.

Medina ainda afirma que:

> os fundamentos psicanalíticos da relação paciente-terapeuta dão sólidos alicerces para o debate teórico sobre o encaminhamento da entrevista. A Psicologia Social, segundo os autores dessa área, no fértil período de

[20] É preciso lembrar que, do ponto de vista da AD, trata-se de um efeito de responsabilidade.

> sistematização dos anos 40, sobretudo nos Estados Unidos, reúne bibliografia extensa sobre a técnica da entrevista. (MEDINA, 2000, p. 8-9).

Baseada nas classificações de Morin, a autora expõe quatro tipos básicos de entrevista: a) *entrevista-rito*, que se constitui de palavras ditas pelos entrevistados que completam os rituais, como, por exemplo, as palavras ditas pelos jogadores de futebol ao final de uma partida; b) *entrevista anedótica*, em que o entrevistador pergunta aspectos da vida pessoal do entrevistado, a respeito de assuntos que fujam a qualquer tipo de comprometimento, como o caso de entrevistas a celebridades; c) *entrevista-diálogo*, na qual o entrevistador e o entrevistado colaboram, "no sentido de trazer à tona uma verdade que pode dizer respeito à pessoa do entrevistado ou a um problema" (MEDINA, 2000, p. 15); e d) *neoconfissões*, em que o entrevistador se apaga diante do entrevistado.

Trazendo essa noção para o nosso lugar teórico, podemos dizer que o sujeito entrevistador fala de um lugar diferente daquele ocupado pelo sujeito entrevistado, como se estivesse interpretando o outro, tentando compreendê-lo. Assim, não há um apagamento de sujeitos, mas uma iminente convergência de lugares, em que o sujeito entrevistado explica sua condição – a condição de seu corpo – ao outro. O sujeito entrevistador interpreta o outro, mas também o provoca, fazendo com que novos sentidos se engendrem ao discurso que está se formulando.

Segundo Morin (1973 apud MEDINA, 2000, p. 15), "toda a confissão pode ser considerada como um *strip-tease* da alma, feita para atrair a libido psicológica do espectador". Isso significa que a entrevista pode ser objeto de uma manipulação sensacionalista, mas também pode ir além da conversa cotidiana, desvelando mais profundamente as relações humanas.

Para caracterizar a entrevista segundo a superficialidade das duas primeiras formas e o aprofundamento das duas últimas, Morin subdivide as entrevistas em *espetacularização* e *compreensão*. Cada uma possui seus subgêneros, os quais – na espetacularização – seriam:

a) perfil do pitoresco;

b) perfil do inusitado;

c) perfil da condenação;

d) perfil da ironia "intelectualizada".

Em relação aos subgêneros da compreensão, haveria:

a) entrevista conceitual;

b) entrevista/enquete;

c) entrevista investigativa;

d) confrontação – polemização;

e) perfil humanizado.

Nos subgêneros que são caracterizados pelo viés da *espetacularização* podem estar agrupadas as entrevistas em que o assunto tratado são as fofocas, os traços sensacionalistas. Nessas entrevistas, o objetivo do entrevistador é caracterizar o entrevistado como exótico ou traçar um perfil do entrevistado em que este passe a ser visto a partir de uma ótica maniqueísta. Pode-se, ainda, a partir da entrevista, julgar o entrevistado, a partir da seleção das frases utilizadas, das contradições colocadas à tona no discurso.

Nos subgêneros agrupados pela *compreensão*, a noção de entrevista recebe um aprofundamento. Nessas formas de entrevista, o entrevistador recorre a fontes, assumindo um posicionamento investigativo frente aos temas tratados. O entrevistador, portanto, estuda e pesquisa previamente. Ao contrário de espetacularizar a entrevista, o entrevistador posiciona-se de modo a conhecer o outro, o entrevistado, compreendendo valores, histórias de vida, comportamentos.

Medina (2000, p. 18) afirma que a entrevista jornalística é uma técnica de obtenção de informações. Na maioria das vezes, considera, sem preocupações científicas, apenas uma fonte. No entanto, a autora alerta para a questão do poder nas sociedades modernas – o qual faz com que seja privilegiada apenas a unilateralidade da informação. Mesmo assim, para a autora, é inegável que "existe na entrevista a possibilidade de um diálogo democrático", ao que ela dá o nome de *plurálogo.*

No âmbito da Análise de Discurso, considera-se um sujeito sob a ilusão do domínio do saber, que articula os sentidos, respaldado pelos discursos de verdade construídos a partir de saberes outros. Da mesma forma, recupera uma memória "necessária", construindo um imaginário de um sentido destituído do equívoco, portanto, transparente.

Já o diálogo democrático de que fala a autora é uma questão, que, para a Análise de Discurso, será discutida em outro âmbito: em relação às condições de produção do discurso, às formações imaginárias e à memória. Assim, os sentidos não serão apenas

postos em circulação no momento da entrevista, mas serão atualizados no processo discursivo. Consideramos, ainda, a noção de memória metálica, pois, ao entendermos que essas entrevistas possuem uma permanência – ao serem disponibilizadas para assistência a qualquer momento –, passamos a compreender que alguns sentidos podem se tornar cristalizados, estendendo seus efeitos a outros momentos, que não apenas o da exibição da entrevista.

Para Morin (1973), a entrevista veiculada nos meios de informação de massa tem um objetivo espetacular, em que são obedecidas as normas jornalísticas para construir uma informação de interesse do vasto público. No entanto – no âmbito das ciências sociais ou da cultura de massa –, a entrevista não pode ser confundida apenas como informação. A produção de informação, para o autor, não pode ser nem o processo nem a finalidade das entrevistas, mas, sim, devem ser considerados os aspectos psicoafetivos ligados à comunicação.

Morin (1973) demonstra vários tipos de entrevista, mas, a nosso ver, é necessário que nos detenhamos à entrevista como práxis, ou seja, à entrevista não-diretiva, da qual Freud parece ser o maior representante. O modelo freudiano é aplicado à psicologia no campo da entrevista analítica. Segundo Morin (1973, p. 126), "A liberação da energia psico-afetiva, que provoca toda entrevista profunda, seja ela não-diretiva, provocativa ou projetiva, se traduz por um fluxo de comunicação onde o imaginário e o real poderão estar intimamente mesclados", ou seja, aqui se confundem as aspirações entre o que o sujeito é (real) e o que pensa ser (imaginário)[21].

Contudo, o autor fala também das entrevistas televisivas, as quais se dirigem a todos, tendo um caráter mais espetacular. Morin (1973) afirma que as entrevistas televisivas e as entrevistas características da psicologia social podem ter uma proximidade, o que depende também da posição do sujeito entrevistador. Há um encontro entre essas duas formas de entrevista quando o assunto é aprofundado pelo entrevistador. Fundamentalmente, a entrevista é, na perspectiva do autor, um processo "múltiplo e contraditório" (MORIN, 1973, p. 135) que tece a dialética da comunicação com o outro.

---

[21] As referências às noções de real e imaginário aqui se diferem dos registros aos quais Lacan faz referência ao longo de sua obra. A noção de real, para Morin, deve ser entendida como realidade, aquilo que o sujeito é em sua "essência". O imaginário, por sua vez, está relacionado à construção que o sujeito faz de si.

Esse processo múltiplo e contraditório de que fala o autor nos remete à condição de verdade, de autoridade que se traduz no discurso jornalístico. Conforme as palavras de Resende:

> podemos supor que hoje a mídia, com o seu amparo institucional e por meio dos seus objetos que produzem falas, constitui-se como uma instância fundamental, porque certamente reguladora e mantenedora de um *status quo* que visa à ordenação dos fatos que tecem nossas relações sociais. (RESENDE, 2007, p. 83, grifos do autor).

O autor chama atenção para o discurso de verdade que se apresenta através da constituição desse olhar da mídia, o que nos faz pensar, novamente, no olhar do outro que traz a todo momento o *espelhar* do outro no discurso do sujeito. Assim, esse sujeito se olha a partir do outro, e quer ser visto como de um gênero estável, e não pelo olhar do espetáculo, que o aproxima de um gênero outro, ainda desconhecido.

A partir das abordagens apresentadas, é possível observar que a entrevista é compreendida como um espaço em que os sujeitos podem compartilhar sentidos, mas que eles ainda não podem deslizar a outras significações. Isso significa dizer que a concepção de língua é, muitas vezes, tomada como unívoca, provocada pela correspondência entre significante e significado. O jogo interpretativo em que o sujeito entrevistador questiona e o sujeito entrevistado responde indica uma relação de domesticação dos sentidos, em uma concepção de língua transparente, tomada apenas como ferramenta na busca pela compreensão.

A entrevista, na forma discursiva, porém, é considerada uma negociação dos sentidos entre o sujeito entrevistador e o sujeito entrevistado. Nesse jogo de dizeres, alguns sentidos são sustentados e outros são rompidos, fazendo com que novas significações passem a ocorrer.

2.1.2 O sentido de transferência em psicanálise

Em psicanálise, o sentido de entrevista é tomado de forma diferente da comunicação. Entre analista e analisando não há perguntas e respostas ou troca de informações. Em psicanálise, a relação entre analista e analisando constrói-se através de um laço de afetos, em que não se busca o entendimento do outro, mas a compreensãodo desejo que se instaura na situação psicanalítica.

O termo “transferência” foi utilizado por Freud e designa, em linhas gerais, a interferência da figura do analista na relação com o analisando. A transferência relaciona-se com a figura do outro, ou seja, faz com que o analisando transfira um afeto sentido por uma pessoa importante em sua vida para o analista. Esse redimensionamento dos sujeitos no processo de transferência é, segundo Maurano, uma “presença do passado, isto é, uma presença em ato”. (MAURANO, 2006, p. 16).

No princípio da teoria psicanalítica, no tratamento da histeria, a transferência é vista como um obstáculo, como uma forma de resistência que se traduz na dificuldade em estabelecer um tratamento entre analista e analisando. A visão da transferência começa a modificar-se quando Freud observa que os pacientes transferiam para a figura do analista o seu desejo reprimido, fazendo com que o paciente não renovasse sua experiência, mas, sim, a revivesse.

Mais tarde, ocorre o abandono do método catártico por Freud, que sugere a irrupção de uma nova forma de escuta. Essa nova forma de relacionar-se com o outro, o analisando, inicia a partir da relação com Anna O.[22], a conhecida paciente de Freud que gostaria de fazer uma “limpeza de chaminé”, isto é, gostaria de falar sobre o que a afetava, antes da aplicação de qualquer método catártico. Essa nova forma de compreensão do outro dá início à psicanálise, ou seja, a “cura pela palavra”, a partir do acolhimento do discurso do analisando pelo analista.

É a partir da obra “A interpretação dos sonhos” que Freud passa a analisar a transferência através da relação entre linguagem e conteúdo, isto é, o deslocamento efetuado pela linguagem no sonho em relação ao conteúdo ao qual deve ser atribuído algum sentido[23]. A atenção de Freud à fala lacunar, falhada, de suas pacientes resulta na concepção de uma nova técnica, denominada por ele como “associação livre”, método tão importante quanto a exploração dos atos falhos e a interpretação dos sonhos, que consiste na rememoração do passado de forma livre, sem a exigência da exatidão ou da satisfação pulsional.

---

[22] O caso Anna O. trata-se do mais famoso caso conhecido na psicanálise e discorre sobre a paciente de nome Berta Pappenheim, tratada por Joseph Breuer entre 1880 e 1882, a qual se atribui o nascimento da noção de “*talking cure*”, ou seja, a cura pela fala (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 568- 572).

[23] Freud, Sigmund. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira. Volume IV (1900): A interpretação dos sonhos.

Na cena psicanalítica, em que analista e analisando assumem seus lugares de interlocução, ocorre uma resistência por parte do analisando em relação ao processo de análise e ao próprio analista, que se apresenta como um obstáculo ao seu discurso, provocando uma fixação a determinados significantes e sua constante repetição e recalcamento. Roudinesco e Plon (1998, p. 659) demonstram que, no princípio, Freud ainda tentava superar as resistências, através da "explicação" dos conteúdos aos pacientes. No entanto, em um segundo momento, o psicanalista passou a compreendê-las clinicamente, como um sintoma daquilo que estaria recalcado. Nesse sentido, a interpretação é um tipo de resistência, mas não mais significa um obstáculo à análise, nem uma reação à figura do analista.

Ao compreender a resistência a partir de um caráter interpretativo, ou seja, ligada ao recalque e à repetição, Freud demonstra que a resistência não rompe com o processo psicanalítico, mas acaba por se constituir no próprio processo, justamente porque se torna passível de interpretação. Conforme Maurano (2006, p. 23), "a transferência é, portanto, a mola mestra do tratamento e ao mesmo tempo seu obstáculo, terreno onde ele arrisca fracassar". Torna-se, assim, de alguma maneira, inteligível para o sujeito, porque ele passa a elaborar uma interpretação.

Assim, a interpretação atuaria como o vencimento desses obstáculos impostos, como se, através do trabalho do analista, o analisando compreendesse o ritmo da cadeia significante. Obedecendo à entoação desse ritmo, a resistência jamais cessaria, sendo ela a própria essência da transferência. E, nessa concepção, a impossibilidade de a análise esgotar o trabalho da interpretação resulta naquilo que Freud denominou como contratransferência. Conforme explica Gobbato:

> […] pensava-se que o esgotamento da tarefa do analista — limpar constantemente sua tela das projeções do sujeito — teria como ponto final o retorno do recalque. A impossibilidade do analista de realizar esta tarefa consistia no que foi denominado de contratransferência: o analista não compreende o que o sujeito lhe projeta e esta falta de compreensão incorre na impossibilidade de retornar o objeto projetado pelo analisando, ocorre a incorporação do objeto. (GOBBATO, 2001, p. 105).

O esgotamento de sentidos não pode ser realizado pelo analista porque a interpretação do todo é da ordem do impossível. Por isso, a necessidade da contratransferência – a incompreensão daquilo que falta é a posição de interpretação que

o analista se coloca em favor do sujeito. A contratransferência, segundo Roudinesco e Plon (1998, p. 133), designa o "conjunto das manifestações do inconsciente do analista relacionadas com as da transferência de seu paciente". O analisando poderia, assim, interferir na análise, de modo que o analista não assumisse apenas uma posição inerte frente ao processo psicanalítico. Contudo, o conceito de contratransferência não é desenvolvido com afinco por Freud, preferindo o analista tê-lo relacionado à noção de "amor transferencial", uma vez que a relação analista-analisando se constrói através de duas demandas, quais sejam, a da linguagem, que constitui um apelo ao saber, e a do amor, que se constitui em um apelo ao ser, ou seja, ao analista (MAURANO, 2006).

É Lacan, no entanto, que, a partir das leituras de Freud, provoca o corte da noção de contratransferência em sua concepção de psicanálise, afirmando que essa noção nada mais é do que o efeito da transferência sobre o desejo do analista, que se coloca no lugar do outro através da fala do analisando. Investido nesse lugar, o analista sofre esses efeitos, porque não sabe o que deseja o analisando, mas atua como se tivesse em si esse objeto do desejo. Para Lacan, o amor do analista é o fruto da sua dessubjetivação, isto é, do desejo do analista em colocar-se no lugar de objeto.

É, portanto, através daquilo que nomeou como desejo do analista, que Lacan redimensiona o conceito de contratransferência. O desejo do analista é ocupar-se de uma posição de acolhimento e de escuta, o que não supõe uma relação simétrica entre analisando e analista, afinal, nas palavras de Lacan, "não existe termo para designá-lo [o que a transferência tem de necessariamente ímpar], a não ser o termo imparidade". (LACAN, 1992 [1960-1], p. 11).

Inicialmente, Lacan, a partir da leitura do caso Dora[24], analisado e descrito por Freud, entende a transferência como "uma sequência de inversões dialéticas, em que os momentos 'fortes' da transferência inscreviam-se nos tempos 'fracos' do analista" (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 769). Ainda acrescenta que a cada uma dessas inversões o analisando avançaria na busca pela verdade.

---

[24] O caso Dora é considerado o primeiro grande tratamento psicanalítico realizado por Freud. É datado de 1900 e, resumidamente, trata de uma paciente histérica chamada Ida Bauer, a qual Freud, através da interpretação de sonhos, auxilia na compreensão da sexualidade e das relações familiares (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 50-54).

Para Lacan, o analista funciona como um obstáculo ao simbólico, especificamente às associações livres, ou seja, aquele todo que o analisando deseja falar, que pode não ter uma relação imediata com o que está sendo abordado. A associação livre levaria o analisando a uma "fala livre e plena, que é dolorosa por ser suscetível de ser verdadeira". (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 650). A função do analista seria então, uma vez investido na posição de objeto causa do desejo, intervir no discurso do sujeito de modo que ele passe de uma posição de passividade frente ao Outro a uma posição de sujeito do inconsciente. É por isso que o equilíbrio entre o dizer e o silêncio ocupa papel fundamental no processo psicanalítico, porque é através desse equilíbrio que o analisando irá debruçar o seu objeto de desejo, o desejo da identificação.

A transferência é "a materialização de uma operação que se relaciona com o engano e que consiste em o analisando instalar o analista no lugar de "sujeito suposto saber" (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 769), isto é, em lhe atribuir o saber absoluto". Ao lado da repetição, do inconsciente e da pulsão, Lacan instaura a transferência como um dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Segundo Jorge e Ferreira:

> Para Lacan, o analista não opera do lugar de sujeito afetado pelo analisando. O analista opera do lugar de objeto, que lhe é conferido pelo discurso do analisando, a partir de sua fantasia. Na verdade, o analista opera a partir de dois lugares distintos, mas em nenhum deles está em jogo sua pessoa. Ele opera pela interpretação, a partir do lugar do Outro e pelo silêncio, a partir do lugar de objeto causa do desejo, objeto a. Lacan situa a interpretação em duas vertentes distintas: enigma e citação, a primeira referida à verdade, a segunda referida ao saber do Outro. (JORGE; FERREIRA, 2011, p. 66).

De acordo com Roudinesco e Plon (1998), Lacan define a transferência como a encenação da realidade do inconsciente na experiência psicanalítica, isto é, o inconsciente tomaria forma na prática psicanalítica, desvelando sentidos para o analisando, o que torna a transferência um conceito relacionado a outros, tal como a pulsão. Assim, os conceitos sobre os quais trabalha a psicanálise são formados, a exemplo de nosso terreno na Análise de Discurso, como uma rede de sentidos que se estabelecem na interpendência uns dos outros.

Dessa forma, na situação psicanalítica, os sujeitos estão investidos em suas posições através do endereçamento, o qual garante que analista e analisando coloquem-se em posições distintas – que esse saber inconsciente possa estar acessível ao analisando. Em outras palavras, é o investimento do analista em sua posição de amparo aos sentidos

do analisando que possibilita a transferência. Assim, o analisando é o foco e a própria luz, porque cabe a ele o desvelamento dos sentidos que carrega. Ao analista, resta o trabalho da escuta, porque o trabalho da interpretação já está dado pelo analisando. Segundo Jorge e Ferreira,

> O analisando já está aprisionado ao sentido – às vezes de modo religioso – e, não cabe ao analista acrescentar novos sentidos para essa sofisticada forma de prisão. Ao contrário, o analista deve libertar o analisando dos sentidos cristalizados, levando-o a criar novos sentidos, abrindo assim novas possibilidades de seu estar no mundo. (JORGE; FERREIRA, 2011, p. 67).

Nesse âmbito, os sentidos pertencem ao baú de memórias e saberes do analisando. É esse sujeito que joga com as possibilidades e que inscreve determinados significantes, atribuindo-lhes significações. Assim, o lugar do analista é um lugar de desejo, porque deve acolher a interpretação do outro, que, em última instância é a interpretação que deve ser reconhecida, legitimada. O lugar que o analista ocupa, desse modo, é da aceitação da interpretação.

Na situação de análise, o sujeito vê o analista como um guardião de sentidos. Ora, mas se o analista também é sujeito, ou seja, fala (e por falar está inscrito no simbólico), o analista também não pode oferecer ao sujeito a chave para acesso aos sentidos. Por isso, a posição do analista nada mais é do que a de um sujeito que pode amparar os sentidos do analisando, através da escuta e da interpretação.

Essa situação de engano faz com que o analisando invista o analista como um sujeito onisciente, ou seja, que tudo sabe e tudo conhece. Como esse investimento não é válido, visto que o analista também é um sujeito e, portanto, falha, Lacan o nomeia como "sujeito suposto saber". Já o imaginário de um sujeito que detém todos os saberes se desfaz quando o analisando passa a compreender aqueles sentidos que antes lhe pareciam inacessíveis.

A transferência é, em síntese, a própria dimensão da psicanálise, a sua fundação, que constitui a teoria e a clínica, bem como as sustenta. Se há um fim para a transferência, só há de ser no momento em que o sujeito finda também o seu discurso na situação de análise, rompendo com esse processo de busca pela (in)completude do sentido.

2.1.3 O sentido da entrevista para a AD

A entrevista e a sessão psicanalítica são espaços discursivos muito diferentes, já que também são característicos de posições teóricas diferenciadas. O sujeito entrevistador não é um analista, assim como o sujeito entrevistado não é o analisando, tampouco o analista irá investigar, estudar ou apresentar a vida do analisando a um determinado público telespectador. São, como já dissemos, posições-sujeito diferentes e lugares discursivos muito específicos. Neste momento, nosso trabalho será demonstrar como essas outras posições teóricas afetam nosso olhar quando em relação à construção desses lugares. Nesse sentido, a Análise de Discurso se distancia dessas posições, mas, por outro lado, também precisa dessas abordagens para traçar o seu gesto de interpretação.

Assim, ao tratarmos de nossa posição teórica, devemos pensar em como o discurso desses sujeitos está sendo construído. O investimento desses sujeitos em seus lugares discursivos específicos está delimitado pelas condições de produção e pelas formações – social e discursiva – às quais esses sujeitos estão submetidos. Sendo assim, a relação entre analisando e analista está determinada pelas condições de produção psicanalíticas, específicas dessa situação de análise. Já a entrevista no âmbito da comunicação é constituída através de condições de produção midiáticas. Em Análise de Discurso, há um movimento de aproximação e distanciamento com ambas as abordagens.

Quando falamos em aproximação, como a perspectiva da comunicação, entendemos que as condições de produção em que a cena discursiva se constitui não são diferentes de uma entrevista tradicional. No entanto, há uma cisão quando pensamos a categoria de sujeito: enquanto a comunicação falará em um indivíduo ou sujeito, em Análise de Discurso falaremos de posições-sujeito e de lugares discursivos.

Não nos cabe, também, discutir a relação entre analista e analisando na perspectiva da psicanálise, mas falaremos do discurso de um sobre o outro e dos discursos que estão circulando nesse espaço. Não nos interessa, portanto, a busca pela cura ou a escuta psicanalítica desse sujeito, mas, sim, a forma como, em seu discurso, alguns processos vigentes em psicanálise podem ser ressignificados em nossa perspectiva teórica.

Dessa maneira, tentamos construir o nosso próprio gesto, em que analisamos esses discursos, considerando as noções próprias da Análise de Discurso em diálogo com as outras abordagens tão necessárias à elaboração dos conceitos que aqui desenvolveremos.

Em outra seção, demonstramos como a situação da entrevista está atravessada por outras formações discursivas, a exemplo dos discursos médico-científico e jurídico. Por esse motivo, delineamos a formação discursiva e a nomeamos como formação discursiva de ordem do corpo (FD-OC), pois entendemos que os saberes produzidos se mesclam à trama do discurso e se ressignificam através dos fios da memória e do interdiscurso. Neste capítulo, entretanto, iluminaremos um pouco mais a noção de entrevista como um ato discursivo. Portanto, tal como o ato psicanalítico, em que a palavra (o significante) se apresenta como um vazio, o vazio que possibilita compreender o sujeito do desejo, a entrevista, em seu viés discursivo, é o discurso sustentado em ato, suspenso nesse vazio. No entanto, se no ato psicanalítico, a noção de corte está presente pela suspensão da análise, na entrevista, esse corte pode ser representado pelo desvio, pela tentativa de tirar o discurso de seu lugar de sustentação e vinculá-lo ao eixo da polissemia, do novo.

Se, quando apresentamos a entrevista conceituada pelas teorias da comunicação, demonstramos que se assemelha a um diálogo, não podemos, no momento da conceituação desse significante em AD, furtar-nos de estabelecer como ele pode ser desdobrado em nosso campo teórico-analítico. Assim, no nosso terreno, a entrevista pode ser considerada como sentidos que são entre-vistos, isto é, longe da ilusão da transparência, esses sentidos só podem significar em relação ao processo histórico-ideológico de sua formulação.

Já demonstramos que os discursos estão relacionados a uma rede imaginária de sentidos pré-construídos que provocam relações de identificação/desidentificação nos sujeitos, fazendo com que assumam determinados discursos já historicizados e naturalizados. Assim, o que se espera de um sujeito transexual que vai a um programa de televisão falar de sua condição? O que se espera que o sujeito entrevistador pergunte, inquira? Como os sentidos estabilizados sobre sexo, gênero e corpo se articulam? Como a noção de língua e a concepção de equívoco nos provocam a ressignificar a entrevista de/com um sujeito transexual?

Pensamos aqui a entrevista não como um simples questionário ou interrogatório, mas como um processo discursivo, em que, sob a trama de recortes feitos pela mídia (afinal, o que pode e deve ser dito sobre os sujeitos transexuais?), há o enfrentamento de diferentes posicionamentos. Isso significa que a entrevista se constitui como uma tensão instaurada entre sujeito entrevistador, que fala de seu lugar como mediador de alguns

sentidos, mostrando alguns saberes domesticados, e os sujeitos transexuais, que ainda, mesmo apresentando saberes vinculados ao discurso *sobre* eles, tentam construir um discurso que escapa a essa determinação.

As entrevistas no âmbito da Análise de Discurso assumem uma dimensão significante outra – que não a da psicanálise nem tampouco da comunicação. Sujeito e língua são tomados em uma perspectiva diferente, porque o sujeito está interpelado não apenas pelo inconsciente, mas também pela ideologia. Por sua vez, a língua não é instrumento ou meio de comunicação, mas, sim, constitutiva do sujeito, que é concebido como efeito da linguagem.

A noção de língua, portanto, é fundamental para que cheguemos à constituição daquilo que entendemos por discurso. Por esse motivo, em nossa abordagem, distanciamo-nos completamente da noção de língua "sujeita ao controle do falante e ao fechamento de sentidos como a estabelecer uma relação direta entre dois interlocutores ancorados na eficácia da mensagem" (ROMÃO, 2011, p. 157). Dessa forma, marcamos nosso lugar teórico, que se propõe a pensar em uma língua cujos sentidos não são passíveis de domesticação.

No processo do qual falamos aqui, há um gesto de interpretação que difere das outras perspectivas apresentadas. Nas condições de produção em que a entrevista se desenvolve, os sujeitos vão se compreendendo, num movimento cortado pela memória e pela ideologia. Assim, a materialidade é "regulada" através desse processo de leitura, onde aquilo que pode e deve ser dito tem de ser dito e aquilo que não se pode e não se deve dizer pode irromper sob a forma do estranhamento, do lapso. É dessa maneira que o sujeito se marca através da língua e se constitui nesse processo.

O gesto de leitura não ocorre através do mero desvelamento dos sentidos que estão sendo ditos pelo sujeito entrevistador e a resposta do sujeito entrevistado. Tal gesto ocorre, sim, através da deriva dos sentidos que estão sendo colocados em jogo. E essa deriva dos sentidos é, portanto, um efeito de interpretação. Dos lugares assumidos pelo sujeito, há um efeito ilusório de compartilhamento, como se o sentido fosse o mesmo. No entanto, como sabemos, o sentido não está na palavra, mas na relação com a história e com a ideologia. Por esse motivo, sujeito entrevistador e sujeito entrevistado não partilham de um mesmo sentido, apenas de seus desdobramentos.

Por isso, quando falamos de nosso território, ressignificamos o conceito surgido na teoria psicanalítica, afinal, a interpretação vem tanto do outro, que interpela o sujeito, quanto do Outro, da ideologia atravessada nesse discurso. Através da marcação da diferença entre o outro, como aquele que se coloca na posição de interlocução e escuta, e o Outro, a representação dos saberes e da ideologia, estabelecemos assim o espaço na cena discursiva em que atua o sujeito do discurso.

De nossa perspectiva, portanto, não apenas aquele que está colocado no lugar de inquirido interpreta, mas, também, o sujeito que ocupa o lugar de inquiridor, nesse caso, o sujeito entrevistador. Assim, os sujeitos estão postos às determinações da ideologia. Os sentidos que estão sendo compartilhados já foram forjados antes, e, portanto, são ressignificados no momento em que estão sendo (re)formulados.

Portanto, podemos dizer que o discurso vai se tramando no mesmo momento em que vai sendo materializado. O padrão da trama vai sendo estabelecido na medida em que esse processo discursivo ocorre, já que nada sabemos de antemão. Ainda que interpelados pelo efeito de evidência do que significa um "transexual", por exemplo, só saberemos que sentido esse vocábulo adquirirá no momento mesmo em que for discursivizado. Dessa forma, os sentidos, tal qual os pontos de tricô, vão sendo construídos em uma trama de dizeres. No entanto, à diferença do trabalho de tricotar, os pontos feitos não podem ser jamais desmanchados. O que está construído não pode ser apagado.

SD9[25] – O transexual:

> ***Sujeito-entrevistado:*** *(...)então na minha cabeça... eu... eu... nada questionava... eu era quem sou... sempre fui né... brinquei menino... só que quando é... coloco aquela sainha... eu tomo consciência...*
> ***Sujeito-entrevistador:*** *com quantos anos?*
> ***Sujeito-entrevistado:****com sete anos...*
> ***Sujeito-entrevistador:****sete anos? que é a idade da consciência de fato...*
> ***Sujeito-entrevistado:*** *é... então foi nesse momento que eu tomei a consciência não que eu era... que eu... que eu era um transexual... sei lá... a consciência do que eu não era... eu tomei consciência do que a sociedade queria que eu fosse...*
> ***Sujeito-entrevistador:****que você fosse...*
> ***Sujeito-entrevistado:*** *( ) o transexual sempre sabe o que ele é...*

[25] Sequência discursiva selecionada da entrevista concedida por Leo Moreira Sá à apresentadora Marília Gabriela.

SD10[26] – A transexualidade:

> ***Sujeito-entrevistador:****Você era gay?*
> ***Sujeito-entrevistado:*** *era... Não...*
> ***Sujeito-entrevistador:****você tinha sintomas...*
> ***Sujeito-entrevistado:*** *eu achava que eu era gay...*
> ***Sujeito-entrevistador:****de homossexual...*
> ***Sujeito-entrevistado:*** *eu achava que eu era gay... Mas o que era estranho é que é o seguinte... o gay... a homossexualidade é uma escolha... uma opção sexual... Então... é uma coisa puramente sexual... A transexualidade...*
> ***Sujeito-entrevistador:****não me parece que seja uma opção também... É ser...*
> ***Sujeito-entrevistado:*** *é... é ser... você é... Mas não é uma opção... mas é... é como dizer... é um gosto...*
> ***Sujeito-entrevistador:****certo...*
> ***Sujeito-entrevistado:*** *você bebe coca-cola... você bebe sprite... cada um tem o próprio gosto... A transexualidade... o distúrbio de identidade de gênero... não... não é um gosto... Porque eu posso ser lésbica e transexual... Então... isso... num... num... eu posso... não tem a ver com sexualidade... É mais uma coisa de gênero...*
> ***Sujeito-entrevistador:****como agora acabou de... a filha da... da Cher...*

Na SD9, vemos como ocorre o processo de transferência, tomado na perspectiva que adotamos neste trabalho. Compreendemos como está presente um sentido de conexão entre as posições assumidas pelos sujeito entrevistador e entrevistado. Há um movimento na construção desse discurso, através de significantes que vão sendo deslocados nessa cena discursiva: o sentido de consciência desvelado no discurso do sujeito entrevistado parece estar relacionado ao entendimento do processo pelo qual está passando, enquanto o sentido depreendido no discurso do sujeito entrevistador está associado a um discurso científico, através do qual o sujeito entrevistador edifica seu dizer.

Também nos deparamos com a constituição de um discurso contraditório, por parte do sujeito entrevistado, que se constrói diante de oposições. Primeiramente, a marca de negação que ora é apagada, ora retorna, deslocado, ao dizer: *não que eu era/ que eu era/ (do) que eu não era*. Essa tentativa de colocação das palavras em lugares exatos

[26] Sequência discursiva selecionada da entrevista concedida por Lea T. à apresentadora Marília Gabriela.

parece amparar esse discurso de um corpo que não encontra sua exatidão, em conformidade com o discurso dominante. E as palavras do outro parecem fazer sentido ao sujeito: “a sociedade queria que eu fosse” parece acabar com esse efeito de incerteza sobre si, demonstrando a irrupção não só do olhar, mas da palavra do outro que constrói o discurso desse sujeito.

Existe aqui, portanto, uma ideia de transferência – no sentido da resistência – que permite o desdobramento do mesmo sentido em outro, ou seja, permite a transformação. Só há transformação quando há resistência, porque há o deslizamento de um sentido a outro. Conforme Pêcheux:

> As resistências: não entender ou entender errado; não “escutar” as ordens; não repetir as litanias ou repeti-las de modo errôneo, falar quando se exige silêncio; falar sua língua como uma língua estrangeira que se domina mal; mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases; tomar os enunciados ao pé da letra; deslocar as regras na sintaxe e desestruturar o léxico jogando com as palavras… (PÊCHEUX, 1990, p. 17).

O sujeito entrevistador tenta formular os sentidos para o sujeito entrevistado. O sujeito entrevistado, por sua vez, reage ao discurso, mostra o diferente, quando se (in)define através do vazio: “não que eu era... que eu... que eu era um transexual....”/ “a consciência do que eu não era...”/ “a sociedade queria que eu fosse...”/ “o transexual sempre sabe o que ele é...” .

Podemos verificar nesse discurso a oscilação entre os pronomes “eu” e “ele”, referindo-se ao mesmo sujeito, o que produz um efeito de dúvida. Ainda sobre a transferência, entendemos como o sujeito entrevistado precisa do discurso do outro para estabelecer essa ordem em seu dizer. Assim, quando o sujeito entrevistador diz “que você fosse”, ele espera uma resposta, uma explicação, colocando-se num lugar esvaziado, de quem espera por uma definição. Esse lugar esvaziado imposto pelo sujeito entrevistador provoca uma mudança no dizer do sujeito transexual, que passa a falar de si como se fosse uma terceira pessoa. Desse modo, o enunciado “a sociedade queria que *eu* fosse” dá lugar a “*o transexual* sempre sabe o que *ele* é”.

Logo, o sujeito tenta compreender os processos de subjetivação através do discurso do outro, que o coloca na injunção de interpretar-se, dizer-se. E, através da língua, o sujeito tenta compor a sua história, de modo que faça sentido, isto é, que se torne compreensível, assimilável.

> No movimento basculante de lembrar e esquecer (e de dizer e calar) dá-se o jogo da ideologia que faz parecer evidente ao sujeito um único dizer, sinalizando certas tramas da memória como naturais e soterrando outros sentidos tidos como indesejáveis. A captura ideológica corre solta à revelia do que o sujeito julga dominar, instalando a não garantia de que o sentido esperado se concretize e também de que o controle da língua seja absoluto; é ainda movediço o modo como a língua captura, afeta e fisga o próprio sujeito. (ROMÃO, 2011, p. 158).

A noção de língua para a comunicação é concebida numa perspectiva utilitarista, em que o objeto, o "tema" sobre o qual se fala é exterior à comunicação travada pelos sujeitos, que são tidos como interlocutores. Em relação à psicanálise, opera-se uma profunda cisão, em que o analista atua como um iluminador dos sentidos que estão guardados em um baú escuro, prontos para serem desvelados pelo próprio analisando, ou seja, o analisando não tem o controle da língua, mas, ao mesmo tempo, está interpelado por ela, (des)vela-se através da língua, deixa o sentido entre-visto.

É por isso que o sujeito entrevistado tenta construir uma significação através da língua. Entre o que o sujeito era (era um transexual) e não era (eu não era…) há um impasse, uma afirmação que implica uma negação implícita, uma denegação. Em "a sociedade queria que eu fosse" e "o transexual sabe o que ele é", vemos a construção do discurso do sujeito transexual, estabelecida através das palavras outras. Afinal, quem a sociedade queria que esse sujeito fosse? O que ele é? O sujeito passa a construir seu discurso na tentativa de responder a essas definições, tentando também definir seu próprio corpo para o outro.

A concepção de língua para a Análise de Discurso é o fundamento sobre o qual se sustentam os outros pontos da trama, isto é, os outros conceitos que formam o nosso tecido teórico. Assim, a língua só pode ser tomada na sua opacidade e incompletude, ao abrigo do equívoco que deixa escapar aquilo que faz com que o sujeito se rebele/revele.

Na definição da transexualidade é que a língua se depara com o seu vazio. Na SD10, observamos alguns enunciados que (re)velam sentidos de aproximação e comparação: estabelecem-se sentidos para os sujeitos gays e para os transexuais, assim como a homossexualidade e a transexualidade parecem ser definidas. Dentro do universo logicamente estabilizado (PÊCHEUX, 2012 [1983]) dos sentidos, há um conflito sobre o que é a homossexualidade: você era gay?/era...não/você tinha sintomas.../eu achava que era gay/de homossexual/eu achava que era gay. Esse conflito parece contrariar a noção

de que a homossexualidade já é reconhecida em nossa formação social. Mesmo assim, a necessidade de interpretar o corpo permanece, vinculando esse discurso à posição-sujeito de explicação do corpo (PS-EC), uma vez que sujeito entrevistador e sujeito entrevistado não compreendem o corpo como discurso, mas, sim, como objeto relacionado ao binarismo vigente.

O vocábulo "sintomas" carrega um sentido de patologia, como se a homossexualidade fosse uma doença[27] que pudesse apresentar sintomas. A equiparação da homossexualidade à transexualidade é uma tentativa, por parte do sujeito entrevistador, de nomear os processos de subjetivação, como se essa nomeação eliminasse o conflito que se instaura. No entanto, esse conflito permanece no discurso, porque não há entendimento:

> *eu achava que eu era gay... Mas o que era estranho é que é o seguinte... o gay... a homossexualidade é uma escolha... uma opção sexual... Então... é uma coisa puramente sexual... A transexualidade...*
>
> não me parece que seja uma opção também... É ser...
>
> *é... é ser... você é... Mas não é uma opção... mas é... é como dizer... é um gosto...*
>
> certo...
>
> *você bebe coca-cola... você bebe sprite... cada um tem o próprio gosto... A transexualidade... o distúrbio de identidade de gênero... não... não é um gosto...*

Assim, a transexualidade é definida, primeiramente, através do conflito. Após, definida pela negação "não é uma escolha" e "não é um gosto". Depois, atravessará no discurso desse sujeito, novamente, os sentidos formulados na FD-OC: a transexualidade é um distúrbio de gênero. Essa definição parece novamente colocar os sentidos em suspenso, como se a transferência estivesse novamente reestabelecida, e sujeito

---

[27] Lembramos que, até a terceira edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM – III), a homossexualidade era caracterizada como transtorno psicossexual. Apenas em 1980, o vocábulo é retirado do manual, com a publicação do DSM-IV.

entrevistador e sujeito entrevistado compartilhassem dos mesmos sentidos. Tratar essa forma de subjetividade como uma escolha é colocar o sujeito à mercê do outro, que o nomina, o designa.

Compreendemos que as entrevistas são situações em que os sujeitos estão ocupando lugares discursivos determinados, que já apresentamos como lugar do sujeito entrevistador e lugar do sujeito entrevistado. Assim, esses dois sujeitos ocupam esses lugares, que, longe de serem fixos e imutáveis, estão relacionados à movência e à errância dos sentidos.

O discurso, portanto, fica à deriva nesse lugar de movência porque, investidos em lugares diferentes, os sujeitos falam também de posições diferentes. Cabe, então, delimitarmos o lugar que esses sujeitos ocupam com relação às condições de produção que estão sendo apresentadas, ou seja, o espetáculo midiático que é a situação da entrevista. No entanto, ao falarmos de filiações à FD-OC através da PS-EC, devemos conceber que o discurso que se produz aí também abriga essa divergência de posicionamentos e – por causa disso – torna-se um discurso muito peculiar nessa rede que vai se produzindo.

2.2 O corpo que precisa ser explicado: a transferência discursiva

Com base nas condições apresentadas, nas quais a entrevista se constitui, entendemos que o sujeito entrevistador produz um discurso em que repercutem os sentidos formulados na FD-OC, de modo a constituir um discurso de autoridade. Por outro lado, o sujeito entrevistador, a partir de seu lugar discursivo que não esquece o já-lá de sujeito jornalista, também trabalha na constituição de um discurso de entendimento do corpo do outro e da explicação desse corpo aos sujeitos telespectadores.

Por isso, entendemos que, ao recuperar saberes da FD-OC e ressignificá-los no discurso, o sujeito entrevistador promove um outro olhar sobre o sujeito transexual: o sujeito transexual passa a ter seu corpo visível através de um discurso que tenta recuperar os “desvios” do corpo – não para corrigi-los, mas para compreendê-los. Assim, entendemos que há, baseada no saber jornalístico, a constituição de uma posição sujeito, que está relacionada à FD-OC, uma vez que se sustenta no saber produzido pelo discurso médico-científico e jurídico, mas que, ao interessar-se pelo discurso do sujeito, provoca

uma nova relação de saber. Essa posição é que denominamos posição-sujeito de explicação do corpo (PS-EC), por estar relacionada à didatização, à função pedagógica do discurso jornalístico.

Nessa posição, observamos um confronto entre os sentidos sobre o corpo: o desvio do corpo do transexual precisa ser interpretado, compreendido. O desvio dos sentidos – que ocorre no nível intradiscursivo – é uma marca da língua refletida nas marcas no corpo. A noção de desvio, tão cara ao nosso terreno da Análise do Discurso, é vista na FD-OC como um problema que deve ser solucionado. O desvio corresponde àquilo que está errado, ao corpo que insiste em se discursivizar pela falha, pelo erro, por aquilo que precisa ser corrigido.

Dessa maneira, entendemos que um corpo que não está relacionado ao corpo ideal, a um determinado padrão estabelecido para os gêneros, sofre com a angústia do não pertencimento. Nesse sentido, vocábulos como "preconceito", "discriminação", "aceitação" vertem na linearidade, no discurso do sujeito entrevistador, para tentar interpretar a transexualidade, cujos sentidos estão tão distantes desse sujeito que está na posição de inquisidor. Do mesmo modo, surgem dizeres que tentam aplacar esse distanciamento, a tentativa de conectar esses dois sujeitos, mostrar esse corpo que ainda sofre com o inominável.

SD11[28] – Os sentidos do preconceito:

> ***Sujeito-entrevistador:*** *você que deu tanta entrevista percebeu neles... na TAILÂNDIA... uma:... aceitação maior da condição de um transexual... ou... menos preconceito... ou nenhum preconceito... me fala alguma coisa...*
> ***Sujeito-entrevistado:*** *ahan... não... eu senti menos preconceito... mas preconceito existia sim porque até então... a MISS ESTADOS UNIDOS... é... eu não sofri preconceito nenhum... só que lá é mesmo preconceito assim... por que?... porque tipo assim... qualquer lugar que você vai lá... você vê uma trans trabalhando... tipo em secretária de hotel ou você vê uma trans em qualquer lugar normal... que é diferente aqui no BRASIL... ou é cabeleleira ou tá na rua fazen... né... ou é modelo...*
> ***Sujeito-entrevistador:*** *batendo calçada... é isso que cê tá falando?*
> ***Sujeito-entrevistado:*** *ahan... porque o mercado de trabalho não abre muito né... diferente de lá... o mercado de trabalho lá é mais aberto*

[28] Sequência discursiva selecionada da entrevista concedida por Marcela Ohio à apresentadora Marília Gabriela.

pro público trans... agora aqui no BRASIL que tem esse preconceito maior... só que lá também existe preconceito... porque a minha amiga que ganhou... em segundo lugar... a MISS ESTADOS UNIDOS... ela foi pra uma festa e lá descobriram que ela era trans e mandaram ela se retirar... por ser trans... da festa...

SD12[29] – A mitigação dos sentidos:

Sujeito-entrevistador: *é isso?*
Sujeito-entrevistado: *é... comentário... tipo assim... porque lá é muito assim... na cidade*
Sujeito-entrevistador: *porque você é uma MULHER::...*
Sujeito-entrevistado: *brigada...*
Sujeito-entrevistador: *é... não... sabe... é olhar e ver uma mulher... eu imagino que... as trans que foram pra lá... devam ser..*
Sujeito-entrevistado: *são bem femininas também...*

Percebemos um movimento em que os sentidos se dispersam para a construção de um todo coerente, que possa ser aproximado desse que pergunta. Depois, há uma aplacação desse dizer, uma contenção, uma colocação dessa dispersão em uma tentativa de significado completo, interpretável, aceitável.

É o discurso formulado pelo sujeito entrevistador que se apresenta como uma baliza de sentidos para o sujeito entrevistado. É ele que conduz o enunciado, apresentando a diferença entre "aceitação maior"/ "preconceito menor"/ "nenhum preconceito". Os modalizadores "maior", "menor" e "nenhum" modificam o sentido de "preconceito", contudo, "aceitação maior" e "preconceito menor" parecem se equivaler, de modo que preconceito e aceitação passam a compartilhar traços significantes iguais.

O sentido rememorado pelo vocábulo "aceitação" lembra-nos da tolerância, da resignação do um ao outro. Nesse sentido, não há, portanto, a referência à ausência do preconceito, mas, sim, o estabelecimento de uma palavra por outra para estabelecer um sentido que já está materializado: o sentido do preconceito.

---

[29] Sequência discursiva selecionada da entrevista concedida por Marcela Ohio à apresentadora Marília Gabriela.

Nesse movimento de sustentação de uns sentidos e de saturação de outros, vemos que as palavras percorrem vias sinuosas para significarem, vias que demonstram a irrupção de uma contradição. Em um primeiro momento, temos a seguinte relação de enunciados: “eu senti menos preconceito”/ “mas preconceito existia sim”/ “eu não sofri preconceito nenhum”/ “lá é o mesmo preconceito assim”/ “aqui no Brasil que tem esse preconceito maior”/ “lá também existe preconceito”.

Há sentidos que se repetem nesses enunciados e que formam uma contradição aparente. Notemos que “eu senti menos preconceito” diverge de “eu não sofri preconceito nenhum” enquanto “mas preconceito existia sim” e “lá também existe preconceito” formam um par sintagmático parafrástico, ou seja, há um sentido que permeia esses dois dizeres: em algum nível existe preconceito fora do Brasil. No entanto, “lá é o mesmo preconceito assim” e “aqui no Brasil tem esse preconceito maior” apresentam uma oposição, visto que o par “lá”/ “aqui” não se opõe aos adjetivos “mesmo”/ “maior”.

Essas oposições aparecem no discurso como um atravessamento da ideologia dominante no discurso do sujeito transexual, o qual apresenta uma instabilidade entre o que se identifica e o que gostaria de se identificar. O vocábulo “preconceito”, tantas vezes repetido nessa sequência, possui um mesmo sentido compartilhado entre os sujeitos. Mas esse “preconceito” é tomado de maneira ampla, pois aquilo que o sujeito entrevistador entende como “preconceito” não é compartilhado pelo sujeito entrevistado. Além disso, as repetições formuladas pelo sujeito entrevistado não podem ser tomadas como sinônimos.

Assim, a repetição do vocábulo “preconceito” está relacionado à palavra “normal”, que é referida, nessa sequência, em seu sentido sedimentado. O “normal” está oposto ao desvio do corpo e ao deslize da língua. Quando se refere a um lugar como “normal”, ocorre uma cisão entre os saberes, onde há aceitação em confronto com espaços de maior preconceito.

Na SD12, a explicativa “porque você é uma mulher” apresenta-se como uma justificativa à supressão do sentido do preconceito. Dessa forma, não há motivo para haver preconceito, se esse sujeito transexual está identificado com um gênero determinado em nossa formação social. Portanto, essa explicação constrói um sentido de completude para o sujeito entrevistado, que se resigna à sua condição. “Porque você é uma mulher”/ “Obrigada” indica uma aceitação que impede o desenrolar dos sentidos

sobre a transexualidade, fazendo com que essa significação ocorra apenas no plano biológico, científico, que vê sujeitos pautados pelo sexo. Nessa perspectiva, homem e mulher não designam posições de gênero, mas posições biológicas, formadas através do discurso da ciência, afinal, pelas palavras do sujeito entrevistador se "olha e vê" uma mulher.

Quando o sujeito entrevistador afirma "Porque você é uma mulher", há uma ressonância de sentidos advindos da FD-OC, já que, a partir do olhar do sujeito entrevistador, o sujeito transexual é reconhecido, atestando o trabalho de funcionamento da ideologia. Há um reconhecimento da identidade desse sujeito como de um outro gênero pelo olhar do sujeito entrevistador.

Nessa SD, o enunciado "você é uma mulher" transparece como uma qualificação do sujeito, como aquilo que ele espera que seja dito, que seja percebido pelo outro. Ser uma mulher (discursivizado através da forma linguística *você é*) é o desejo do sujeito. Ao tomar esse significante como um elogio, agradecendo-o, observamos a necessidade da harmonia entre o corpo e o imaginário de sujeito que pode ter esse corpo. Nas palavras de Pêcheux (2009 [1975], p. 275), esse seria o "ponto em que o absurdo reaparece sob a evidência", no qual o sujeito diz "sou eu", demonstrando sua identificação frente à interpelação da ideologia.

No discurso formulado na FD-OC, como já dissemos, a transexualidade não é designada de maneira equivalente, mas, sim, através da vinculação ao desvio e à patologia. Assim, não se pode "olhar e ver" um transexual, porque isso seria reconhecer a insurgência de uma nova posição-sujeito, ou seja, tirar esses sujeitos da invisibilidade. Ao "olhar e ver" uma mulher, os sentidos voltam aos lugares de acomodação, naturalizados pelo discurso da FD-OC.

O enunciado seguinte, que completa essa rede de significações estabelecida entre os sujeitos, é relativo aos outros sujeitos transexuais, fazendo-nos crer que o desejo desse sujeito vincula-se à identificação com um determinado feminino. O dizer: "eu imagino que... as trans que foram pra lá...devam ser.../são bem femininas também" nos lança a um outro espectro dessa formação discursiva, ou seja, os sentidos construídos sobre o "feminino".

A noção de feminino é uma construção cultural e, portanto, ideológica. Há sentidos diferentes dentro de uma formação social para esse significante. Na formação

social capitalista, esse sentido está atrelado às designações sobre a mulher. E, novamente, não é apenas da mulher, tal como a ciência designa, que estamos falando. Ideologicamente, os significantes que formam o campo semântico que se liga à noção de feminino são delicadeza, graça, beleza. Além disso, o corpo feminino também está construído socialmente: os seios fartos, quadris largos, cintura fina e traços suaves provocam uma consolidação do imaginário sobre a mulher.

O sentido de "feminino" constitui-se de diferentes maneiras a cada reflexo das FDs. No entanto, dadas as condições de produção em que esse discurso se produz e a relação desse enunciado com os anteriores, podemos entender que o sentido compartilhado sobre o feminino é o mesmo: o sentido dominante, que relaciona a mulher ao delicado, ao frágil. Ao identificar-se com esse significante, tomado em sua concepção predominante, há o silenciamento dos outros sentidos possíveis. Tal silenciamento não reproduz apenas o ensurdecimento às outras derivas do sentido, mas um silêncio histórico-ideológico sobre a constituição do sujeito transexual. Em outras palavras, na adesão a esse saber, o sujeito acomoda-se no significado que esse sentido oferece, silenciando as outras nuanças da identidade de gênero.

SD13 – A memória do feminino[30]:

> ***Sujeito-entrevistador:*** *é que não é não fá... mas você vai fazer... é claro que você vai fazer [a cirurugia de redesignação sexual]... porque... como você mesmo disse... o resto é um apêndice... e você quando... eu vou fazer uma pergunta um pouco indiscreta... quando você tira a roupa no espelho... você vai baixando e olho e diz assim... ah:... assim... se assusta?... que que é isso?*
> ***Sujeito-entrevistado:*** *eu me sinto mal...*
> ***Sujeito-entrevistador:*** *que loucura...*
> ***Sujeito-entrevistado:*** *eu me sinto mal...*
> ***Sujeito-entrevistador:*** *mas olha... você não deve se sentir mal... porque você é... você é... uma moça muito bonita... você não tem... não tem nenhuma indicação... você pode perceber até aqui pela plateia... nenhuma indicação que você tenha sido um FELIPE que virou FILIPA... e nos documentos hoje em dia como é que é?*
> ***Sujeito-entrevistado:*** *ainda é FELIPE...*
> ***Sujeito-entrevistador:*** *e que pode mudar também né...*

[30] Sequência discursiva selecionada da entrevista concedida por Filipa Tavares ao apresentador Jô Soares.

> ***Sujeito-entrevistado:*** *só após que operar... a operação...*
> ***Sujeito-entrevistador:*** *ah sim... a operação...*
> ***Sujeito-entrevistado:*** *não... não pode ainda...*
> ***Sujeito-entrevistador:*** *que loucura isso né? porque é uma mulher que tá aqui... uma moça...*

Na sequência acima, vemos que não há a materialização do significante "preconceito" tal qual na SD11. No entanto, os sentidos desse significante seguem permeando a materialidade, em uma tentativa recorrente de consolidação de um sentido sobre o feminino, e, mais ainda, da vinculação da imagem do transexual a esse sentido dominante. Essa vinculação da imagem do sujeito a uma imagem que está construída e consolidada reflete o peso do significante "preconceito" – ainda que não esteja materialmente aparente – como constitutivo desse discurso. Tal constituição é possível através do trabalho da memória que carrega os sentidos sedimentados à materialidade.

No discurso do sujeito entrevistador percebemos a formulação dessa noção: ao perguntar se o sujeito transexual se assusta com o que vê no espelho, o sujeito entrevistador também diz "Que que é isso?", ou seja, revelando uma paráfrase como "diga o que és". Nesse enunciado, que se constitui através de pronomes interrogativo e demonstrativo (que/isso), o sujeito entrevistador está justamente tentando compreender como é o processo vivido pelo sujeito transexual, como se estivesse interpretando o outro, de forma a traduzi-lo, explicá-lo. Contudo, esse gesto de explicação é realizado através de uma metonímia, que coloca o corpo do transexual reduzido aos seus genitais, afinal "o resto é um apêndice", ou seja, o corpo do sujeito fica resignado aos seus órgãos sexuais, assim como o discurso sobre a transexualidade que se constitui na entrevista está resignado ao saber dominante da ciência.

Essa insistência em criar um sentido correto para o corpo do transexual é corroborada pelos enunciados seguintes, nos quais, enquanto o sujeito entrevistado diz sentir-se mal, o sujeito entrevistador designa a angústia do outro como uma "loucura". Tanto os sentidos de "sentir-se mal" e de "loucura" nos lançam para o terreno do discurso científico que classifica a transexualidade como um distúrbio mental. Ao sujeito acometido por essa doença resta o sintoma, o sintoma do mal-estar, o qual acredita que será sublimado com a cirurgia de redesignação, que o tirará da condição transitória expressa pelo advérbio "ainda" ("ainda é Felipe").

A mitigação dos sentidos do preconceito corrobora a necessidade de um estabelecimento de um corpo ideal para o sujeito, relacionado a formas preestabelecidas social e ideologicamente. Através desse discurso, observamos, novamente, o quanto a palavra do outro ampara o discurso do sujeito transexual, através daquilo que fala. Parece, portanto, que estamos diante da irrupção de um novo sujeito que é fundado a partir desse discurso. Mas percebemos a contradição através da língua: é a materialização do advérbio "ainda" que nos coloca em uma relação com a memória. Assim, temos um sujeito que se funda através de um discurso que retoma o passado para apagá-lo, já que todas as indicações, referências a um outro gênero não podem mais ser percebidas nesse sujeito.

Novamente, a explicação do sujeito entrevistador surge como uma instância apaziguadora: "porque é uma mulher que tá aqui… uma moça". Assim, o sujeito entrevistador posiciona-se de forma não a questionar os saberes centrais construídos na FD-OC, mas a repeti-los, construindo um imaginário de sujeito transexual que está em consonância com os pré-construídos dos gêneros já naturalizados. De acordo com Pêcheux:

> É a ideologia que fornece as evidências pelas quais "todo mundo sabe" o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve etc., evidências que fazem com que uma palavra ou enunciado "queiram dizer o que realmente dizem" e que mascaram, assim, sob a "transparência da linguagem", aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados. (PÊCHEUX, 2009 [1975], p. 146).

Dessa forma, ao dizer "mulher", "moça", o sujeito entrevistador adere a um sentido único, através da ilusão de controlar esse sentido e, mais, de compartilhá-lo com os demais. É através desse funcionamento, isto é, através da relação estabelecida entre o significante "mulher" e a referência ideológica e, portanto, material dessa significação, que o discurso se constrói. Mais do que isso, trata-se de colocar esse sentido como determinado, estabelecendo um imaginário de que o significante "mulher" é unívoco. Dessa maneira, através de um "efeito de uniformização" que formata o sentido, encerram-se os outros sentidos possíveis para o entendimento do sujeito transexual a partir da PS-EC.

Ao afirmar que está falando com uma mulher, o debate sobre a transexualidade e o gênero passa a ser vinculado ao sentido dominante, sendo silenciado. Parece-nos, então, que o discurso produzido na entrevista funciona de maneira a ajustar os sentidos. Tal

como a imagem da árvore torta amarrada a uma estaca de maneira, usada para endireitá-la, mostrada por Foucault[31] (2008), o discurso do sujeito entrevistador serve à mesma finalidade ortopédica: endireita os sentidos, repara-os, conserta-os de modo a integrarem os saberes que se situam na PS-EC no âmbito da FD-OC. É nesse espelho que o sujeito transexual se enxerga; é nele que sua imagem reflete. Por isso, o sujeito entrevistador parece colocar-se em um lugar semelhante ao de sujeito suposto saber.

Dizemos isso porque o sujeito transexual está ocupando, como sujeito entrevistado, um lugar que diverge do lugar ocupado pelo sujeito entrevistador, o qual formula, como já dissemos, um discurso didatizante e autoritário em relação ao outro. Por conduzir os questionamentos, o sujeito entrevistador atua na pontuação do discurso, regulando o que está sendo dito. Certamente, também o discurso do sujeito entrevistado pode mostrar-se surpreendente, rompendo com o esperado, mas é o sujeito entrevistador que, no imaginário do sujeito entrevistado, detém as chaves, as regras desse jogo.

Por esse motivo, há, a nosso ver, no discurso do sujeito entrevistador, um colamento de sentidos ao que lhe é próximo, ao que lhe é tangível. E o que lhe é tangível, nesse momento, é o conhecido, o esperado: o imaginário da mulher, da moça, do feminino. São esses significantes que são tomados como evidentes, como jamais modificados ao longo da história e da língua. Por isso mesmo, o sujeito entrevistado tem o imaginário de que o discurso do entrevistador é o discurso que domina: além disso, o transexual está ainda despossuído de uma forma-sujeito, ou seja, não há uma relação de correspondência de sentidos entre o seu discurso e uma determinada formação discursiva. O sujeito transexual acaba por identificar-se com aquilo que o outro lhe apresenta, e o que o outro lhe apresenta é o sentido dominante:

SD14[32] – A designação:

> ***Sujeito-entrevistador:*** *é... você é uma beldade... você devia ter esta cara... você devia ser um menino muito bonito...*
> ***Sujeito-entrevistado:*** *é... eu era...*
> ***Sujeito-entrevistador:*** *muito delicado...*

---

[31]A imagem a que fazemos referência é a ilustração "A ortopedia ou a arte de prevenir e corrigir, nas crianças, as deformidades do corpo", de 1749, que consta no livro *Vigiar e punir* (FOUCAULT, 2008, p. 32).

[32] Sequência discursiva selecionada da entrevista concedida por Marcela Ohio à apresentadora Marília Gabriela.

> ***Sujeito-entrevistado:*** *mas eu já era bem feminino... eu já era aquela coisa andrógina... que tipo... eu já tinha um cabelinho meio compridinho... gostava de usar uma calça apertada... umas roupas meio feminina... e... tipo... eu andava na rua e o povo achava que era uma lésbica uma... entendeu?*
> ***Sujeito-entrevistador:*** *sei...*
> ***Sujeito-entrevistado:*** *achava que era uma lésbica... não achavam que... eles ficavam na curiosidade tipo... será que é homem... será que é mulher?*

Os qualificativos "beldade", "muito bonito", "delicado", "bem feminino", "coisa andrógina", "meio feminina" funcionam nesse discurso através da rememoração e sedimentação de sentidos. Assim, esses significantes que, em excesso, qualificam o sujeito, tanto "antes" como "agora" funcionam de modo a recuperar elementos passados e jogá-los ao presente, através de um efeito de evidência. Mais ainda, esses significantes parecem produzir o que Pêcheux chamou de "ares de discurso sem sujeito" (PÊCHEUX, 2012 [1983], p. 47), ou seja, um discurso que parece ignorar o deslizamento de significações em relação ao corpo desse sujeito, deslizamento material, que revela a impossibilidade de designá-lo fora das proposições da lógica disjuntiva.

Essas condições dão ao discurso um efeito de homogeneidade, como se não houvesse um atravessamento ideológico na concepção desses sentidos. Assim, os qualificativos funcionam como designações que não mostram a cisão de um sujeito que se constitui na transitoriedade. O recorrente estabelecimento entre um "antes" e um "agora" e o silenciamento dessa contradição constitutiva provoca uma paráfrase que não cessa: o sujeito transexual continua sendo visto através da binaridade, da operação da lógica disjuntiva. Esse discurso se constitui através de uma simplificação, que despreza a diversidade, afinal, se é um homem delicado, um homem feminino, só pode ser identificado como uma mulher.

SD15[33] – O preconceito e a contradição:

> ***Sujeito-entrevistador:*** *você tá acostumada com preconceito?*

---

[33] Sequência discursiva extraída da entrevista concedida por Marcela Ohio à apresentadora Marília Gabriela.

> ***Sujeito-entrevistado:*** *eu não... tipo assim... eu já sofri... mas não estou acostumada com preconceito...*
> ***Sujeito-entrevistador:*** *você já sofreu mas já não sofre?*
> ***Sujeito-entrevistado:*** *ainda assim às vezes sim... tenho situações que sofro... mas...*
> ***Sujeito-entrevistador:*** *por exemplo...*
> ***Sujeito-entrevistado:*** *tipo... uma vez... eu e uma amiga fomos numa casa de shows... sertaneja aqui em SÃO PAULO e barraram a gente por ser trans... barraram a gente por ser trans... falaram que...*
> ***Sujeito-entrevistador:*** *mas disseram issopra vocês?*
> ***Sujeito-entrevistado:*** *disseram... porque falaram assim... que na semana passada... é... havia uma trans que foi lá na casa... e... tipo... deu... fez confusão lá... por isso o dono da casa proibiu a entrada de transexuais na casa por causa...*

Na análise da SD15, percebemos o funcionamento do discurso do preconceito através da contradição: "eu não… tipo assim… já sofri… mas não estou acostumada com o preconceito" / "ainda assim às vezes sim… tenho situações que sofro…" / "mas…"

Nesse fragmento, os dois primeiros enunciados estabelecem entre si uma relação de disparidade. A resposta à pergunta feita pelo sujeito entrevistador se constitui através de um advérbio de negação, o qual se lineariza pela retomada de uma memória. Além disso, estabelece-se uma discrepância em relação ao enunciado que se segue. Através do advérbio "ainda", notamos a linearização dessa contradição, que se costura ao discurso, provocando o estranhamento. Se, no enunciado anterior, a resposta era "não", nesse enunciado, torna-se "às vezes sim". O elemento linguístico "mas" discursivizado representa um sujeito dividido, e o vazio estabelecido pela incompletude do enunciado instaura a relação de oposição que fica em suspenso, que não se determina no dizer.

Os sentidos do preconceito são silenciados, pois não há razão para que eles circulem nesse processo discursivo. Por isso há uma aparente sustentação desses sentidos entre os saberes do discurso do sujeito entrevistador e do discurso do sujeito entrevistado. Através da ilusão criada por esse efeito de que tudo está sendo compreendido, os sentidos do preconceito se dissolvem na contradição: estabelece-se, assim, um imaginário de não saber mais o que se sofre ou por que se sofre.

É a expressão "por ser trans" que nos indica como essa trama discursiva é arrematada. É o sentido dessa expressão que nos permite entender o desejo do sujeito, a sua luta em modificar o esperado. A discursivização dessa expressão provoca o confronto com o naturalizado. Diferentemente da SD13, em que somos apresentados a um sujeito que agradece a designação "mulher" como a sua forma de identificação, aqui, estamos

diante de um sujeito que se expõe. É através da exposição da sua angústia que revela o seu desejo. É "por ser trans" que esse sujeito não pode mais circular em determinado espaço, e é por isso que seu corpo deve ser explicado ao outro.

A mesma língua que mostra a fatalidade da determinação sobre esse sujeito também demonstra a resistência desse sujeito aos sentidos dominantes. O seu processo de identificação irrompe na materialidade e provoca a mudança de sentido. Assim, "por ser trans" se desdobra em outros enunciados que estão subjacentes: "eu sou trans" e, portanto, "não sou mulher" e "não sou homem".

Assim, a pretensa unidade imaginária propagada pelo discurso científico – a binaridade homem/mulher e seus pares masculino/feminino – é rompida através da materialização da língua, como a irrupção de "um real constitutivamente estranho à univocidade lógica, e um saber que não se transmite, não se aprende, não se ensina, e, que, no entanto, segue produzindo efeitos". (PÊCHEUX, 2012 [1983], p. 43). Dessa forma, essa expressão indica o que não pode ser suportado, enquanto discurso, pelo sujeito entrevistador, provocando a falha com a identificação ao estabilizado e a insurreição do estranhamento.

No momento em que se constrói um discurso de oposição a essa binaridade, a transexualidade passa a ser ressignificada. É quando o sujeito assume sua identificação com essa forma-sujeito ainda em formação que podemos reconhecer a construção de uma forma histórica que denuncia o assujeitamento como condição para a sua própria resistência.

A resistência desse sujeito, demonstrada pelo discurso, difere-se da resistência da qual nos fala a psicanálise, pois se esta está relacionada à repetição e ao desejo, a transferência, na perspectiva assumida em nosso trabalho, está ligada à suspensão dos sentidos. Os sentidos colocados em suspenso estão relacionados ao vazio que há entre o presentificado e aceitável do gênero e o desconhecido de uma nova forma que se vislumbra. Assim, nessa relação entre o discurso do sujeito entrevistador e o do sujeito entrevistado, há uma tensão de sentidos, os quais tecem a trama histórica que transforma os saberes.

A partir da noção de *transferência discursiva*, entendemos que há uma relação com a memória, que traz à linearidade a emergência do sentido naturalizado. Há um trabalho da memória que permite suportar o que pode ser interpretado. Portanto, a

transferência, na perspectiva da AD, pode ser entendida como de ordem interpretativa, pois está relacionada, em nosso trabalho, ao desejo que o sujeito possui de ocupar um lugar com seu corpo, que, por sua vez, é da ordem do impossível.

Os enunciados “porque você é uma mulher” (SD 12) e “porque é uma mulher que está aqui...uma moça” (SD 13) nos mostram essa tentativa de apreender o impossível do corpo através da transferência dos dizeres, que são ressignificados de acordo com as posições de sujeito. Afinal, o que representa o significante “mulher” para os sujeitos jornalistas e para os sujeitos transexuais? Será possível que, a partir dos lugares que esses sujeitos ocupam, o sentido de “mulher” seja compartilhado?

Em nossa perspectiva teórica, entendemos que o que tratamos como transferência discursiva não é uma transferência de sentidos, mas uma transferência de ordem interpretativa, na qual os sentidos são ressignificados de acordo com as posições-sujeito assumidas pelo sujeito entrevistador e pelo sujeito entrevistado. Não se trata, portanto, de partilhar um mesmo sentido, mas, sim, de ressignificá-lo. Essa perspectiva permite que marquemos nosso terreno de forma diferente de outras perspectivas teóricas apresentadas.

Para nós, a transferência ocorre sempre que há uma sustentação de significações. Sempre que sujeito entrevistador e sujeito entrevistado concordam, assentem esses sentidos, há transferência, porque há conexão. A resistência da língua, no entanto, está à espreita da transferência: são as resistências que permitem o desdobramento do dizer, a irrupção do novo, a marcação de uma posição-sujeito diferente do esperado.

Há uma operação de regulagem entre aquilo que se pode dizer e o que deve ser silenciado dentro da PS-EC. Ao trabalhar no eixo da paráfrase, o sujeito entrevistado repete os sentidos e, de certa forma, identifica-se com um imaginário que é construído para ele. Porém, quando certos saberes são desdobrados, isto é, quando há ressignificação, os sentidos se modificam, porque entram em cena outros processos discursivos. Assim, o sujeito transexual encontra outras formas de significar(se), instaurando um outro lugar para falar de si, que não apenas a partir do olhar e da palavra do outro.

Em nosso entendimento, a entrevista provoca um desdobramento desses sentidos. O discurso do sujeito entrevistador é construído de forma semelhante ao do psicanalista que pontua o discurso e faz com que as bordas da língua sejam atingidas pelo sujeito. No entanto, aqui estamos falando de um atravessamento da ideologia – que permite que os sentidos sejam compartilhados constituindo um efeito de transparência.

Não há como a língua abranger os sentidos para o que está silenciado em nossa formação social. Por isso, as tentativas de aproximação ao que é já sabido: a mulher, o feminino, o delicado, a beldade. Contudo, a indissociabilidade entre sujeito e discurso permite a transformação, o confronto com o novo, estabelecendo uma provocação à domesticação dos sentidos logicamente estabilizados.

3 O CORPO LEGITIMADO

3.1 Cicatrizes no corpo e falhas na língua

Se, nos capítulos anteriores, tentamos explicar o modo como se articulam o discurso *do* e o discurso *sobre* o sujeito transexuale os posicionamentos assumidos pelos sujeitos, neste capítulo, pretendemos analisar como, muitas vezes, os sujeitos transexuais constroem seu discurso deslocando alguns sentidos, de modo que a ressignificação provoque uma transformação no que está sendo discursivizado. Em especial, demonstraremos, a partir da análise das sequências discursivas extraídas de nosso *corpus*, como a metáfora e a metonímia funcionam no discurso, de forma a compreender de que modo ocorrem os processos de subjetivação dos sujeitos transexuais.

É preciso que lembremos a relação entre corpo e língua que estabelecemos em nossa reflexão. Se a língua se constitui sobre a sua falta, devemos recordar que o corpo dos sujeitos transexuais também representa a falta. Nos discursos, encontramos as tentativas de apreensão do real, isto é, a tentativa de apreender o impossível. Se entendermos o corpo do transexual como um corpo impossível, isto é, um corpo que não consegue se prender às amarras dos gêneros impostos e "naturalizados", entendemos a relação desse corpo com o transitório e com o impossível do gênero.

É no discurso desses sujeitos que encontramos a tentativa de simbolizar, preencher, nomear, as faltas de um corpo permeado de recortes, de feridas, de cicatrizes. Esse (des)encontro entre corpo e língua representa a tentativa incessante de simbolizar o impossível, o que não cessa de existir: é uma busca constante para preencher um vazio e estabelecer um novo posicionamento em determinada formação social, uma tentativa de encontrar um lugar de visibilidade na estrutura capitalista, que sustenta essa formação social e que nega e marginaliza esses corpos e discursos.

Dessa maneira, constitui-se uma inextricável relação entre corpo e língua, os quais fazem parte do sujeito e de seu discurso. Corpo e língua constituem o sujeito e o sentido. E, através de um efeito metonímico elementar, é a língua que mostra, através de sua impossibilidade de conter todos os sentidos, a impossibilidade de o corpo nos dizer tudo

de um sujeito. Esse é o nó que estreita a relação entre língua e corpo, relação que será trabalhada durante o desenvolvimento de nossa reflexão.

Uma incursão aos elementos mais básicos da língua nos mostra os limites que a língua encontra para significar esse corpo impossível. Os pronomes pessoais e demonstrativos, os adjetivos e os substantivos identificam o gênero do sujeito que fala ou do qual se quer falar. A estrutura gramatical da língua portuguesa não permite, salvo algumas exceções[34], que falemos em um gênero neutro, sem nos referirmos a uma pessoa do sexo feminino ou masculino. Assim, dizemos "ele" ou "ela", "dele" ou dela", sendo inconcebível dizer ele e ela, dele e dela, ao mesmo tempo. Essa coerção da língua já nos mostra o seu furo, ou seja, a impossibilidade de tudo nomear, de tudo corresponder. É o seu real.

Se a própria língua falha, o que não podemos dizer do discurso? Na mesma esteira, o discurso formulado em qualquer formação discursiva também pode escapar, ou seja, também pode revelar traços da ordem do impossível, já que também trata de um real. Pêcheux, em relação ao discurso da ciência, nos diz que:

> Todo "ponto de vista" é o ponto de vista de um sujeito; uma ciência não poderia, pois, ser o ponto de vista sobre o real, uma visão ou uma construção que representasse o real (um "modelo" do real): uma ciência é o real sob a modalidade de sua necessidade-pensada, de modo que o real de que tratam as ciências não é senão o real que produz o concreto-figurado que se impõe ao sujeito na necessidade "cega" da ideologia. (PÊCHEUX, 2009 [1975], p. 168).

Uma visão logicista sobre a linguagem e sobre os corpos faria com que essa reflexão se esgotasse aqui. Contudo, esse é exatamente o nosso ponto de partida. Os sujeitos transexuais apresentam uma impossibilidade em seu corpo. A impossibilidade biológica de serem homens *ou* mulheres não reflete necessariamente uma impossibilidade discursiva de *se dizerem* homens e mulheres. É a partir dessa perspectiva, dessas marcas discursivas que permitem o deslize dos sentidos da língua, que esses sujeitos falam de si

---

[34] O gênero ao qual nos referimos aqui é puramente gramatical, em uma concepção tradicional de língua. Nessa concepção, há divisão dos substantivos de acordo com o gênero linguístico: nos referimos aos substantivos comuns de dois gêneros, os quais apresentam apenas um gênero gramatical, mas servem para determinar pessoas/ coisas de ambos os gêneros e, também, os substantivos sobrecomuns, que podem ter seu gênero determinado a partir do uso de um artigo definido ou pronome. Essas questões já nos permitem pensar em uma língua vista apenas como estrutura, cindida e dividida através de uma concepção empírica, da qual nos distanciamos neste trabalho.

e rompem com o abafamento histórico dos sentidos pré-construídos. Ao falarem de si, marcam seu lugar na formação social. Passam, assim, de um lugar de invisibilidade, buscando colocar-se em posição de sujeitos do discurso.

O ponto onde corpo e língua se tocam passa a constituir um sujeito que se diz imperfeito. Um sujeito cujo corpo não se encaixa nos formatos preestabelecidos, e que, por isso, passa a reproduzir, em seu discurso, sentidos pré-construídos, advindos de outros lugares, os quais passam a significar na materialidade. Mas de que forma tais sentidos significam no corpo? De que forma as marcas da língua significam no discurso dos transexuais?

O corpo é materialidade significante. Isso nos permite dizer que, se a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, o corpo também é a materialidade específica de um discurso, ou seja, tal qual a língua, ele significa em uma dada formação social. Nessa perspectiva, o corpo fala: é através dos significantes que compõem o discurso do corpo que percebemos as formações discursivas às quais um sujeito se filia. Conforme Leandro Ferreira (2011, p. 95), "esse corpo que fala seria também o corpo que falta, donde a inclusão da noção de real do corpo, ao lado do real da língua e do real do sujeito".

Nos corpos dos sujeitos transexuais, o corpo constitui-se através da falta. O corpo desses sujeitos é sobretudo um corpo que falha por não conseguir inscrever-se aos sentidos construídos no discurso da ciência, o discurso que suporta os demais discursos dominantes. Isso significa que há um discurso que regula os demais, e que é através dele que discursos outros – como o discurso jurídico – irão se pautar, ou seja, irão trabalhar na repetição e sedimentação dos saberes relativos à transexualidade. Portanto, se um discurso dominante interpreta os corpos dos sujeitos transexuais como errados ou incompletos, haverá um desdobramento desses dizeres, cujo sentido aportará no discurso do próprio sujeito transexual, que repetirá tais dizeres, ainda que de forma ressignificada.

A noção de falha é muito cara à Análise de Discurso. Como nos afirma Pêcheux, "não há ritual sem falhas; enfraquecimento ou brechas" (PÊCHEUX, 2009 [1975], p. 277). Portanto, a falha não é vista como um problema que deva ser sanado, curado, mas, sim, como uma noção constitutiva do corpo discursivo (LEANDRO FERREIRA, 2011). Considerando nosso gesto de leitura, tentar se compor não apenas como de um sexo outro, mas, sobretudo, como de um gênero outro, é um ritual. Um ritual de passagem de um

corpo a outro, que, sabemos, também é falho. No corpo dos transexuais, a relação falta-falha torna-se visível: as cicatrizes, as marcas das cirurgias, os inchaços provocados pelos hormônios, sinais que passam a se traduzir na pele, mostrando os indícios da transformação desses sujeitos e da sua contradição subjacente. Porém, o sentido de que algo falta e deve ser preenchido não está apenas no corpo, mas, também, no discurso desses sujeitos.

No discurso dos sujeitos transexuais, portanto, são as marcas de incompletude que instituem o registro desses sujeitos em uma determinada formação. Tal noção foi teorizada por Foucault (2008, p. 118) quando se refere aos corpos dóceis: "é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado". O corpo dócil do transexual é submetido às injunções ideológicas e transformado de forma a identificar-se com os saberes da formação discursiva que domina o dizer *sobre* ele.

O corpo do transexual é dócil na medida em que é transformado pelas relações de força e de poder. É vasculhado pela medicina, que impõe diagnósticos, tratamentos, soluções. É submetido às injunções do discurso jurídico, que propõe as alterações, as modificações. Depois, é visto através do discurso midiático como um corpo que sofreu as montagens de outros discursos. É um corpo que é alvo dos mecanismos de poder e do discurso do outro, mas que precisa do discurso do outro para também poder dizer-se.

Por isso, em meio às injunções de outros discursos, algo sempre escapa às determinações. É uma falha no discurso dominante que nos permite pensar na constituição de um outro posicionamento. A ausência do significante "homem" e "mulher" provoca a falha no modo de subjetivação, isto é, a falha que corresponde ao não se identificar em uma formação discursiva. Essa falha, que é a falha material dos elementos que identificam o sujeito transexual como de um gênero legitimado, denuncia a falha do discurso dominante, uma vez que o sujeito transexual representa o escape a essa determinação.

SD16[35] – A falha como defeito

Sujeito entrevistador: *você me parece até agora... até aqui... uma pessoa muito bem resolvida... você tem umas melancolias estranhas...*

[35] Sequência discursiva selecionada da entrevista concedida por Marcela Ohio à apresentadora Marília Gabriela.

> *uma coisa meio cósmica assim... uma... uma pequena depressão cósmica... uma às vezes ou não? você já está o que queria?*
> ***Sujeito entrevistado:*** *não... tenho... às vezes eu tenho sim...*
> ***Sujeito entrevistador:*** *tem?*
> ***Sujeito entrevistado:*** *tenho... eu acho que eu tô assim... eu sou uma pessoa... eu nunca tô satisfeita na verdade... tipo... às vezes eu olho pro espelho e acho... a:... eu tenho que mudar isso... acho que tenho que mudar aquilo... porque tipo eu... a quem não me conhece... tipo... você... cê me olha... vê uma mulher... mas tipo assim... quando eu tô sem maquiagem... tipo... tô com o cabelo pra trás... eu olho o meu rosto e lembro de quando eu era um menino... tipo... aí que começa a incomodar e achar os defeitos... aí... acho que isso tá um pouquinho masculino... vou ter que dar uma mudadinha... ai.. isso aqui entendeu?*

O corpo que falta, no caso do sujeito transexual, não será preenchido em sua totalidade. Por mais que se identifique com os gêneros estabilizados socialmente, o sujeito transexual jamais deixará de ter passado pelo processo de redesignação. A redesignação de seu corpo, e, portanto, de seu gênero, coloca seu corpo em um outro estatuto, que não corresponde ao corpo idealizado pelo discurso binarizante. Assim, o sujeito transexual fala de um lugar que não deve ser confundido com o lugar da mulher nem com o lugar do homem, mas de um lugar de um sujeito que traz em seu corpo e em seu discurso as marcas dessa transformação.

Na SD16 percebemos esse sentido de transição. Entre os significantes “homem” e “mulher” há um desdobramento de sentidos vários: o cabelo para trás e o rosto sem maquiagem, por exemplo, revelam o imaginário de um homem e escondem o corpo feminino que aí quer se construir. O sujeito transexual busca desidentificar-se do imaginário masculino, desconstruindo os elementos que possam rememorar o homem. Notemos que os elementos que constituem o sentido de masculinidade são simbolizados pelo sujeito como “defeitos”. Essa falha que cinde o corpo do transexual atua como uma memória, que o lembra de pertencer a um gênero outro. Esse “defeito” exige uma transformação, “uma mudadinha” para que esse sujeito passe a ser visto como uma mulher, a mulher que ele constrói para o outro.

Essa tentativa de construção em torno de um corpo já conhecido revela a necessidade de apropriação do sentido do corpo, de um sentido tangível, assimilável. O sujeito não pode, dessa forma, ficar preso a essa transitoriedade, a esse entremeio, pois precisa identificar-se com o já construído.

O perturbador corpo do transexual dá lugar ao tranquilizador corpo de uma mulher. Não uma mulher ordinária, mas uma mulher também construída para atender aos ideais de corpo estabelecidos. Tal qual uma mulher que constrói um novo seio, através da colocação de uma prótese de silicone, tal como um homem que ingere hormônios para ter mais músculos. Mas o corpo do transexual continua associado ao sentido de anormalidade, do não pertencimento, enquanto os corpos de homens e mulheres apenas permanecem (ainda mais) atrelados aos sentidos da beleza.

O corpo e a língua, portanto, significam juntos. Complementam-se. Por vezes, deixam escapar o contraditório, o lapso. Então, ainda que não haja sinônimo para corpo, a palavra que nos ocorre é estrutura. Estrutura lembra corpo, um corpo que é estruturado é um corpo cujas várias partes se articulam objetivando um todo coerente, saudável, normal.

A língua também lembra estrutura. A soma de estruturas morfológicas, sintáticas, que se unem e se relacionam compondo um imaginário de língua coerente, cujas explicações para todos os fenômenos estariam ali, na própria estrutura que a sustenta. Mas essa estrutura da língua, tal como o corpo, pode apresentar suas cicatrizes: falhas, lapsos.

Podemos ver como essa noção de falha está atravessada no discurso do sujeito. No enunciado extraído da SD16, temos: você tem umas melancolias *estranhas*... uma coisa meio *cósmica* assim... uma... uma pequena depressão *cósmica*... uma às vezes ou não? você já está o que queria?/ *não*... *tenho*... *às vezes* eu tenho *sim*... /tem? /tenho... eu *acho* que eu tô assim... eu *sou uma pessoa*... eu nunca tô satisfeita na verdade...

A falha nessa satisfação com a imagem que vê de si é perturbadora para o sujeito, uma vez que evidencia não apenas a incompletude de todos os sujeitos – o real do desejo nunca satisfeito – mas também a fantasia dessa incompletude, a não correspondência entre a imagem que tem de si e a imagem que tem do gênero com o qual quer se identificar. Essa espetacularização do corpo provoca-lhe o deslize em relação ao próprio sujeito, que passa a ser "fetichizado como mercadoria" (ZIZEK, 2010, p. 310), pois o corpo é colocado como produto a ser tomado pelo sujeito. Essa não satisfação revela não apenas a impossibilidade de adquirir esse corpo, mas também remete a esse corpo à ordem do inalcançável no qual se estrutura como uma fantasia ideológica, na qual a realidade é produzida a partir de uma distorção (ZIZEK, 2010).

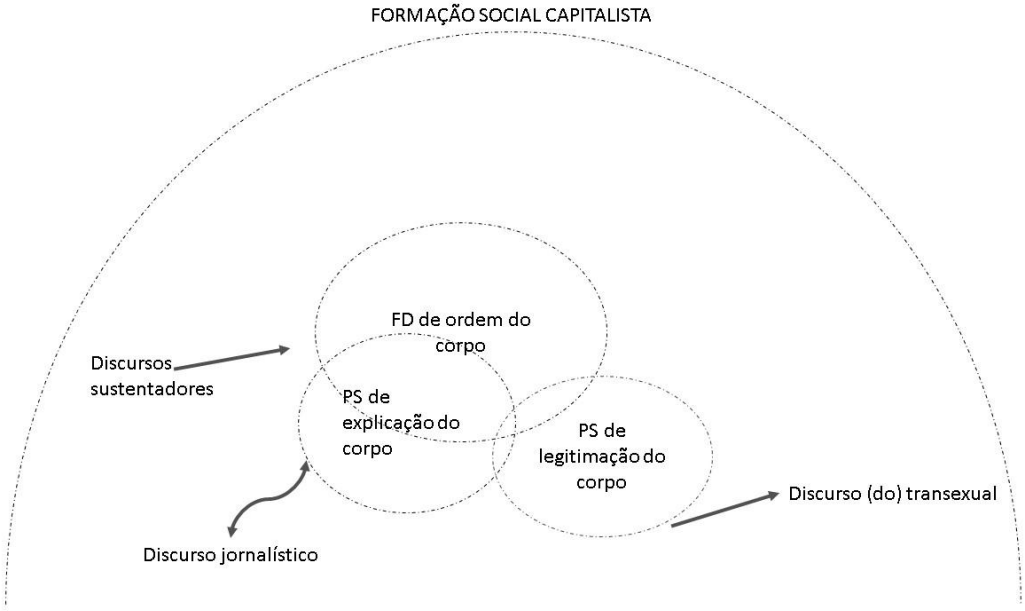
A expressão “melancolias estranhas” nos provoca a pensar em sentidos negativos relacionados à transexualidade. Além disso, ao designá-las como “estranhas”, o sujeito entrevistador se distancia do sujeito transexual, pois comprova o desconhecimento a respeito de seus processos de identificação.

Processo semelhante ocorre com o qualificativo “cósmico”, que presentifica um elemento relativo ao universo, aos astros. O “cósmico” atravessa esse dizer, parecendo-nos que o sujeito entrevistador não encontra designação mais adequada para referir-se aos processos pelos quais o sujeito transexual passa, como se fizesse referência à transexualidade como um elemento exterior à própria concepção do humano.

É pelos recortes de uma memória, ajustando o “quebra-cabeças” entre o que foi dito e o que se pretendia dizer que o sujeito transexual lança a sua definição sobre si: “eu sou uma pessoa”. Como qualquer pessoa, esse sujeito busca uma satisfação, um ponto onde aplacará essa angústia que jamais cessará. E é ao definir-se como uma pessoa que esse sujeito posiciona-se através de um afastamento com os saberes produzidos na FD de ordem do corpo (FD-OC). Entendemos, ainda que tal FD esteja relacionada ao discurso sustentador de ordem do corpo, que há resistência em relação a esses saberes, produzindo uma nova posição-sujeito, a qual denominaremos **posição-sujeito de legitimação do corpo (PS-LC).** Ao afirmar-se como pessoa, percebemos a desvinculação dos elementos relativos à PS-EC, já que o sujeito se recusa a identificar-se com os saberes que estão sendo ditos sobre ele.

A PS-LC completa o diagrama que apresentamos ao longo do trabalho:

Figura 3 – A posição-sujeito de legitimação do corpo.



Fonte: Elaborada pela autora.

O fragmento da SD analisada demonstra-nos que o discurso do transexual pode ser um discurso de questionamento ao discurso autoritário que o sujeito entrevistador assume. Desse modo, o sujeito transexual provoca construções de sentidos outros a respeito de si, que não somente os reverberados pelo sujeito entrevistador.

3.2 Corpos em metonímia

Na concepção tradicional de língua às quais já nos referimos, a explicação para a metonímia encontra-se na substituição de um termo por outro, através de uma relação de semelhança ou possibilidade de associação entre esses termos, principalmente em uma relação parte-todo. Contudo, essa concepção de língua manifesta uma posição de sujeito demasiado consciente, que pensa ser a fonte e a origem do sentido.

No entanto, passamos a perceber uma pequena ruptura com essa visão tradicional de língua a partir do trabalho de Jakobson, que retira a metáfora e a metonímia do espectro da figura de palavras e as coloca em uma posição primordial no sistema linguístico. Em seu trabalho sobre a afasia, o autor indica que toda forma de distúrbio afásico está relacionada aos polos metafórico e metonímico da linguagem. Assim, os sujeitos

realizariam dois tipos de atividade ao falar: uma relacionada com a similaridade, concernente à seleção dos paradigmas ou "unidades da língua", e outra relacionada à contiguidade, através da combinação sintagmática dessas unidades linguísticas. A similaridade está relacionada ao emprego de uma palavra por outra, que o autor entende por processo metafórico. Já na contiguidade, a relação entre palavras forma uma ideia de continuidade. Para o autor, a atividade de seleção de palavras seria metafórica, enquanto a atividade de combinação seria metonímica (JAKOBSON, 2003).

A partir dessas considerações, Jakobson demonstra que os processos metafóricos e metonímicos ocorrem no funcionamento do sonho. Segundo Roudinesco e Plon (1998, p. 711), o autor "situa o simbolismo na atividade metafórica, enquanto inclui a condensação e o deslocamento na atividade metonímica". Na leitura do trabalho de Freud efetuado por Lacan, há a ocorrência de uma ruptura, pois o psicanalista francês diz que, em termos linguísticos, a transposição do conteúdo latente em conteúdo manifesto (o trabalho dos sonhos), resulta como o deslizamento do significante sob o significado.

Para isso, também é importante lembrar que as noções de significante e significado adquirem, na psicanálise lacaniana, uma outra dimensão, que se difere da proposta linguística de Saussure em seu Curso de Linguística Geral (2006, p. 80). Para Saussure, na formação do signo linguístico, há uma "soma" de significante (imagem acústica) + significado (conceito). Esses dois termos se unem para produzir a significação, dentro de uma esfera que, de certa forma, encerra os sentidos, pois o significante não pode estar alijado do significado, conforme podemos ver abaixo:

Figura 4 – Relação significante-significado na proposta de Saussure.

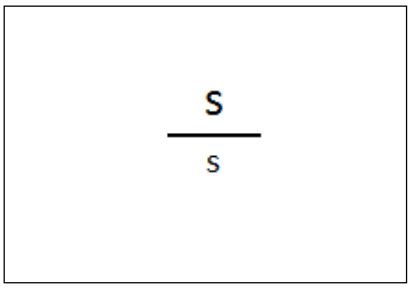
Fonte: Reprodução da autora.

Lacan baseia-se na formulação de Saussure para estabelecer uma topologia própria à psicanálise. Assim, o autor coloca o significante em primazia em relação ao significado. Por isso, na topologia lacaniana, não há uma esfera que contenha os sentidos, pois não há relação fixa entre significante e significado. De acordo com Jorge e Ferreira (2011, p. 46-7), “sem que o sujeito se dê conta, ele está sendo comandado pelo significante”, isto é, os sujeitos se comunicam o tempo todo através da linguagem, mas raramente acessam os significados.

Lacan demonstra que não há relação unívoca entre significante e significado. Assim, no discurso, a imaginária seleção dos termos linguísticos realizada pelos sujeitos pode sofrer as injunções do real, isto é, pode falhar, fazendo com que os sentidos fiquem à deriva. A partir dessa retomada de conceitos, demonstramos como as noções de metáfora e metonímia são tomadas por Lacan: a metáfora seria a condensação ou “superposição dos significantes”, enquanto a metonímia produziria uma ruptura com a significação, designando um deslocamento (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 711).

Figura 5 – Relação significante-significado na teoria lacaniana.

.



Fonte: Reprodução da autora

Partindo dessas considerações, entendemos que tanto corpo quanto língua se estruturam a partir de suas partes. Dessa forma, podemos dizer que o corpo é metonímico, uma vez que cada pedaço do corpo, assim como cada pedaço da palavra, sustenta os sentidos que podem deslizar e escapar.

No entanto, não podemos esquecer nossa posição de analistas de discurso, ou seja, deslocados de nossa posição de linguistas e tampouco psicanalistas. Do nosso ponto de vista, não falaremos em metonímia como figura de linguagem nem como um processo

inconsciente, mas, sim, como um processo discursivo, que leva em consideração não apenas as abordagens estritamente linguísticas ou psicanalíticas, mas, também, o atravessamento histórico-ideológico da constituição dos sentidos. Por esse motivo, não falaremos em metonímia, mas, sim, em efeitos metonímicos, já que entendemos por efeito metonímico a relação entre parte e todo, em que a "parte" discursivizada não é jamais apagada, esquecida, na constituição do todo que significa. Assim, o efeito se produz ao construir um sentido para o todo, que não está destituído de suas partes também significantes.

Pretendemos analisar o funcionamento de um discurso de efeito metonímico em que o sujeito, através da relação parte-todo, tenta interpretar a angústia pela qual está passando. No entanto, essa relação parte-todo não ocorre apenas intradiscursivamente, mas em relação aos elementos interdiscursivos que atravessam o dizer:

SD17[36] - O corpo como "detalhe"

> ***Sujeito entrevistador****: ahn... e aí você sonha em fazer essa cirurgia... mas pra quê?... você tá tão bem assim...*
> ***Sujeito entrevistado****: olha... eu me...*
> ***Sujeito entrevistador:*** *pode variar... pode ficar uma coisa mais...*
> ***Sujeito entrevistado:*** *não... porque eu já me sinto mulher... eu me sinto 99,9% realizada... eu acho que é só esse detalhe... a minha cabeça...*
> ***Sujeito entrevistador:*** *éh:...*
> ***Sujeito entrevistado:*** *detalhinho...*
> ***Sujeito entrevistador:*** *detalhezinho... agora você sabe que é uma cirurgia muito... muito dolorosa... complicada... dolorida... você tá sabendo disso?*
> ***Sujeito entrevistado****: sim, claro... mas a vontade é...*
> ***Sujeito entrevistador*** *: é maior...*
> ***Sujeito entrevistado:*** *é bem maior que qualquer dor...*

O sujeito entrevistador formula a pergunta ao sujeito transexual através de uma relação direta entre o pré-construído do que é uma mulher (pra quê fazer a cirurgia? Você está tão bem assim…) e daquilo que julga que o sujeito quer ser (uma mulher). Para o entrevistador, apenas a reformulação da imagem bastaria, relegando a transexualidade não uma condição subjetiva sofrida pelo sujeito em relação ao seu gênero, mas, sim, a

[36] Sequência discursiva selecionada da entrevista concedida por Filipa Tavares ao apresentador Jô Soares.

uma cirurgia com valor puramente estético. O corpo aqui é interpretado como um suporte de beleza, uma mercadoria supérflua que pode ser construída através de uma cirurgia. Nessa pergunta, o entrevistador filia-se à FD-OC e ao sentido de estética dominante que se faz presente, ignorando a transexualidade como uma condição de gênero na formação social.

O sujeito transexual não se determina a partir do discurso do outro, ao mesmo tempo que o sujeito entrevistador parece querer dominar os saberes nas condições em que é produzida a entrevista. Assim a expressão "olha… eu me…" não pode ser concluída, uma vez que o discurso do sujeito entrevistador irrompe novamente, tentando determinar o dizer, sem, no entanto, terminá-lo ("pode variar… pode ficar uma coisa mais…"). O verbo "olha" funciona aqui não apenas como uma interjeição, mas também pode funcionar como um apelo, em uma paráfrase de "note-me como eu sou".

Entendemos que o sujeito também não determina o que seria esse algo a mais em seu corpo, deixando os enunciados ainda mais em suspenso, pois nem sujeito entrevistado nem sujeito entrevistador encontram determinações capazes de definir esses corpos, gerando um esvaziamento dos sentidos. Mais uma vez, o real da língua encontra o real do corpo, justamente na não correspondência, no desencontro entre o que se tenta determinar (corpo) e o que se é (sujeito).

Essa é uma tentativa de definir-se que ocorre através da negação. O sujeito, portanto, tenta responder ao inquirido, através de uma negação seguida da justificativa: "porque eu já me sinto mulher... eu me sinto 99,9% realizada...". Tal justificativa provoca no discurso aquilo que Pêcheux chama de "evocação lateral do pensamento". O autor diz que:

> por oposição ao funcionamento do pré-construído – que dá seu objeto ao pensamento sob a modalidade da exterioridade e da pré-existência –, a articulação de asserções, que se apoia sobre o que chamamos o "processo de sustentação", constitui uma espécie de retorno de saber no pensamento". (PÊCHEUX, 2009 [1975], p. 101-2).

Ainda que o autor tenha se referido às orações adjetivas, é interessante analisar o funcionamento da sequência acima, uma vez que, mesmo sendo tradicionalmente classificada como um outro tipo de oração, o recorte dessa SD traz um funcionamento discursivo semelhante. Assim, incidiria no discurso de forma a trazer à tona um saber da

formação discursiva de ordem do corpo FD-OC que se cola ao discurso do sujeito, produzindo um efeito de alinhamento entre aquilo que o sujeito entrevistador parece estar afirmando e aquilo que diz.

Tal efeito de alinhamento é puramente imaginário, uma vez que, no nível do interdiscurso, esses saberes se apoiam no discurso sustentador. A relação parte-todo ou corpo-cabeça diz respeito à FD-OC. A cabeça, uma parte do corpo que faz com que o sujeito não seja 99,9% mulher, ou seja, uma parte do corpo desalinhada ao próprio corpo. É esse elemento, discursivizado como um "detalhe", que impede a plenitude, voltando o sujeito à fantasia ideológica que sustenta esse imaginário, e à percepção do corpo como unidade. Esse retorno do saber no pensamento é a incidência de um saber outro no discurso desse sujeito, que se identifica com a FD-OC.

A cabeça é uma parte do corpo físico, biológico. A contradição entre cabeça (mente) e corpo é recorrente no discurso dos sujeitos transexuais, como se o corpo físico não pudesse obedecer ao que a cabeça "comanda". Há uma relação de superioridade entre a cabeça, como parte do corpo responsável pela racionalidade e pela lógica, e o resto do corpo como resignado ao que a razão define.

No entanto, esse "detalhe" de que fala o sujeito é suficiente para mostrar a sua relação com o outro. "A vontade é bem maior do que qualquer dor" é o enunciado que finaliza essa sequência e que nos faz pensar na necessidade de completude, buscada por todos os sujeitos, na procura infindável pelo real.

3.3 Discursos em metáfora

A importância concedida à metáfora aparece já em Aristóteles, com a sua abordagem clássica. Na perspectiva desse autor, segundo Cançado (2005, p. 100), "a metáfora é vista como um instrumento retórico usado, algumas vezes, para se obter determinados efeitos de sentido". Cançado ainda afirma que:

> o processamento de uma metáfora requer do ouvinte uma forma especial de interpretação: a metáfora tem, como ponto de partida, a linguagem literal, que é detectada pelo ouvinte como sendo anômala. Como o ouvinte espera que o falante tenha a intenção de transmitir algum tipo de significado, o primeiro recorre a certas estratégias de interpretação, transformando a sentença anômala em algum tipo De sentença com significado. (CANÇADO, 2005, p. 100).

“Ponto de partida”, “sentido literal”, “detectada”, “intenção de transmitir” são considerações próprias do campo de saber da semântica formal, que trata a língua como produto e os falantes como estrategistas que podem controlar a interpretação, em maior ou menor grau.

O tratamento tradicional dado à metáfora a classifica como uma comparação implícita, em que algumas palavras ou expressões compartilhariam traços de semelhanças entre si, através do uso do sentido figurado, por exemplo, e não abarca as condições de produção sócio-históricas e culturais nas quais as metáforas são produzidas. A concepção de metáfora, pensada no centro de um antagonismo entre sentido literal e figurativo, pressupõe a ideia de um núcleo de sentido, que seria o correto, o sentido de referência.

Já do ponto de vista da Análise do Discurso, consideramos que o sujeito tenta ilusoriamente produzir um sentido possível, interpretável e, por isso mesmo, compensador, ou seja, que o conforte na angústia de sempre compreender, sendo amparado pela ilusão da evidência do sentido.

Pêcheux, ao longo de sua obra, revela-nos que os discursos são construídos em relação uns aos outros. Assim como o autor rechaça a tese de o sujeito ser origem e ponto de partida do sentido, o discurso produzido também não pode ser pensado como uma fundação inédita do dizer, mas, sim, como uma produção em uma teia de sentidos, que são recuperados, repetidos e transformados através do trabalho da memória e do interdiscurso. E a metáfora é um sentido que vai além, que se produz nessas condições: em sentidos suspensos, emaranhados, que derivam para outras significações.

No âmbito da AD, portanto, o sentido não é preexistente, ou seja, assim como não há centralidade para o sujeito, não há como delimitar um ponto de onde surgem os sentidos. Isso nos mostra que a concepção de metáfora como uma simples comparação não é suficiente para entendermos os efeitos de sentido que podem ser produzidos, a partir da consideração das condições de produção de um discurso. Deslocado da concepção tradicional, o sentido não está no centro, mas é construído nas bordas, nas margens, estando relacionado às formações discursivas e podendo se deslocar a outros lugares, produzindo outros efeitos.

Conforme Pêcheux:

> Isso suporia que não há, de início, uma estrutura sêmica do objeto, e em seguida aplicações variadas dessa estrutura nesta ou naquela situação, mas que a referência discursiva do objeto já é construída em formações discursivas (técnicas, morais, políticas…) que combinam seus efeitos em efeitos de interdiscurso. Não haveria assim naturalidade "técnica" do balão livre ou da estrada de ferro, ou naturalidade "zoológica" da toupeira, que seria em seguida objeto de metáforas literárias ou políticas; a produção discursiva desses objetos "circularia" entre diferentes regiões discursivas, das quais nenhuma pode ser considerada originária. (PÊCHEUX, 2011, p. 158).

Essa afirmação do autor permite-nos compreender que não há um traço próprio a um determinado significante, justamente porque esse significante só pode ser compreendido, interpretado, na sua relação com as condições de produção e, portanto, com a formação discursiva à qual se filia na produção de seu discurso.

O sentido, então, se constrói no percurso desse significante. Assim, Pêcheux situa a metáfora como um processo discursivo, distanciando-se da concepção tradicional da metáfora como produto, pronto e acabado, facilmente "detectável". O trabalho metafórico está relacionado ao interdiscurso, o qual não é visto como um elemento integrador, mas, sim, como um espaço contraditório, que abriga uma diversidade de sentidos possíveis, fazendo com que os elementos de uma sequência discursiva dada possam se deslocar historicamente e ser transformados. Orlandi descreve essa relação entre repetição e deslocamento:

> Não há dizer que para fazer sentido não se inscreva na memória. Não há dizer que não se faça a partir da repetição. No entanto, na repetição histórica, há deslocamento, deriva, transferência, efeito metafórico. E o efeito metafórico é retomada e esquecimento, deslize para outro lugar de sentido, novo gesto de interpretação. (ORLANDI, 2012, p. 173).

A metáfora, portanto, deve ser pensada em relação à heterogeneidade dos sentidos que podem e devem ser ditos, levando em consideração que a mudança dos sentidos está relacionada tanto à ideologia quanto ao inconsciente. Deve ser pensada nas bordas do dizer, nos processos de constituição e deriva dos sentidos e, sobretudo, em relação à transferência dos sentidos, ou seja, como as palavras adquirem sentidos distintos a cada nova repetição até se tornarem completamente distintas.

Mas, como entendemos os espaços de produção de sentidos como contraditórios e porosos, não podemos conceber essa transferência de uma forma simples e linear. É preciso pensar a transferência como um atravessamento entre as várias formações discursivas que compõem uma formação social dada. Uma transferência que ousa

atravessar os obstáculos do dizer e que constitui sujeito e sentido. Para que essa reflexão seja mais bem compreendida, é preciso convocar Lacan e sua concepção psicanalítica sobre a metáfora – ligada à condensação.

Antes de mais nada, devemos situar o percurso do termo psicanalítico "condensação", que foi cunhado por Freud para designar um dos principais modos de funcionamento do inconsciente. Segundo Roudinesco e Plon (2008, p. 125), "a condensação efetua a fusão de diversas ideias do pensamento inconsciente, em especial no sonho, para desembocar em uma única imagem no conteúdo manifesto, consciente". A condensação é, dessa forma, o espaço em que estão reunidos, sob a forma de uma aparente contradição, os conteúdos manifestos de um sonho, relacionados a uma pobreza de sentidos, e os pensamentos latentes, relacionados à pluralidade de significações.

Freud (2001 [1900]), em seu estudo sobre a interpretação dos sonhos, questiona-se sobre a relação entre os pensamentos oníricos e o conteúdo dos sonhos para entender como se efetua a condensação. Pensa em um processo de compartilhamento de sentidos que permite, dado algum traço semelhante, amalgamar-se e produzir um sentido dado, ao que está designado como uma imagem. Uma imagem que pode ser conscientemente produzida, que será lembrada, rememorada, produzindo um significado – ainda que não interpretável –, significando em meio ao caos dos sentidos dispersos. Diz o autor: "a condensação se apresenta por omissão: quer dizer, que o sonho não é uma tradução fiel ou uma projeção ponto por ponto dos pensamentos do sonho, mas uma versão altamente incompleta e fragmentária deles" (FREUD, 2001 [1900], p. 280).

Assim, a condensação ainda aparece sob a forma de uma estranheza, já que, quando os sentidos são transpostos no sonho para o fio do discurso, há uma aparente inapreensão do sentido por parte do sujeito. Essa estranheza – que pode estar relacionada tanto à impossibilidade de dizer tudo quanto à impossibilidade de o sujeito interpretar o que foi sonhado – parece-nos dar indícios para a posterior formulação por Pêcheux da noção de real da língua.

Lacan diz que "não existe sentido senão metafórico, só surgindo o sentido de substituição de um significante por outro significante na cadeia simbólica" (LACAN, 1999, p. 16). Portanto, sempre interpretaremos um significante através de outro, isto é, a teia de sentidos será constituída através dos significantes e seus processos de paráfrase, por um efeito de repetição e transformação dos dizeres.

Já a partir de posição da AD, consideramos que a substituição de um significante por outro não ocorre a partir da relação entre ideologia e inconsciente.

> A ordem do inconsciente não coincide com a da ideologia, o recalque não se identifica nem com o assujeitamento nem com a repressão, mas isso não significa que a ideologia deva ser pensada sem referência ao registro do inconsciente. Não estamos, com isso, querendo sugerir que o lapso ou o ato falho seriam, como tais, as bases históricas de constituição das ideologias dominadas; a condição real de sua disjunção em relação à ideologia dominante se encontra na luta de classes como contradição histórica motriz (se divide em dois) e não em um mundo unificado pelo poder de um mestre. (PÊCHEUX, 1978[2008], p. 278-279).

Pêcheux faz essa afirmação levando em consideração a interpelação da psicanálise na própria constituição da teoria da AD e mostra a necessidade da ressignificação dos conceitos com os quais essas áreas trabalham, produzindo a sua própria teoria.

Mas que lugar ocupa a metáfora, se não é puramente de ordem inconsciente, nem de ordem linguística? O próprio Pêcheux já nos dá indícios, quando afirma

> Continua, pois, bastante verdadeiro o fato de que o "sentido" é produzido no "non-sens" pelo deslizamento sem origem do significante, de onde a instauração do primado da metáfora sobre o sentido, mas é indispensável acrescentar imediatamente que esse deslizamento não desaparece sem deixar traços no sujeito-ego da "forma-sujeito" ideológica, identificada com a evidência de um sentido. Apreender até seu limite máximo a interpelação ideológica como ritual supõe reconhecer que não há ritual sem falhas; enfraquecimento e brechas, "uma palavra por outra" é a definição da metáfora, mas é também o ponto em que o ritual se estilhaça no lapso (e o mínimo que se pode dizer é que os exemplos são abundantes, seja na cerimônia religiosa, no processo jurídico, na lição pedagógica ou no discurso político). (PÊCHEUX, 1978[2009], p. 277).

Nesse fragmento, observamos o indício básico pelo qual a AD sedimenta seu trabalho: a linguagem é metafórica. Não há, pois, uma linguagem literal, denotativa, que serviria de referência para que o sentido pudesse se desdobrar. Não há uma origem para nenhum sentido. Ele se produz apenas através de um efeito, ideológico, de evidência do sentido, como se ele estivesse sempre-aí, efeito que é a base da forma-sujeito, que insiste em produzir o efeito certeiro da interpelação. Mas, como o autor nos diz, "não há ritual sem falhas": há falha na interpelação, há fragmentação do sujeito e do sentido, o que nos leva sempre a deslizar entre uma posição e outra, entre uma formação discursiva e outra.

Na perspectiva da AD, o estabelecimento de um conceito de metáfora não pode ser pensado relacionado somente ao inconsciente (pelo viés da psicanálise) ou à língua

(pelo viés da linguística) ou à ideologia (pelo viés do materialismo histórico), mas considerando simultaneamente essas três perspectivas, que fundam o quadro teórico da AD. Por isso, trabalhamos aqui com o conceito de *efeito metafórico* – como um "sintoma do trabalho da metáfora na estrutura discursiva" (AMARAL, 2013, p. 42) – para designar esses enunciados que se constroem ao redor de outros, já que "uma palavra por outra é uma definição (um pouco restritiva) da metáfora, mas também o ponto em que um ritual chega a se quebrar no lapso ou no ato falho" (PÊCHEUX, 1990, p. 17).

Observemos a próxima sequência discursiva, em que o sujeito tenta efetuar uma aproximação da sua condição subjetiva a uma noção preexistente, que resulta em um novo efeito de sentido:

SD18[37] - O sapato invertido

> ***Sujeito entrevistador****: agora... co:...nta pra mim... como é que é... eu tenho uma curiosidade imensa... eu imagino que as pessoas... enfim... qual é a sensação... é... é... eu fico... é uma coisa que me fascina. Qual é... o que que é... é um sofrimento... é um...*
> ***Sujeito entrevistado****: é horrível::...*
> ***Sujeito entrevistador:*** *é uma divisão... Como é que é isso?*
> ***Sujeito entrevistado:*** *Eu acho que hum... a descrição melhor pra isso é... tentar... cê tenta pôr o sapato invertido... nos pés errado e fica o dia inteiro com esses sapato no pé... Então você sente esse inconforto... tem algo que não encaixa com o resto do corpo... Então é o seu corpo que não encaixa com a alma... Então você sente esse incômodo...*

Na SD18, temos a metáfora como tentativa de, por parte do sujeito, explicar a transexualidade para o outro e para si. A comparação da transexualidade ao uso de um sapato de um pé no outro revela a necessidade da interpretação da condição do sujeito. É a tentativa de formular – no plano do discurso – o que não pode ser compreendido quando falamos no corpo.

Esse efeito está carregado de sentidos do senso-comum, afinal, quem não saberia o desconforto causado por calçar os pés nos sapatos trocados? Assim, é construída uma referência discursiva que é deslocada para produzir efeitos de sentido no discurso (do) transexual. Não só é construída uma tentativa de aproximação do sujeito com o outro, mas, principalmente, a construção de um sentido de entendimento para o próprio sujeito.

---

[37] Sequência discursiva selecionada da entrevista concedida por Lea T. à apresentadora Marília Gabriela.

Além disso, as sexualidades representam formas – formas femininas para mulheres, formas masculinas para homens. Em uma formação social que estipula apenas dois sexos e dois gêneros, as sexualidades são formatos com os quais os sujeitos, homens ou mulheres, devem se "encaixar". Tal como o pé direito e o pé esquerdo, que devem ser colocados dentro dos sapatos "certos", as sexualidades parecem ser formas prontas e fixas, binarizadas e polarizadas, cabendo aos sujeitos adequar-se a elas.

Esse efeito metafórico demonstra como alguns saberes estão fixos, arraigados ideologicamente. Esse enunciado aparece como o sintoma da perturbação da ordem do corpo, ou seja, daquilo que parece tão natural em nossa formação social, como o fato de calçarmos os sapatos equivocadamente e destrocá-los. Assim, calçar os pés nos sapatos invertidos não demonstra apenas uma operação de desconforto do corpo do transexual, mas, também, a necessidade imposta de identificar-nos com formas prontas, homogêneas, acabadas. A sexualidade aparece sob a forma de dois únicos modos de subjetivação, atravessados pelo sentido de um corpo idealizado, recuperável pela memória e identificável como homem ou como mulher.

No entanto, é justamente na construção da metáfora que podemos perceber a perturbação que está ocorrendo através da imposição dessa aparente homogeneidade: o sujeito transexual, através da construção desse efeito metafórico, mostra que é possível calçar os sapatos invertidos nos pés. A formulação desse enunciado, portanto, não só representa uma tentativa de descrição do que a transexualidade significa para o sujeito transexual, mas é, sobretudo, a fala do sujeito, o seu grito de resistência perante os sentidos dados como evidentes.

A resistência se percebe na perturbação à ordem do corpo e à ordem da língua, em suas estruturas, já que o sujeito nomeia o desconforto produzido pelo desencaixe entre corpo e alma como um "inconforto" – uma palavra desconhecida, que não é encontrada normativamente. No entanto, o sujeito a diz no equívoco da referência ao "incômodo", mas evidenciando o real da língua, já que as palavras que conhece não são suficientes para designar o percurso que faz a desidentificação desse corpo historicamente.

Na mesma SD, o enunciado metonímico também repercute na sequência em análise. A expressão "o resto do corpo" retoma uma memória da relação apartada entre a cabeça e as outras partes do corpo, lembrando um sujeito do discurso que tenta encontrar a coerência no seu corpo. Novamente, a noção de um corpo que deve obedecer a um

formato reaparece: o seu corpo não encaixa com a sua alma, lembrando o que nos diz Foucault,

> o homem de que nos falam e que nos convidam a liberar já é em si mesmo o efeito de uma sujeição bem mais profunda do que ele. Uma "alma" o habita e o leva à existência, que é ela mesma uma peça no domínio exercido pelo poder sobre o corpo. A alma, efeito e instrumento de uma anatomia política; a alma, prisão do corpo. (FOUCALT, 2008, p. 29).

A relação corpo e alma consiste em o sujeito colocar-se em um lugar de sujeição, como se a alma mandasse no corpo. A alma imaginariamente é colocada em uma posição superior, quase divina, em que se retoma uma memória cristã, de um sujeito cindido entre corpo e alma. Ainda Foucault (2010 [1974-1975], p. 152) nos lembra do "governo das almas", o poder da Igreja, que, através da penitência, levaria à salvação.

Ao abordar a relação entre o corpo e a medicina, Moulin (2009, p. 51) escreve que "nossa alma não vive alojada no corpo como se fosse um capitão em seu navio, como bem percebera Descartes, mas entra com ele em uma relação de intimidade, diferenciando para sempre o 'meu corpo' e o do Outro". Isso nos provoca a pensar nos limites entre o corpo do transexual e o do Outro, limites muitas vezes imprecisos, que se distinguem e fazem com que cada corpo seja único. A unidade do corpo é almejada através da salvação pela alma, afinal, é a alma que contém a "verdade" sobre o corpo, como se fosse a alma de um gênero que não encontrasse forma no corpo de outro gênero.

Em seu discurso, o sujeito transexual tenta, de alguma forma, salvar-se, relatando seu sofrimento físico, como se endereçasse sentidos ao sujeito entrevistador, que, por sua vez, está investido de saberes de autoridade. Ao pensarmos nos espaços de circulação desses sentidos, lembramos que eles ocorrem, muitas vezes, em esferas íntimas e carregadas de interditos, que só podem ser ditos naqueles espaços discursivos: uma confissão a um padre, uma pergunta a um médico, um testemunho a um juiz.

No entanto, ao tomarmos esse discurso para a cena discursiva de uma entrevista para um canal de televisão, compreendemos que essas confissões tomam um dimensionamento diferente, pois são feitas em uma esfera pública. O sujeito transexual confessa para o sujeito entrevistador, falando não apenas para o outro, mas para todos os outros (e também para o Outro), mostrando a sua resistência e colocando-se em um lugar discursivo de militância.

Se antes a alma só poderia falar ao padre e os corpos só poderiam ser mostrados ao médico, no momento em que esse sujeito se deixa falar publicamente, ocorre uma fusão, em que esse sujeito, fazendo corpo e alma em um só, fala a partir de uma nova posição de sujeito, que irrompe como uma outra possibilidade às injunções do discurso médico-científico e religioso:

SD19[38] – A cruz pesada

> ***Sujeito entrevistador:*** *bom... você sofria bullying na escola que tipo? quer dizer... você tem uma vida sofrida... desculpe... tô sendo franca... honesta...*
> ***Sujeito entrevistado:*** *só eu falo... a minha cruz é pesada...*
> ***Sujeito entrevistador:*** *porque desde criança você passar... o bullying é uma coisa terrível... o que faziam com você?*

Mais uma vez, a possibilidade de dizer(-se) ocorre por um efeito metafórico. Nessa SD, ocorre a aproximação em torno de um saber já-conhecido, já estabilizado em nossa formação social. Tal qual nos afirma Orlandi (2010, p. 9), "a metáfora faz mexer as evidências do 'mundo normal'". Isso nos permite pensar no desdobramento sofrido pelo enunciado até ser discursivizado nessas condições de produção. Retomamos a memória bíblica em que Jesus carrega uma cruz rumo à sua crucificação. Esse enunciado se desdobra de um saber religioso até chegar ao saber do senso comum, em que com frequência se faz alusão à cruz para designar um momento difícil pelo qual estamos passando.

Assim, através do significante "cruz", constroem-se outros sentidos derivados que passam a significar, também no senso comum, a dor, a angústia, o sofrimento. Quando observamos essa construção no discurso do sujeito transexual, temos uma nova reverberação desses sentidos, pois somos lançados a um outro modo de significação. Ao ser discursivizado pelo sujeito transexual, em referência ao seu próprio processo de subjetivação, vemos não só o atravessamento de um saber de ordem religiosa nesse discurso, mas, a partir da ideia de que "cada um (todos) carrega a sua cruz", forma-se a noção de que todos são interpelados, cada um à sua maneira, fazendo com o sujeito

[38] Sequência discursiva selecionada da entrevista concedida por Lea T. à apresentadora Marília Gabriela.

religioso signifique no sujeito de direito. É a constituição do efeito metafórico, em que a memória retoma um elemento conhecido ao mesmo tempo em que funda uma nova possibilidade do dizer.

SD20[39] – O corpo como obstáculo

> ***Sujeito entrevistador:*** *outro dia eu tive aqui a Léa T ... que tem uma viagem oposta...*
> ***Sujeito entrevistado:*** *é... é... eu assisti a entrevista dela...*
> ***Sujeito entrevistador:*** *e que ela diz "eu preciso me operar pra tentar ser feliz... porque eu vivo uma infelicidade dentro desse corpo..."*
> ***Sujeito entrevistado:*** *com certeza... porque como você o corpo...*
> ***Sujeito entrevistador:*** *é essa sensação mesmo?*
> ***Sujeito entrevistado:*** *olha só... o corpo tem que ser um instrumento de... como se diz... de desejo de atração... você imagina ter um corpo que é um obstáculo? em vez de ser um... um... objeto de sedução é um obstáculo... e isso todos nós vamos vivenciar na velhice... com certeza... na velhice o corpo começa a se transformar num objeto de... né começa a ser um seu segun... o meu segundo inimigo como eu digo no livro... eu abordo essa questão no livro... porque até então meu grande inimigo era o meu corpo enquanto um corpo que se defina como um corpo feminino de uma genitália feminina... e isso me obrigava a ter uma identidade feminina... com os papéis correspondentes... que é uma grande ficção isso... ninguém... o que que é ser mulher? o que que é ser homem?*

Um primeiro funcionamento metafórico na SD analisada diz respeito ao discurso do sujeito entrevistador: a comparação da experiência da transexualidade a uma "viagem". Nesse caso, a "viagem" significa a transição entre os gêneros feminino e masculino, estabilizados socialmente, já que o qualificativo "oposto" serve para evidenciar o binarismo imposto. Assim, a metáfora da viagem para tentar explicar o modo de identificação do sujeito transexual sugere um corpo que precisa se deslocar de um lugar a outro, nesse caso, de um gênero a outro.

Além disso, o sujeito entrevistador traz à cena discursiva uma outra voz – de outro sujeito transexual, que, nesse caso, teve a "viagem oposta", ou seja, o sexo biológico era masculino, enquanto o gênero com o qual se identificava era feminino. Sobre essas questões, vale retomar o que nos diz Bento:

---

[39] Sequência discursiva selecionada da entrevista concedida por João Nery à apresentadora Marília Gabriela.

> O saber oficial nomeia as pessoas que passam pelo processo transexualizador de mulher para homem, de "transexuais femininos", e de homem para mulher, de "transexuais masculinos". Segundo esse raciocínio, mesmo passando por todos os processos para a construção de signos corporais socialmente reconhecidos como pertencentes ao gênero de identificação, os/as transexuais não conseguiram-se descolar-se do destino biológico, uma vez que o gênero que significará "transexual" será o de nascimento. (BENTO, 2006, p. 44).

Essa insistência em atribuir ao sujeito um gênero já preestabelecido nos mostra a dificuldade de aceitação do transexual. Ainda que o próprio sujeito se identifique com um gênero construído e sedimentado socialmente – o masculino – o discurso do sujeito entrevistador desliza para o polo oposto, repetindo a identificação com o gênero sempre negado pelo sujeito, o feminino.

O efeito metafórico desse discurso está presente também nas palavras do sujeito entrevistado. Notemos que os enunciados "o corpo tem que ser um instrumento" e "você imagina ter um corpo que é um obstáculo?" apontam para sentidos que estabelecem uma contradição: enquanto o corpo metaforizado como instrumento pode ser visto como um corpo útil, ágil, versátil, o corpo como obstáculo é visto como um corpo de impedimento, de dificuldades.

No enunciado "o corpo tem que ser um instrumento de… como se diz… de desejo, de atração", o sujeito toma uma posição em que se identifica com os saberes da FD-OC: o corpo precisa ter uma utilidade, e essa utilidade está em relação à aparência que o corpo deve adquirir em relação a outros corpos. A expressão "como se diz" indica a ilusão da evidência dos sentidos, em que um discurso outro atravessa e constitui esse enunciado: um corpo tem que ser instrumento de desejo, de atração. Além disso, a expressão "tem que" indica uma obrigatoriedade, uma necessidade, impondo uma forma como o corpo deve ser visto na sociedade.

No entanto, o enunciado que se segue "você imagina ter um corpo que é um obstáculo?" apresenta-se como uma contradição ao ideal de corpo representado no enunciado anterior. Isto porque "obstáculo" nos remete aos impedimentos e às dificuldades do corpo. Esses impedimentos estão relacionados ao gênero: o corpo não serve ao papel correspondente ao gênero com o qual ao sujeito se identifica, e isso faz com seja considerado um obstáculo. Diferentemente do enunciado analisado

anteriormente, o verbo “ter” não indica uma obrigatoriedade, uma imposição, mas, sim, o sentido de “possuir”, “ser dono” do corpo.

Portanto, nesse discurso, deparamo-nos com esses dois enunciados que se apresentam como formulações do discurso do outro no discurso do sujeito. Tanto no enunciado “o corpo tem que ser um instrumento de desejo, de atração” quanto em “você imagina ter um corpo que é um obstáculo”, o discurso do sujeito é atravessado pelo saber da FD-OC, pois, ao mesmo tempo que o corpo provoca a angústia por não pertencer a um ideal propagado como “normal”, é colocado em sua dimensão do outro, através da expressão “você imagina”, isto é, “você pode se colocar em meu lugar?”, revelando a ordem do impossível, afinal, é possível imaginar o inimaginável?

Outro efeito metafórico é discursivizado através do item “inimigo”. As expressões “meu segundo inimigo” e “meu grande inimigo” para referir-se ao corpo revelam o sentido de oposição entre sujeito e corpo. Assim, o modo de subjetivação desse sujeito é construído através da oposição com o corpo – e da luta em vencer essa oposição, que são as marcas de resistência demonstradas ao final da sequência: o que é ser homem? O que é ser mulher? Nas palavras do sujeito, a resposta. Uma grande ficção, ou seja, um *efeito* imaginário de controle sobre os corpos.

Dessa forma, o sujeito se contra-identifica da FD-OC, que atesta o sexo como verdade do corpo, ousando questionar o discurso da ciência que o designa como homem ou como mulher. Ao interrogar-se sobre isso, e sobretudo interrogar-se frente ao outro, o sujeito opõe-se ao discurso binarizante da ciência, e, demonstra que o seu corpo, visto como “errado” em uma FD de ordem do corpo é legítimo no deslize da PS de legitimação do corpo, que aceita a transexualidade como um corpo significante.

3.4 Um corpo sem fronteiras, uma língua sem limites

O corpo do transexual é um corpo que carrega a necessidade de subverter a lógica disjuntiva e binária estipulada pelo discurso que relaciona o sexo ao gênero. Somente por isso, esse corpo já é um corpo de confronto, que se arrisca a enfrentar as (im)possibilidades do gênero. Ainda que os sujeitos transexuais também necessitem identificar-se com os elementos pré-construídos, a posição em que se encontram já os faz sujeitos que se rebelam às amarras do que é pré-construído como natural e original.

Dessa forma, o significante "transexual" já lança esses sujeitos a outras possibilidades fora da divisão entre homem e mulher ou masculino e feminino. Se, como nos afirma Bento (2006, p. 103), "o original, segundo as normas de gênero, está referenciado no corpo (corpo-vagina-mulher, corpo-pênis-homem)", devemos nos interrogar sobre como se significa esse sujeito que se constitui através da despolarização, desestabilizando a ordem, invertendo-a ou simplesmente não a aceitando.

Pensamos também na formulação de um discurso ambivalente para conceber um novo modo de subjetivação. Nesse sentido, portanto, não há por que pensar em fronteiras para esse corpo que se constitui na transitoriedade, assim como em uma língua dividida pelas elaborações semânticas.

Como discutimos na seção sobre metonímia, compreendemos como o corpo e suas partes possibilitam pensar na forma como o transexual se significa, subjetivando-se a partir de um órgão ou de um membro. Essa destituição das fronteiras do corpo, ou melhor, de um corpo que não pode ser pensado a partir de fronteiras, também se reflete no discurso. E, se ao longo de nossa reflexão estabelecemos uma relação entre corpo e língua, também não podemos conceber, na língua, uma clara divisão entre metáfora e metonímia. Se, através do discurso dos sujeitos transexuais, somos levados a interpretar que o masculino pode se feminizar e que o feminino pode se masculinizar, podemos pensar também que, muitas vezes, um enunciado pode não ter efeitos puramente metafóricos ou metonímicos, mas efeitos ambivalentes:

SD21[40] – O "negocinho"

> ***Sujeito entrevistador:*** *bom... agora perguntas de telespectadores... que tem a ver inclusive... com perguntas que eu já fiz ou que eu possa fazer novamente... então tem uma pergunta da [telespectadora] de Niterói... no Rio... ela pergunta se você acha que o mercado da moda pode abrir mais portas pra você depois da cirurgia?*
> ***Sujeito entrevistado:*** *não... sabe por quê? porque eu tô assim... eu penso assim... porque o mercado da moda ele gosta... eles gostam de... do que é diferente... eu sou bonita... eu me acho bonita... mas assim... no mercado da moda... existe modelos belíssimas... meninas belíssimas... eu não sou essacoisa...eu não me acho... belíssima... aquela coisa exótica... diferente... o meu.. meu... diferencial... é o negocinho... entendeu? então... se eu tirar eu vou parecer uma mulher*

[40] Sequência discursiva selecionada da entrevista concedida por Marcela Ohio à apresentadora Marília Gabriela.

> *normal... tipo... não vou ser uma mulher normal... tipo... eu vou continuar sendo vista pela sociedade como uma mulher transexual... mas para o mercado da moda eu vou ser uma trans operada... mas o que eles gostam é dessa polêmica... ela é trans e tem o negocinho... entendeu?*

Nessa SD, chama-nos a atenção a extensão das fronteiras da língua: não há espaço para delimitação dos significantes que apresentam efeitos metafóricos e dos que apresentam efeitos metonímicos. Assim, o vocábulo "negocinho" é um vocábulo que apresenta uma metáfora, mas, ao mesmo tempo, também apresenta uma metonímia, já que o sujeito refere-se a uma parte de seu corpo. Então, o sujeito nomeia, através de outro significante, o seu órgão genital.

Diferentemente de um enunciado mais metonímico, como na SD17, o sujeito significa, na SD21, uma parte de seu corpo através de uma metáfora – do uso de um significante (o "negocinho") por outro (o pênis). Dessa forma, somos convocados a pensar na impossibilidade das fronteiras no corpo, fronteiras que o discurso dominante, binarizante, insiste em construir, mas que são rejeitadas no discurso do transexual, através das artimanhas da língua, inaugurando uma nova possibilidade de significar-se nessa formação social.

Podemos dizer que há um elemento que relaciona a metáfora à metonímia. Não apenas caracterizadas como figuras de palavras ou relacionadas aos conceitos psicanalíticos de condensação e deslocamento, metonímia e metáfora carregam ainda uma ideia de deriva de sentidos, que nos provoca a pensar nas ressignificações.

Dessa forma, podemos dizer que os efeitos metafóricos e metonímicos são mecanismos que promovem a inscrição dos sentidos em condições de produção sócio-históricas distintas. Na SD21, o vocábulo "negocinho" é retomado de um outro lugar. Assim, pensamos que a palavra "negócio" assume diversas significações: "eu tenho um negócio" pode significar que o sujeito possui uma empresa ou uma atividade empreendedora, por exemplo. Ainda, podemos dizer que "temos um negócio a resolver", isto é, resolver uma pendência, solucionar alguma questão. Em dizeres cotidianos, quando não lembramos um nome, frequentemente designamos algo como um negócio, uma coisa.

Nesse sentido, é interessante que pensemos a designação usada pelo sujeito transexual para nomear uma parte de seu corpo – que é representativa de um todo. Além disso, ao nomear como um negócio, o sujeito provoca-nos a pensar sobre como essa parte

determina ainda o seu modo de subjetivação. Essa formulação nos mostra como a falha no seu corpo produz um saber: o negocinho, a coisa, o troço, aquilo que não tem nome, mas que também representa aquilo que está pendente, demonstra a ausência da fronteira entre a metáfora e a metonímia.

SD22[41] – A coisinha

> ***Sujeito entrevistador****: você vai se operar? essa era uma dúvida...*
> ***Sujeito entrevistado****: então...*
> ***Sujeito entrevistador****: fiquei sabendo que você tá em dúvida de novo...*
> ***Sujeito entrevistado****: não... a questão não é a dúvida... eu tenho certeza... assim... eu acho que desde criança eu já cresci assim... com essa... eu nunca gostei do que eu tenho... então tenho certeza absoluta que eu vou ser feliz sem entendeu? é uma coisa que me incomoda então eu vou me sentir melhor sem... só... que tipo assim... eu acho que... eu tenho 18 anos... tem muita coisa pra acontecer na minha vida... eu não posso ficar dando prioridade só pra isso... entendeu? eu não vou deixar de ser feliz e aproveitar a minha vida por causa duma coisinha que não muda... meu namorado... tipo... gosta de mim assim entendeu? foi assim que ele se apaixonou... mas mesmo assim eu vou fazer a cirurgia pra me sentir plena... mas eu não dou prioridade pra cirurgia... entendeu?*
> ***Sujeito entrevistador****: então espera aqui... eu quero continuar nesse assunto ainda... mas eu vou fazer um intervalo...*

O discurso, então, é construído através de dois aspectos: no primeiro, há a tentativa de designar, através de uma formulação vaga, o órgão genital, que representa como o sujeito designa metonimicamente as partes de seu corpo como coisa, coisinha. A tomada dessa parte (órgão genital) pelo todo (corpo) corresponde a um efeito metonímico nesse real do corpo, inominável. Já que é preciso construir um sentido, uma referência à parte do corpo, que seja através desse efeito metonímico, em que o sentido se estabelece de modo a preencher momentaneamente uma lacuna no modo de compreender esse corpo. Um segundo aspecto também diz respeito a essa lacuna na compreensão. No entanto, ao invés de designar partes do corpo como "coisa", "coisinha", há um efeito de apagamento daquilo que deveria ou poderia ser dito, mas não é. Atentemos para os enunciados: "eu já nasci assim, com essa" / "tenho certeza absoluta que vou ser feliz sem" / "então vou me sentir melhor sem" / "eu nunca gostei do que eu tenho" / "eu não posso ficar dando

---

[41] Sequência discursiva selecionada da entrevista concedida por Marcela Ohio à apresentadora Marília Gabriela.

prioridade só pra isso". As formulações indicam um apagamento de qualquer significante que possa parafrasear o sentido estabelecido por "coisa", "coisinha". Esse apagamento diz respeito a uma falta, um vazio que o sujeito não preenche em seu discurso.

As expressões "do que eu tenho" e "isso" retomam o sentido de vagueza atribuído ao elemento "coisa", "coisinha", pois indeterminam, do mesmo modo, os saberes sobre os corpos. Esse efeito metonímico representa uma contra-identificação do sujeito com a FD-OC, pois o sujeito se recusa a falar em termos que vinculariam seu corpo tomado enquanto verdade apenas quando se refere ao sexo biológico. Essa recusa nos permite compreender que o sujeito não encontra, na língua, uma designação que corresponda ao seu corpo enquanto um corpo legítimo.

As expressões "do que eu tenho" e "isso" apontam para um efeito de presença da parte do corpo à qual o sujeito não deseja/não pode se referir, uma presença-ausência. Essa designação se constitui através de uma indeterminação, construindo um discurso que se distancia da forma-sujeito da FD-OC – justamente por negar os termos construídos no discurso da ciência, da biologia, para designar os corpos e suas partes.

O efeito de certeza que se pode interpretar através do enunciado "eu vou fazer a cirurgia para me sentir plena" demonstra uma oposição ao enunciado da SD16, em que o sujeito afirma "eu nunca estou satisfeita, na verdade". Essa ilusão de plenitude que o sujeito poderá alcançar demonstra, mais uma vez, a ilusão de que se pode alcançar o corpo que se deseja, através de um discurso que propõe ordem para o corpo.

Tanto na SD21 quanto na SD22 aparecem nomeações: através dos vocábulos "o negocinho" e "a coisinha", respectivamente, para o pênis, a "coisa" com a qual o sujeito não quer se identificar, pois é esse órgão genital, inscrito no corpo, que o identifica como biologicamente um homem, a sexualidade a qual o sujeito transexual quer repelir. Essas nomeações representam a negação do falo, já que, de acordo com Elia (2004, p. 64), "é, enfim, a sexualidade do falante, que se estrutura através do significante". Assim, é através da negação do pênis que o sujeito passa a negar a sua sexualidade, atribuída biologicamente. Discursivizando o pênis como "negocinho", "coisinha", percebemos a falha nesse discurso, já que o sujeito aponta, através do discurso, que seu órgão não faz parte do seu corpo. Esse desejo de inexistência do falo aponta para o real do corpo, o seu impossível, denunciando uma presença que se quer apagada.

Entendemos os conceitos de metáfora e metonímia – no âmbito da AD – em relação às noções de inconsciente e de ideologia para compreender um dos modos de funcionamento do discurso de legitimação do corpo do transexual. Isso significa que essas formulações teóricas demonstram a constituição de um novo saber, que, ainda que esteja sustentado pelas demais, por estar atravessada pelos seus sentidos, consegue desdobrar, através de outros significantes, um sentido que revela a legitimação e a aceitação do corpo.

As noções de efeitos metafóricos e metonímicos estão relacionadas, portanto, às posições-sujeito de legitimação do corpo e à FD-OC. Em nossas análises, tentamos demonstrar que uma palavra por outra não é apenas uma escolha intencional de um sujeito falante. Uma palavra por outra provoca uma ressignificação, ou seja, a irrupção da PS-LC.

Percebemos que, ao tentar descrever a transexualidade através de uma comparação, o sujeito constrói aproximações, produzindo um discurso permeado por efeitos metafóricos ou metonímicos. Através dessas aproximações, o sujeito tenta produzir um lugar de identificação, demonstrar que, através da língua, é possível construir um discurso de resistência, que suporte a irrupção dos sentidos outros em seu discurso.

A filiação do sujeito à PS-LC ocorre através das formulações que não encontram no significante "original" os sentidos que signifiquem a transexualidade. Os efeitos metafóricos e metonímicos produzem um recorte dos saberes do interdiscurso que dão ao sujeito a necessária ilusão de "escolher" as palavras que irá dizer para tentar fazer-se entender. Dessa forma, ocorre um descentramento em relação à FD-OC.

Assim, o discurso do transexual se constrói na ambivalência dos sentidos, que significam através dos efeitos metafóricos e/ou metonímicos. Através desse funcionamento, os saberes dispersos passam a se organizar no eixo polissêmico. Em outras palavras, a materialização desse discurso a partir da sua constituição em efeitos metafóricos e/ou metonímicos permite que pensemos em um discurso de incompletude, reflexo de um corpo que vai se fazendo (im)possível(?) no decorrer de uma língua que não cessa em suas fronteiras.

EPÍLOGO

Um impossível encontro

Assim como não iniciamos esta tese com uma introdução nos moldes tradicionais, também não apresentaremos uma conclusão, mas um epílogo, um efeito-desfecho. Isto porque não buscamos estabelecer respostas ou considerações finais, mas continuamos trabalhando no entre-lugar do discurso, buscando observar, no batimento entre língua e discurso, a produção de um discurso de resistência, de legitimação dos sentidos do corpo trans.

Um dos diversos recortes efetuados pelo discurso médico-científico e pelo discurso jurídico em relação ao corpo do transexual diz respeito à cirurgia de redesignação sexual. Parte do processo transexualizador, é essa cirurgia que (re)define o corpo do sujeito, possibilitando um outro de modo de subjetivação.

Aqui, mais uma vez, queremos refletir sobre os componentes linguísticos que estão em jogo na formação desse vocábulo: redesignar é designar novamente algo que já havia sido designado. Na formação discursiva de ordem do corpo (FD-OC), a cirurgia de redesignação sexual é mais um protocolo pertencente ao discurso médico-científico e jurídico, que obedece às injunções de documentos oficiais estipulados pelos conselhos médicos e pelas portarias e resoluções que orientam essa prática. Na posição-sujeito de legitimação do corpo (PS-LC), a cirurgia pode ser considerada a transformação material do corpo transexual.

A cirurgia de redesignação é baseada em alguns discursos oficiais. Há, portanto, uma memória que deve ser recuperada aqui: ao longo do tempo, algumas resoluções do Conselho Federal de Medicina foram publicadas, visando estabelecer normas e procedimentos para as cirurgias de neofaloplastia e neocolpovulvoplastia. Esses documentos oficiais vão se modificando ao longo da história, determinando a forma como tais cirurgias devem ser realizadas, e também são utilizados para autorização de alguns procedimentos.

Em 1997, a resolução 1482/1997 determina que as cirurgias de redesignação ocorram apenas em caráter experimental em hospitais públicos ou universitários. A resolução 1652, datada de 2002, revoga a anterior, mas ainda autoriza de modo

experimental as cirurgias de transgenitalização. No entanto, os procedimentos de neocolpovulvoplastia, isto é, de adequação ao fenótipo feminino, já não precisam ser necessariamente realizados em hospitais públicos ou universitários, podendo ser realizados em hospitais privados. Já as cirurgias que envolvam a neofaloplastia, isto é, a adequação do corpo ao fenótipo masculino, ainda devem permanecer restritas aos hospitais públicos e universitários. Por último, a resolução 1955, de 2010, revoga a anterior e passa a considerar apenas as cirurgias de neofaloplastia em caráter experimental. Em todas as resoluções, a consideração sobre o paciente transexual não muda: "ser o paciente transexual portador de desvio psicológico permanente de identidade sexual, com rejeição do fenótipo e tendência à automutilação e ao auto-extermínio" (conforme texto das resoluções 1482/97, 1652/02 e 1955/10).

A adequação do corpo ao discurso oficial provoca-nos a pensar sobre as determinações que incidem sobre o corpo do transexual, inserindo esse sujeito em um entre-lugar entre as sexualidades reconhecidas. Esse vazio pelo qual passa a construção desse (novo) sujeito instaura a tensão e a contradição do corpo que ainda não é de determinado gênero, mas que também não deixa de ser de outro gênero.

Esse vazio ao qual nos referimos pode ser marcado no discurso através das falhas da língua. É o que ocorreu em uma conversa com um sujeito transexual[42] que estava na fila de espera em um desses hospitais universitários. Aguardando sua vez de ser chamada para realizar os procedimentos relacionados à cirurgia, tal sujeito enuncia: *"Estou na fila de espera do hospital para fazer a cirurgia de resignação sexual"* (2013).

Nesse enunciado, percebemos que o vocábulo "redesignar" é formado por derivação prefixal, isto é, pelo acréscimo de um significante ao vocábulo já formado por prefixo. Nesse caso, a falha da língua relaciona-se à perda do significante "de-", transformando o item lexical *redesignar* em *resignar*. Discursivamente, essa transformação indica um conflito na identificação com uma formação discursiva, já que há uma diferença entre *redesignar*, isto é, renomear, redenominar, e *resignar*, ou seja, submeter-se, aceitar, desistir.

Conforme afirma Pêcheux:

---

[42] A identidade desse sujeito será preservada.

> E através destas quebras de rituais, destas transgressões de fronteiras: o frágil questionamento de uma ordem, a partir da qual o lapso pode tornar-se discurso de rebelião, o ato falho, de motim e de insurreição: o momento imprevisível em que uma série heterogênea de efeitos individuais entra em ressonância e produz um acontecimento histórico, rompendo o círculo da repetição. (PÊCHEUX, 1990, p.17)

Se, conforme o autor, o ato falho pode corresponder ao "rompimento com uma série heterogênea de efeitos", podemos dizer que, ao "esquecer-se" do significante "de", o sujeito demonstra aquilo que de fato o assujeita, revelando o sentido de que seu corpo está sendo instrumento de assujeitamento à ideologia dominante, que propõe a ordem para o corpo. A série de efeitos aqui pode ser definida como as injunções ao corpo e a dificuldade de aceitá-lo em nossa formação social, fazendo com que seja necessário torná-lo semelhante ao corpo do outro. A troca de um significante por outro, no discurso do sujeito, significa o rompimento com o estabilizado, a inscrição de um novo sentido: aquele que, ao dizer que se conforma com os protocolos para ajustar o "novo corpo", acaba por questioná-los. O ato falho nos diz muito sobre esse corpo que, antes de ser redesignado, é ainda mais um corpo resignado ao sexo, às injunções do discurso outro que tenta falar no lugar desse sujeito.

Ao falar da relação entre inconsciente e ideologia, Pêcheux mostra que um conceito não pode ser pensado sem referência ao outro: "o recalque não se identifica nem com o assujeitamento nem com a repressão, mas isso não significa que a ideologia não deva ser pensada sem referência ao registro do inconsciente" (PÊCHEUX, 2009 [1975], p. 278). Por isso, no enunciado acima, entendemos que a discursivização desse ato falho promove pensarmos na articulação desses dois processos como fundamentais à constituição do sujeito transexual. Ao linearizar o vocábulo "resignar", o sujeito mostra uma resistência ao discurso da formação discursiva de ordem do corpo, que está atravessado no discurso do sujeito como o saber verdadeiro sobre o corpo. Ao substituir esse significante pelo ato falho "resignar", o sujeito demonstra a resistência desse corpo, que:

a) está resignado ao discurso da ciência que o vê como portador de uma disforia (que o vê apenas através da anatomia do sexo biológico);

b) está resignado ao imaginário de constituição dos corpos, que determina como seu corpo deve ser.

Ao resignar-se, o sujeito transexual resiste questionando seus processos de identificação, afinal, ao estar na condição de "resignado", o sujeito está conformado com o discurso do outro, que determina como deve ser. Assim, o sujeito tem seus processos de identificação esvaziados, esperando ser preenchidos com o discurso do outro, que afirma como ele deve ser.

Entretanto, ao mesmo tempo, o sujeito demonstra a resistência pelo ato falho, uma vez que questiona por que terá seu corpo novamente designado, se já possui uma identidade de gênero relacionada a um gênero outro. Em resumo, a resistência demonstra que a cirurgia pode ser, sim, uma condição pela qual os sujeitos transexuais querem modificar seus corpos, mas também a evidência de que já se sentem como sujeitos de outro gênero, mesmo sem passar pelo processo transexualizador definido pelo discurso médico-científico. Esse é o ponto no qual, conforme nos diz Pêcheux (2009 [1975], p. 276), "o ritual se estilhaça no lapso", isto é, a ideologia falha, mostrando o real do inconsciente, um sujeito que se liberta, por uma brecha em seu discurso, das palavras do outro.

A cirurgia de redesignação sexual possibilita que o corpo do sujeito transexual se torne "adequado" ao gênero que esse sujeito deseja, com o qual se identifica. No entanto, esse processo cirúrgico novamente mostra a contradição que permeia esse discurso, pois o nome remete à doença, à patologia – a doença mental que é "curada" pela intervenção no corpo. Nesse sentido, analisamos a seguinte SD:

SD 23[43] – A despatologização

> ***Sujeito entrevistador****: você não considera a transexualidade uma patologia?*
> ***Sujeito entrevistado****: de jeito nenhum... claro que não e luto pela despatologização que deve né... espero... que agora em DOIS MIL e treze mude... éh... essa questão... porque o transexualismo já foi tudo... já foi disforia de gênero... depois agora é transtorno de identidade de gênero... vai mudando os termos que também é uma forma de continuar taxando o homossexualismo... você sabe que o homossexualismo deixou de ser uma patologia oficialmente né...*
> ***Sujeito entrevistador****: ahan...*

[43] Sequência discursiva selecionada da entrevista concedida por João Nery à apresentadora Marília Gabriela.

> ***Sujeito entrevistado**: mas através desta nova conotação de transtorno de identidade de gênero de certa forma engloba o homossexualismo como uma patologia... volta atrás... a França despatologizou e o quê que mudou? há três dias atrás os transexuais e travestis franceses saíram na Praça da Bastilha pra irem até a prefeitura pra dizerem exatamente que NADA mudou... você pra se submeter a uma cirurgia... você tem que passar dois anos... você tem que pedir um diagnóstico PELO AMOR DE DEUS::... tem que se enquadrar naqueles abSURdos...*

Na sequência discursiva há indícios que nos permitem analisar como os elementos da língua servem para caracterizar o corpo do sujeito transexual. Em um primeiro momento, notamos a discursivização do item lexical *transexualismo,* apresentado como um vocábulo que retoma os sentidos da doença e da patologia, englobando outros sentidos do mesmo campo semântico: disforia, transtorno. Esse vocábulo se desloca do discurso médico-científico e se cola ao discurso do sujeito, como se, a partir do momento do conhecimento da palavra, estabelecesse um efeito de sentido para esse corpo, ou seja, é como se o corpo pudesse ser lido pelo outro e, a partir dessa leitura, pudesse ser considerado como um corpo (im)possível. Notemos como o estabelecimento desse vocábulo no discurso é necessário não apenas para a inscrição do que é a transexualidade, mas também para a sua distinção da homossexualidade, questão ainda bastante presente na atualidade[44].

Assim, é preciso designar sempre, é preciso nomear sempre, como uma tentativa de atribuir sentido ao insuportável vazio que nem sujeito nem língua podem aceitar. Ao nomear sempre estaremos apontando a carga histórica relacionada a determinada posição assumida pelos sujeitos na formação social. A presença do sufixo *–ismo* para denotar o modo de subjetivação desses sujeitos é, portanto, um modo de presença do discurso médico-científico no discurso do sujeito transexual.

Quando o sujeito entrevistador diz: “Você não considera a transexualidade uma patologia?”, ele está trazendo à cena discursiva essa memória, através do advérbio de negação “não”, duas possibilidades: a consideração da transexualidade como patologia e a não consideração da transexualidade como patologia. Como o advérbio de negação

---

[44] É sempre importante marcar a distinção fundamental entre identidade de gênero e orientação sexual. De acordo com Jesus (2012, p. 12), “gênero se refere a formas de se identificar e ser identificada como homem ou como mulher. Orientação sexual se refere à atração afetivossexual por alguém de algum/ns gênero/s. Uma dimensão não depende da outra, não há uma norma de orientação sexual em função do gênero das pessoas, assim, nem todo homem e mulher é “naturalmente” heterossexual” (JESUS, 2012, p.12).

incide sobre o verbo “considerar”, concluímos que, para o sujeito entrevistador, a transexualidade é uma patologia, devendo apenas o sujeito transexual demonstrar sua posição aceitando ou não essa consideração. Assim, notamos a divergência de posições dentro da FD de explicação do corpo.

“Eu luto pela despatologização”. Nesse enunciado, o sujeito posiciona-se de maneira a desidentificar-se com a FD de ordem do corpo, inscrevendo-o numa posição radicalmente contrária, já que o vocábulo *des*patologização aparece como um neologismo próprio ao discurso que circula na formação discursiva de legitimação do corpo. Essa inscrição ocorre através do prefixo *des-*, que aparece não somente como a negação da relação entre transexualidade e patologia, mas também como o seu contrário, a sua recusa.

Analisando as duas formas em que a negação significa nos enunciados recentemente analisados (Você não considera a transexualidade uma patologia”/ “Eu luto pela despatologização”), podemos dizer que o advérbio de negação “não” não é equivalente ao prefixo *des-*, sendo o prefixo a marcação no próprio vocábulo da constituição de uma posição contrária. Assim, o enunciado “Você não considera a transexualidade uma patologia” aponta para dois desdobramentos distintos, que precisam recuperar a memória do discurso médico-científico, colocando um sujeito num lugar binário (sim ou não). Ao afirmar “luto pela despatologização”, o sujeito refuta a possibilidade de haver esse lugar polarizado, lançando a significação da patologia a um outro estatuto. Assim, a questão não é mais se a transexualidade é ou não é patologia, mas, sim, é a transexualidade não ser relacionada à patologia, não caber apenas no discurso da formação discursiva de ordem do corpo.

Dessa forma, o discurso médico-científico tenta moldar os corpos dos sujeitos transexuais à sexualidade binária, conhecida. Afinal, a forma, a ordem e uma identidade imaginariamente estabilizada está relacionada a um corpo cuja sexualidade é conhecida e reconhecida ideologicamente. Os corpos que não possuem essa continuidade, essa estabilidade, são rotulados como corpos doentes. No discurso do sujeito, ao designar a “despatologização”, há uma desidentificação com essa FD que regula os corpos, isto é, com a FD de ordem do corpo. Através dessa desidentificação, há uma legitimação não apenas do corpo transexual, mas a inscrição desse corpo como instrumento de luta.

A despatologização configura-se, portanto, como a desvinculação da transexualidade com a noção de doença. Conforme afirmam Bento e Pelúcio:

> Atualmente, são mais de 100 organizações e quatro redes internacionais na África, na Ásia, na Europa e na América do Norte e do Sul que estão engajadas na campanha pela retirada da transexualidade do DSM e do CID. As mobilizações se organizam em torno de cinco pontos: 1) retirada do Transtorno de Identidade de Gênero (TIG) do DSM-V e do CID- 11; 2) retirada da menção de sexo dos documentos oficiais; 3) abolição dos tratamentos de normalização binária para pessoas intersexo; 4) livre acesso aos tratamentos hormonais e às cirurgias (sem a tutela psiquiátrica); e 5) luta contra a transfobia, propiciando a educação e a inserção social e laboral das pessoas transexuais (BENTO; PELÚCIO, 2012, p.573).

A despatologização configuraria a integração do sujeito transexual na formação social, a aceitação de seu corpo para além do discurso da ciência, isto é, como um corpo outro que manifesta uma identidade de gênero, uma possibilidade de subjetivação, tanto quanto todos os outros corpos, inclusive os estabilizados e aceitos socialmente.

A redesignação e a despatologização são construções linguísticas que circulam apenas no campo semântico da transexualidade, afinal, o discurso de ordem se propõe a mostrar as verdades da ciência, descobrindo patologias e rotulando-as. No entanto, a "doença" que afeta os sujeitos transexuais parece levar esse discurso de ordem para a sua borda, colocando em confronto os saberes (não) tão estáveis. Essas designações demonstram o impossível encontro que há entre a língua e o corpo no discurso dos transexuais, pois não cabem – na complexidade desses corpos – as nomeações criadas para tentar interpretá-los.

Esses vocábulos demonstram, assim, não a resistência para deixar de ser, apagando o sentido da patologia, mas a apropriação desse corpo pelo sujeito, assumindo-o como legítimo. Dessa forma, evidenciariam a inscrição desse corpo fora do domínio do discurso de ordem do corpo. No entanto, através da memória, seria possível recuperar as marcas que esse discurso deixa no corpo dos sujeitos?

"*El cuerpo dice: Yo soy uma fiesta*". As palavras finais do poema de Galeano orientam também as nossas palavras finais, que, a exemplo do livro do escritor, também são andantes, já que refletem a movência e a mudança dos sentidos. Tentamos demonstrar que, no discurso do sujeito transexual, podemos verificar que a língua muitas vezes escapa ao efeito de sedimentação de sentidos, provocando não apenas o estranhamento no discurso, mas também marcando a presença de um corpo outro na formação social, legitimando o discurso do sujeito transexual. A mesma língua que acolhe uma ilusória sedimentação também acolhe a desestabilização dos saberes, permitindo a construção de

um discurso que deriva, e que possibilita ver o corpo transexual como um corpo próprio ao contemporâneo. Então, que seja o corpo a festa de celebração do impossível.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado. Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro: introdução crítica de José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

AMARAL, Priscila Cavalcante do. **Mar de sentidos:** a metáfora no enlaçamento com subjetividade e o imaginário na construção do significante "mar**"**. 2013.110 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras,Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BENTO, Berenice; PELUCIO, Larissa. Despatologização do gênero:a politização das identidades abjetas**. Revista Estudos Feministas**. [online], v.20, n.2, p. 559-568, 2012.

BLACK, Donald W; GRANT, Jon. **Guia para o DSM-5**: complemento essencial para o manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. Tradução de Janisa S. Antoniazzi [et al.]. Porto Alegre: Artmed, 2015.

BRASIL**. Resolução 1482**, de 10 de setembro de 1997. Conselho Federal de Medicina Disponível em <http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/CFM/1997/1482_1997.htm>. Acesso em: 16 dez. 2015.

BRASIL. **Resolução 1652**, de 06 de novembro de 2002.Conselho Federal de Medicina. Dispõe sobre a cirurgia de transgenitalismo e revoga a Resolução CFM nº 1.482/97. Disponível em <http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/CFM/2002/1652_2002.htm>. Acesso em: 16 dez. 2015.

BRASIL. **Resolução 1955**, de 12 de agosto de 2010. Conselho Federal de Medicina. Dispõe sobre a cirurgia de transgenitalismo e revoga a . Disponível em <http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/CFM/2010/1955_2010.htm>. Acesso em: 16 dez. 2015.

CAMPBELL, Robert J. **Dicionário de Psiquiatria**. Tradução de Álvaro Cabral. Primeira edição brasileira traduzida da 5ª edição norte-americana. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

CANÇADO, Marcia. **Manual de semântica**: noções básicas e exercícios. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

CASABONA, Carlos María Romeo. **Enciclopedia de bioderecho y bioética**. Tomo I. Universidad de Deusto, Universidad del País Vasco. Granada: Editorial Comares, 2011.

CAZARIN, Ercília. O sempre retorno dos enunciados. In: **Anais do Celsul.** Disponível em <http://www.celsul.org.br/Encontros/09/artigos/Ercilia%20Cazarin.pdf>. Acesso em: 26 dez. 2013.

COIMBRA, José. **Projeto de lei da Câmara nº 70**, de 1995.Dispõe sobre intervenções cirúrgicas que visem à alteração de sexo e dá outras providências. Disponível em <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=15009>. Acesso em 12 jan. 2016.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Paulo: EdUFSCar, 2009.

DAMASCENO, Elimar M. **Projeto de lei da Câmara nº 5872**, de 2005. Proíbe a mudança de prenome em casos de transexualismo. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=299666> . Acesso em 12 jan. 2016

DSM IV. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Disponível em:<http://virtualpsy.locaweb.com.br/index.php?art=89&sec=23>. Acesso em: 19 fev. 2014.

ELIA, Luciano. **O conceito de sujeito**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. 35ª edição. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **Os anormais**: curso no Collège de France (1974-1975). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos** (1900). Tradução de Walderedo Ismael de Oliveira. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. **A língua inatingível**: o discurso na história da linguística. Tradução de Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. 2ª edição. Campinas: RG, 2010.

GALEANO, Eduardo. **Laspalabras andantes** (1993). Argentina: SigloVeintiuno, 2000.

GOBBATO, Gilberto Gênova. Transferência: amor ao saber. **Ágora** [online]. Rio de Janeiro, v.4, n.1, p. 103-114, 2001.

GRIGOLETTO, Evandra. Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições-sujeito. In: **Anais do II SEAD**, 2005. Disponível em: <http://www.analisedodiscurso.ufrgs.br/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/EvandraGrigoEvand.pdf.>. Acesso em: 15 jan. 2014.

HAROCHE, Claudine. **Fazer dizer, querer dizer**. Tradução de Eni P. Orlandi. São Paulo: Hucitec, 1992.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da análise automática do discurso (1969). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux (1969). Tradução de Bethania S. Mariani [et al]. 4ª edição. Campinas: Unicamp, 2010.

INDURSKY, Freda. A construção metafórica do povo brasileiro. In: **Organon**. v. 09, n.23, p. 143-152, 2001.

_____. Lula lá: estrutura e acontecimento. In: **Organon**. v. 01, n. 35, p. 101-121, 2003.

_____. **O entrelaçamento entre o político, o jurídico e a ética no discurso do/sobre o MST**: uma questão de lugar-fronteira. In: Revista da ANPOLL, n. 12, p. 111-131, 2002.

_____. O ideológico e o político no discurso sobre o MST. In: MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro; INDURSKY, Freda. **Memória e história na/da Análise de Discurso**. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2003.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. Brasília, 2012. E-book. Disponível em <http://www.sertao.ufg.br.>. Acesso em:12 de jan.2016.

JORGE, Marco Antônio Coutinho; FERREIRA, Nadiá Paulo. **Lacan**: o grande freudiano. 4ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

KOKAY, Érika. **Projeto de lei da Câmara nº 4241**, de 2012. Dispõe sobre o direito à identidade de gênero. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=552237> Acesso em: 12 jan. 2016.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 8:** a transferência [1960-1961]. Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller. Versão brasileira de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____. **O seminário, livro 5**: as formações do insconsciente. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. **O seminário, livro 19**: ...ou pior. *(1971-1972)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. **Os nomes do pai**. Tradução autorizada da primeira edição francesa. Traduzido por André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. O discurso do corpo. In: MITTMANN, Solange e SANSEVERINO, Antônio Marcos. **Trilhas de investigação**: a pesquisa no I.L em sua diversidade constitutiva. Porto Alegre: Instituto de Letras UFRGS, 2011.

LEITE JÚNIOR, Jorge. **"Nossos corpos também mudam"**: sexo, gênero e a invenção das categorias "travesti" e "transexual" no discurso científico. 2008. 230 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

MAURANO, Denise. **A transferência**: uma viagem rumo ao continente negro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista**: o diálogo possível. São Paulo:Ática, 2000.

MORIN, Edgar. A entrevista nas ciências sociais, na rádio e na televisão. In: MOLES, Abraham A. et al. **Linguagem da cultura de massa**. Petrópolis, Vozes, 1973.

MOULIN, Anne Marie. O corpo diante da medicina. In: COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo**: as mutações do olhar, o século XX. Tradução e revisão de Ephraim Ferreira Alves. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso em análise**: sujeito, sentido, ideologia. 2ª edição. Campinas: Pontes, 2012.

_____. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **Língua e conhecimento linguístico**: para uma história das ideias no Brasil. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. Sobre o intangível, o ausente e o evidente. In: GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. **A língua inatingível**: o discurso na história da linguística. Tradução de Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. 2ª edição. Campinas: RG, 2010.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (1969). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux (1969). Tradução de Bethania S. Mariani [et al]. 4ª edução. Campinas: Unicamp, 2010.

_____. Delimitações, inversões, deslocamentos. In: ORLANDI, Eni e GERALDI, João Wanderley. **Caderno de estudos linguísticos**. nº 19. jul./dez 1990, p. 7-24.

_____. Metáfora e interdiscurso. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. **Textos selecionados**: Eni Puccinelli Orlandi. 2ª edição. Campinas: Pontes, 2011.

_____.**O discurso**: estrutura ou acontecimento (1983). Tradução de Eni P. Orlandi. 6ª edição. Campinas: Pontes, 2012.

_____. Remontémonos de Foucault a Spinoza. In: TOLEDO, Mario Monteforte. **El discurso político**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Nueva Imagen, 1980.

_____. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio (1975). Tradução de Eni P. Orlandi. 4ª edição. São Paulo: Unicamp, 2009.
Portal Transrespect. Disponível em <http://transrespect.org/en/>. Acesso em 16 dez. 2015.

RESENDE, Fernando.O discurso jornalístico contemporâneo: entre o velamento e a produção das diferenças. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 14, p. 81-93, dez. 2007.

RIO GRANDE DO SUL. **Decreto nº 49.122**. Institui a carteira de nome social para travestis e transexuais no estado do Rio Grande do Sul. Diário Oficial, RS, 18 maio 2012. Seção 1, p. 2.

RIO GRANDE DO SUL. **Decreto nº 48.118**, de 27 de junho de 2011. Dispõe sobre o tratamento nominal, inclusão e uso do nome social de travestis e transexuais nos registros estaduais relativos a serviços públicos prestados no âmbito do Poder Executivo Estadual e dá providências. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/DEC%2048.118.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2016

ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Opacidade e incompletude: essa estranha tessitura do sujeito no discurso. In: ZANDWAIS, Ana e ROMÃO, Lucília Maria Sousa [orgs]. **Leituras do político**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A parte obscura de nós mesmos**: uma história dos perversos. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SILVA, De Plácido e. **Vocabulário jurídico**. Atualizadores: Nagib Slaibi Filho e Gláucia Carvalho. Rio de Janeiro: Forense, 2005.

SOUZA, Pedro. As enquetes como discurso: um caso de acesso às palavras do racismo. In: INDURSKY, Freda; LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina (orgs.). **Os múltiplos territórios da análise do discurso**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.

TARTUCE, Wigberto**. Projeto de lei da Câmara nº 3727**, de 1997. Acrescenta parágrafo ao art. 57 da Lei nº 6.015, de 31 de dezembro de 1973 - Lei de Registros Públicos, dispondo sobre mudança de nome no caso em que especifica. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=20118>. Acesso em: 12 jan. 2016.

WYLLYS, Jean; KOKAY, Érika. **Projeto de lei nº 5002**, de 2013. Dispõe sobre o direito à identidade de gênero e altera o art. 58 da Lei nº 6.015 de 31 de dezembro de 1973. Disponível em:<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=565315> Acesso em: 12 jan. 2016.

ZAMBRANO, Elizabeth. **Trocando os documentos**: um estudo antropológico sobre a cirurgia de troca de sexo. 2003. 120f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

ZICA, Luciano. **Projeto de lei da Câmara nº 6655**, de 2006. Altera o art. 58 da Lei nº 6.015, de 31 de dezembro de 1973, que "dispõe sobre os registros públicos e dá outras providências. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=315120> Acesso em: 12 jan. 2016

ZIZEK, Slavoj. Como Marx inventou o sintoma. In: ZIZEK, Slavoj (org.). **Um mapa da ideologia**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

Entrevistas analisadas:

LEA T. De frente com Gabi. Entrevista. 02 out. 2011. **Rede de televisão SBT**. Entrevista concedida à apresentadora Marília Gabriela.

NERY, João. De frente com Gabi. Entrevista. 12 out. 2011. **Rede de televisão SBT**. Entrevista concedida à apresentadora Marília Gabriela.

OHIO, Marcela**.** Gabi quase proibida. Entrevista. 19 fev. 2014. **Rede de televisão SBT**. Entrevista concedida à apresentadora Marília Gabriela.

TAVARES, Felipa. Jô Soares. Entrevista. 05 abr. 2012. **Rede Globo de televisão**. Entrevista concedida ao apresentador Jô Soares.

SÁ, Leo Moreira. De frente com Gabi. Entrevista. 06 nov. 2013. **Rede de televisão SBT**. Entrevista concedida à apresentadora Marília Gabriela.

ANEXOS

- ✓ **Sequência discursiva 01:**

TAVARES, Felipa. Jô Soares. Entrevista. 05 de abril de 2012. Rede Globo de televisão. Entrevista concedida ao apresentador Jô Soares.

Sujeito-entrevistador: então vamos começar conversando com uma modelo diferente... e a gente vai descobrir por quê diferente... Felipa Tavares... venha pra cá... Felipa... Felipa... é seu nome de batismo... de nascimento?

Sujeito-entrevistado: não... não é...

Sujeito-entrevistador: não?

Sujeito-entrevistado: não... não é...

Sujeito-entrevistador: qual é o seu nome de batismo?

Sujeito-entrevistado: eu nasci com o meu nome Felipe...

Sujeito-entrevistador: óh... óh... um pouquinho de modos... compostura... como se dizia... *ahn* é Felipe... e quando é que você percebeu Felipa... que o Felipe não tava combinando?

Sujeito-entrevistado: desde nova... desde novinha eu vi que tinha alguma coisa diferente no meu corpo... e eu não sabia como mudar e não sabia também me expressar um pouco... porque na infância a gente não sabe não tem por onde ir... fugir... não tem é... a família... não tem ninguém que você pode correr atrás pra ver o que que tá acontecendo... você vê que seu corpo tá errado... tem alguma coisa errada em você... né...

Sujeito-entrevistador: bom... alguma coisa ou algumas coisas?

Sujeito-entrevistado: algumas coisas...

Sujeito-entrevistador: algumas coisas... mas olha Felipa... a Felipa... e a Felipa é uma moça bonita... muito bonita... não sei como é que era o Felipe... você foi Felipe até que idade?

Sujeito-entrevistado: bom... eu sempre fui Felipa na verdade né...

Sujeito-entrevistador: não.. eu sei... eu digo documentos... quando é que se deu essa tran... porque essa transformação aconteceu de repente quando você resolveu dizer... não... eu sou a Felipa... não tem esse negócio de...

Sujeito-entrevistado: é... foi logo depois que eu servi ao quartel né... o exército...

Sujeito-entrevistador: você serviu ao exército?

Sujeito-entrevistado: servi o quartel... um ano...

Sujeito-entrevistador: vamo ver umas fotos da Felipa quando serviu o exército... olha... que medo Felipe... que medo... olha aí... gente... mas que coisa perigosa... Felipa... e os seus companheiros de quartel... enfim... quando tava servindo... já tinham ideia que você seria mais Felipa do que Felipe?

- ✓ **Sequência discursiva 02:**

LEA T. De frente com Gabi. Entrevista. 02 de outubro de 2011. Rede de televisão SBT. Entrevista concedida à apresentadora Marília Gabriela.

Sujeito-entrevistador: mas o que eu tou perguntando era... se você... *ãn*... era delicada... Era isso que eu quero saber... pra voltar pro assunto do seu pai...

Sujeito-entrevistado: eu era... Eu... eu... eu... eu não mudei... É o que eu falo muito assim...

Sujeito-entrevistador: você como homem era parecida? Era isso?

Sujeito-entrevistado: não... Eu mudei o cabelo...

Sujeito-entrevistador: mas você era imbérbe?

Sujeito-entrevistado: a minha sorte é porque eu não tive barba até vinte e quatro anos...

Sujeito-entrevistador: *ãhãn*...

Sujeito-entrevistado: então foi muito fácil pra mim tirar...

Sujeito-entrevistador: você já tinha uma coisa de hormônio mer:...mo aí já antes...

Sujeito-entrevistado: não... não... não... eu era muito delicado pelo fato que eu cresci com mãe... vó... tias... irmãs. então eu era muito delicadinho assim...

Sujeito-entrevistador: e isso chamava a atenção dos outros? porque nós somos... nós a humanidade... é realmente muito preconceituosa...

Sujeito-entrevistado: muito...

Sujeito-entrevistador: nós precisamos nos policiar todos os dias para não cometer pequenos julgamentos e a partir desses julgamentos... *ãn*... ser... *ãn*... como é que se diz?... preconceituosos. e então o que eu tô perguntando é... chamava a atenção dos outros?

Sujeito-entrevistado: *ãn*... da minha família... no aspecto familiar? não... sim... eu sofri muito na escola de *bullying*...

Sujeito-entrevistador: sofreu?

Sujeito-entrevistado: nossa... muito... eu sofro de *bullying* todo dia...

Sujeito-entrevistador: e você tá falando da Itália? você vivia na Itália?

Sujeito-entrevistado: eu vivia na Itália...

Sujeito-entrevistador: cresceu na Itália?

Sujeito-entrevistado: cresci na Itália... e a família... a família aquela coisa: espera que seja *gay*... não passa pela cabeça que vai ser transexual... eu acho que eles nem... é uma coisa que assim... que... eu acho porque nós somos um nível tão baixo da sociedade que uma pessoa nunca vai achar que é... que o filho vai ser transexual entendeu... no máximo vai é *gay*...

Sujeito-entrevistador: você acha mesmo? sabe porque Léa... eu fico pensando assim... será que quando che/... a transição... a transformação deve ser uma coisa brutal...

Sujeito-entrevistado: horrível::...

Sujeito-entrevistador: pra você e pra todo mundo porque é uma mudança... Mas paSSAda a transformação... será que você... aí encontra um equilíbrio que o *gay* nunca vai encontrar e vai ficar sempre ali... naQUEle julgamento porque existe...

Sujeito-entrevistado: não... porque não tem... a sociedade ainda não conseguiu... eles não tem... eles não aceita... mesmo quando você termina de passar a sua transição... você é sempre um travesti e é um lixo... você não tem direito a nada... não tem direito a ter

amigos... o *gay* é diferente... é muito mais aceito... ainda tem discriminação... aqui no Brasil principalmente... eu vejo muitas histórias que pra gente lá fora...

- ✓ **Sequência discursiva 03:**
- ✓ **Sequência discursiva 03a:**

SÁ, Leo Moreira. De frente com Gabi. Entrevista. 06 de novembro de 2013. Rede de televisão SBT. Entrevista concedida à apresentadora Marília Gabriela.

Sujeito-entrevistador: LÉO... então vamos pra CIRCUS e onde começa o seu envolvimento com drogas... que drogas e por que foi?

Sujeito-entrevistado: bom... eu sei que quando eu abri a CIRCUS... foi um momento que assim... eu não sei... tava mesmo num momento de um certo vazio... acabou as MERCENÁRIAS... eu tava fazendo um negócio que não era aquilo que eu queria... eu sempre fui um artista... e aí investi na boate e aquela boate de repente ferveu de gente... e drogas... e eu realmente comecei a usar mesmo... muita cocaína... todos os dias...

Sujeito-entrevistador: e era por prazer ou por que alguma coisa ali dentro tava funcionando mal?

Sujeito-entrevistado: pois é... na hora você não faz análise né... na hora é prazer e ponto final né... e cheirava todos os dias...

Sujeito-entrevistador: você continuava vestido de mulher?

Sujeito-entrevistado: eu nunca vesti... eu nunca usei roupas me:...smo assim...

Sujeito-entrevistador: bom... como eu... eu uso calça e *t-shirt* e camisa sempre... gosto...

Sujeito-entrevistado: só que eu sempre fui muito andrógino... sempre fui quem eu sou...

Sujeito-entrevistador: é...

Sujeito-entrevistado: eu não tinha barba... mentira... o hormônio... o poder do hormônio é terrível né... muda bastante a voz... e então... eu acho que eu usei mesmo muita droga... entrei de cabeça... eu sou um cara muito intenso né... então assim... eu fui intenso nas drogas também...

- ✓ **Sequência discursiva 04:**

SÁ, Leo Moreira. De frente com Gabi. Entrevista. 06 de novembro de 2013. Rede de televisão SBT. Entrevista concedida à apresentadora Marília Gabriela.

Sujeito-entrevistador: erotismo pra você é...

Sujeito-entrevistado: *ah*... é vida... erotismo é tudo... é melhor do que sexo... erotismo... erotismo é aquela relação que você tem de conquistas né... é lúdico... não é só com pessoas... na vida né... é o erótico... acho que viver é muito erótico...

Sujeito-entrevistador: comer é erótico...

Sujeito-entrevistado: comer é erótico... eu tô vivendo isso...

Sujeito-entrevistador: dependendo da circunstância... você tá vivendo o quê agora?

Sujeito-entrevistado: eu tô vivendo esse erotismo é...

Sujeito-entrevistador: essa erotização...

Sujeito-entrevistado: eu não digo que eu nasci de novo porque isso não existe... eu sempre fui a mesma pessoa... sabe... eu só fiz essa definição...

Sujeito-entrevistador: mas você de alguma forma você nasceu de novo a partir da sua experiência na prisão... porque você era uma pessoa que tava indo por um...

Sujeito-entrevistado: é...

Sujeito-entrevistador: num universo... pra um caminho... e agora você...

Sujeito-entrevistado: eu tava me matando...

Sujeito-entrevistador: a sua história mudou...

Sujeito-entrevistado: é... engraçado né... ter que passar por aquilo...

Sujeito-entrevistador: olha... você passou por esse chamado processo chamado adequação de gênero... não é? você tomou os hormônios... fez a mastectomia...

Sujeito-entrevistado: eu só queria fazer só um adendo nesse ADEQUAÇÃO...

Sujeito-entrevistador: *ahan*... pode fazer...

Sujeito-entrevistado: é assim... eu... quando você fala em adequar... é adequado pra um gênero... não é?

Sujeito-entrevistador: é...

Sujeito-entrevistado: então... não... eu não...

Sujeito-entrevistador: não se chama isso?

Sujeito-entrevistado: chama sim... chama sim... mas eu particularmente não gosto... por quê? eu não quero me normatizar...

- ✓ **Sequência discursiva 05:**

SÁ, Leo Moreira. De frente com Gabi. Entrevista. 06 de novembro de 2013. Rede de televisão SBT. Entrevista concedida à apresentadora Marília Gabriela.

Sujeito-entrevistado: então é... eu sempre fui um menino óh... eu nasci no interior de São Paulo... numa cidadezinha muito pequena... de São Simão perto de Ribeirão Preto... conhece?

Sujeito-entrevistador: conheço... é lógico... eu sou do interior também...

Sujeito-entrevistado: é mesmo? que maravilha... então... cê sabe que lá é muito quente... eu usava shortinho... descalço e... vivia correndo e tal... minha mãe ela tinha muitos filhos... não tinha tempo... então eu tive uma certa liberdade... ali no interior... a gente pode ficar o dia inteiro brincando... e povo de interior não conversa né... a minha mãe nunca teve uma conversa né... então na minha cabeça... eu... eu... nada questionava... eu era quem sou... sempre fui né... brinquei menino... só que quando é... coloco aquela sainha... eu tomo consciência...

Sujeito-entrevistador: com quantos anos?

Sujeito-entrevistado: com sete anos...

Sujeito-entrevistador: sete anos? que é a idade da consciência de fato...

Sujeito-entrevistado: é... então foi nesse momento que eu tomei a consciência não que eu era... que eu... que eu era um transexual... sei lá... a consciência do que eu não era... eu tomei consciência do que a sociedade queria que eu fosse...

Sujeito-entrevistador: que você fosse...

Sujeito-entrevistado: ( ) o transexual sempre sabe o que ele é...

Sujeito-entrevistador: você brincava... brincadeiras infantis... os meninos tinham pirulito e você não... isso você percebia já ou ainda não?

Sujeito-entrevistado: engraçado... eu achava que o meu era menor... só...

Sujeito-entrevistador: *ah*... é mesmo? que curioso...

- ✓ **Sequência discursiva 06:**

SÁ, Leo Moreira. De frente com Gabi. Entrevista. 06 de novembro de 2013. Rede de televisão SBT. Entrevista concedida à apresentadora Marília Gabriela.

Sujeito-entrevistado: então assim é... muitos pais... me parece... eu tenho a sensação que vêm me abraçar com lágrimas nos olhos e agradece... eu tenho certeza que eles têm algum...

Sujeito-entrevistador: eles tão tentando achar soluções pra si mesmo...

Sujeito-entrevistado: é... com certeza eu tô entregando algo...

Sujeito-entrevistador: você tá dando uma contribuição de alguma maneira...

Sujeito-entrevistado: e isso é muito importante pra mim... eu acho que é isso que me move... é o mais importante... eu preciso fazer essa contribuição... pela minha consciência política e pela minha possibilidade de entregar isso... eu posso entregar isso... eu acho que muitos LÉOS não precisam sofrer tanto como eu sofri...

Sujeito-entrevistador: bom... ótimo... que bom que resultou nisso... eu tenho que te botar mais uma pergunta... duas... o Márcio Lima de Araçatuba pergunta... o que você mais preza num relacionamento a dois embora você não esteja vivendo um no momento?

Sujeito-entrevistado: bom... eu prezo... não é sexo... eu acho que é o companheirismo... é a cumplicidade... a sensação de ter aquela pessoa em todos os momentos... sabe... eu acho que é isso... o mais importante pra mim... o amor vai... o amor...

Sujeito-entrevistador: o amor... isso é coisa de mulher *heim*...

Sujeito-entrevistado: *ah*... tá vendo... mas agora eu digo que não... isso são as características que a sociedade nos faz acreditar...

Sujeito-entrevistador: mas...

Sujeito-entrevistado: eu sou um homem feminino...

- ✓ **Sequência discursiva 07:**

SÁ, Leo Moreira. De frente com Gabi. Entrevista. 06 de novembro de 2013. Rede de televisão SBT. Entrevista concedida à apresentadora Marília Gabriela.

Sujeito-entrevistado: depois que eu fiquei bem definido... eu percebi que os homens começavam a me olhar muito... tá...

Sujeito-entrevistador: depois que você ficou homem...

Sujeito-entrevistado: é... que eu fiquei bem definido assim esteticamente... os homens começaram a me olhar... eu comecei é... a achar interessante... primeiro eu fiquei chocado... depois eu é... a:.. legal né... quer dizer que eu tô legal... tô bonito... mas depois eu percebi como é a relação... como é a relação entre dois homens...

Sujeito-entrevistador: como é que é?

Sujeito-entrevistado: eles são... os homens... eles são mais explícitos né... culturalmente... então assim... é algo que mexe... mexeu muito comigo... então eu pensei... poxa então eu sou um ser que posso me relacionar com qualquer pessoa né... e eu não acho que exista... assim eu não posso dizer pra você que...

Sujeito-entrevistador: então você não se relacionou com homens depois que você fez essa constatação de que você os atrai?

Sujeito-entrevistado: não... não... ainda não... mas estou aberto a qualquer relação... embora no momento... eu não esteja tão acessível... mas eu acho que depende muito... depende da pessoa... eu não tenho um padrão assim... eu acho que em cada relação é especial e diferente...

Sujeito-entrevistador: quando você se atrai por uma mulher... que tipo de mulher é essa?

Sujeito-entrevistado: mais ou menos como você...

Sujeito-entrevistador: porque eu pareço uma traveca...

Sujeito-entrevistado: O:...ra capaz... não...

- ✓ **Sequência discursiva 08:**

SÁ, Leo Moreira. De frente com Gabi. Entrevista. 06 de novembro de 2013. Rede de televisão SBT. Entrevista concedida à apresentadora Marília Gabriela.

Sujeito-entrevistador: pois é... a pesquisa sobre a sua vida me chamou a atenção essa grande história de amor que você viveu com a Gabriela Bionda... que era travesti... vocês foram quase... *ahn*... vocês ficaram juntos quase dez anos é isso? Foram dez anos de casamento...

Sujeito-entrevistado: dez anos de casamento... casamos inclusive no civil...

Sujeito-entrevistador: vocês conseguiram claro...

Sujeito-entrevistado: Claro...

Sujeito-entrevistador: era um homem e uma mulher... evidente...

Sujeito-entrevistado: a gente só não casou porque o padre não deixou... porque a Gabriela queria né... ela falava... eu quero entrar...

Sujeito-entrevistador: porque ela queria entrar de noiva e você de noivo... vocês se conheceram no interior?

Sujeito-entrevistado: (faz sinal de sacudir com o dedo indicador esquerdo indicando negativo)

Sujeito-entrevistador: não?

Sujeito-entrevistado: eu e a Gabi? nos conhecemos na noite de São Paulo...

Sujeito-entrevistador: na noite de São Paulo?

Sujeito-entrevistado: isso... foi em... 96 que nos conhecemos... ( )

Sujeito-entrevistador: se eu disser... a grosso modo... que foi o encontro de uma mulher que queria ser homem e um homem que queria ser mulher... eu tô simplificando demais?

Sujeito-entrevistado: eu acho que não é dessa forma... eu penso assim é... não é uma mulher querendo ser homem... veja... é isso que...

Sujeito-entrevistador: péra um momento... uma mulher se sentindo homem...

- ✓ **Sequência discursiva 09:**

SÁ, Leo Moreira. De frente com Gabi. Entrevista. 06 de novembro de 2013. Rede de televisão SBT. Entrevista concedida à apresentadora Marília Gabriela.

Sujeito-entrevistador: com quantos anos?

Sujeito-entrevistado: com sete anos...

Sujeito-entrevistador: sete anos? que é a idade da consciência de fato...

Sujeito-entrevistado: é... então foi nesse momento que eu tomei a consciência não que eu era... que eu... que eu era um transexual... sei lá... a consciência do que eu não era... eu tomei consciência do que a sociedade queria que eu fosse...

Sujeito-entrevistador: que você fosse...

Sujeito-entrevistado: ( ) o transexual sempre sabe o que ele é...

Sujeito-entrevistador: você brincava... brincadeiras infantis... os meninos tinham pirulito e você não... isso você percebia já ou ainda não?

Sujeito-entrevistado: engraçado... eu achava que o meu era menor... só...

Sujeito-entrevistador: *ah*... é memo? que curioso...

Sujeito-entrevistado: é... e eu só andava com meninos... aliás o universo das meninos era uma coisa muito distante sabe... eu olhava elas todas arrumadinhas... limpinhas... ficava olhando assim extasiado sabe... mas era um universo longe... longínquo... eu não lembro de ter tido uma amiguinha... sabe... era sempre os meninos e as meninas meio que me evitavam assim... entendeu?

Sujeito-entrevistador: as meninas evitavam você?

Sujeito-entrevistado: principalmente depois que eu botei a tal da sainha né... aí acabou né... porque... a própria cidade me chamava de Zezinho...

Sujeito-entrevistador: que coisa... e a sua família... a sua mãe... como é que ela reagia com isso?

Sujeito-entrevistado: então... é... eu não lembro da minha mãe assim tendo assim... uma conversa...

Sujeito-entrevistador: sim... você não se lembra de situações...

Sujeito-entrevistado: não...

Sujeito-entrevistador: constrangimento... nada?

Sujeito-entrevistado: não... a minha mãe sempre foi muito carinhosa... muito... mas não tinha tempo assim pra... pra atenção pra nós e etc...

- ✓ **Sequência discursiva 10:**

LEA T. De frente com Gabi. Entrevista. 02 de outubro de 2011. Rede de televisão SBT. Entrevista concedida à apresentadora Marília Gabriela.

Sujeito-entrevistador: você foi... *ahn*... você foi criada frequentando terapia... por exemplo?

Sujeito-entrevistado: não... Eu comecei a minha terapia:... quando eu... eu... é porque você não escolhe de ser transexual... quando explode... quando você não aguenta mais... porque obviamente o máximo do tempo que você consegue segurar a onda... você segura... Só que chega uma hora que você não aguenta mais... Por isso que tem homens que se revelam né... ( ) ... a cinquenta... sessenta... não tem uma idade... Depende de quanto você consegue... Quando eu descobri... aí eu passei a fazer muita terapia...

Sujeito-entrevistador: quando foi?

Sujeito-entrevistado: faz pouco tempo... pouco...

Sujeito-entrevistador: pouco tempo...?

Sujeito-entrevistado: muito pouco... Olha... eu comecei super tarde... Também porque eu vivia em uma situação que era muito difícil pra mim...

Sujeito-entrevistador: qual era?

Sujeito-entrevistado: eu tinha uma responsabilidade de ter um pai super famoso...

Sujeito-entrevistador: *éh*...

Sujeito-entrevistado: que...

Sujeito-entrevistador: que devia ser muito cobrado... Porque você... desculpe... eu vou tentar adivinhar e espero nunca ser grosseira...

Sujeito-entrevistado: vai tranquila...

Sujeito-entrevistador: Você era *gay*?

Sujeito-entrevistado: era... Não...

Sujeito-entrevistador: você tinha sintomas...

Sujeito-entrevistado: eu achava que eu era *gay*...

Sujeito-entrevistador: de homossexual...

Sujeito-entrevistado: eu achava que eu era *gay*... Mas o que era estranho é que é o seguinte... o *gay*... a homossexualidade é uma escolha... uma opção sexual... Então... é uma coisa puramente sexual... A transexualidade...

Sujeito-entrevistador: não me parece que seja uma opção também... É ser...

Sujeito-entrevistado: é... é ser... você é... Mas não é uma opção... mas é... é como dizer... é um gosto...

Sujeito-entrevistador: certo...

Sujeito-entrevistado: você bebe coca-cola... você bebe sprite... cada um tem o próprio gosto... A transexualidade... o disturbo de identidade de gênero... não... não é um gosto... Porque eu posso ser lésbica e transexual... Então... isso... num... num... eu posso... não tem a ver com sexualidade... É mais uma coisa de gênero...

Sujeito-entrevistador: como agora acabou de... a filha da... da Cher...

Sujeito-entrevistado: da Cher...

Sujeito-entrevistador: que se chama...

Sujeito-entrevistado: ai... eu não lembro o nome...

Sujeito-entrevistador: eu também não vou lembrar o nome... mas ela virou... ela... *ãhãn*... fez operação e tudo...

Sujeito-entrevistado: isso...

Sujeito-entrevistador: e eu olho pra fotos dela e falo... Meu Deus... ela não poderia... mesmo... continuar mulher... Porque ela ( )... coube naquele papel de homem não isso?

Sujeito-entrevistado: é...

- ✓ **Sequência discursiva 11:**

OHIO, Marcela. Gabi quase proibida. Entrevista. 19 de fevereiro de 2014. Rede de televisão SBT. Entrevista concedida à apresentadora Marília Gabriela.

Sujeito-entrevistado: e eu já não falo fluente inglês... então eu cheguei lá e fiquei assim... desesperada... liguei pra minha coordenadora... que é a Marjorie Mark... do Miss T... que me ajudou bastante a me preparar... tipo... eu não entendia... eu cheguei assim pra passar na fila de imigração... e ele falava umas coisas e eu não entendia... não sabia o que fazer... eu fiquei desesperada... liguei pra ela chorando... porque assim... e era a primeira vez que eu fui pra fora do país e então eu fiquei bem nervosa... assim... então... nossa... fiquei desesperada...

Sujeito-entrevistador: depois...

Sujeito-entrevistado: eu queria voltar na hora...

Sujeito-entrevistador: você se acalmou e depois...

Sujeito-entrevistado: depois eu fui me acalmando... sentindo a pressão de que eu devia tentar me comunicar.... e fui com o inglês que eu fui me virando e fui pegando amizade com algumas meninas... ...

Sujeito-entrevistador: é um sucesso esse concurso? é ch...

Sujeito-entrevistado: é...

Sujeito-entrevistador: cheio de público?

Sujeito-entrevistado: *ahan*... bastante...

Sujeito-entrevistador: mas é um público... *ahn*... específico... são transexuais que vão ver transexuais ou é toda a população?

Sujeito-entrevistado: é transexual... mais a LGBT mesmo né... trans... é... mais dessa parte mesmo...

Sujeito-entrevistador: você que deu tanta entrevista percebeu neles... na Tailândia... uma:... aceitação maior da condição de um transexual... ou... menos preconceito... ou nenhum preconceito... me fala alguma coisa...

Sujeito-entrevistado: *ahan*... não... eu senti menos preconceito... mas preconceito existia sim porque até então... a miss Estados Unidos... é... eu não sofri preconceito nenhum... só que lá é mesmo preconceito assim... por que?... porque tipo assim... qualquer lugar que você vai lá... você vê uma trans trabalhando... tipo em secretária de hotel ou você vê uma trans em qualquer lugar normal... que é diferente aqui no Brasil... ou é cabeleleira ou tá na rua fazen... né... ou é modelo...

Sujeito-entrevistador: batendo calçada... é isso que cê tá falando?

Sujeito-entrevistado: *ahan*... porque o mercado de trabalho não abre muito né... diferente de lá... o mercado de trabalho lá é mais aberto pro público trans... agora aqui no Brasil que tem esse preconceito maior... só que lá também existe preconceito... porque a minha amiga que ganhou... em segundo lugar... a miss Estados Unidos... ela foi pra uma festa e lá descobriram que ela era trans e mandaram ela se retirar... por ser trans... da festa...

Sujeito-entrevistador: descobriram porque alguém falou...

- ✓ **Sequência discursiva 12:**

OHIO, Marcela. Gabi quase proibida. Entrevista. 19 de fevereiro de 2014. Rede de televisão SBT. Entrevista concedida à apresentadora Marília Gabriela.

Sujeito-entrevistado: *ahan*... porque o mercado de trabalho não abre muito né... diferente de lá... o mercado de trabalho lá é mais aberto pro público trans... agora aqui no Brasil que tem esse preconceito maior... só que lá também existe preconceito... porque a minha amiga que ganhou... em segundo lugar... a Miss Estados Unidos... ela foi pra uma festa e lá descobriram que ela era trans e mandaram ela se retirar... por ser trans... da festa...

Sujeito-entrevistador: descobriram porque alguém falou...

Sujeito-entrevistado: é...

Sujeito-entrevistador: é isso?

Sujeito-entrevistado: é... comentário... tipo assim... porque lá é muito assim... na cidade

Sujeito-entrevistador: porque você é uma mulher::...

Sujeito-entrevistado: brigada...

Sujeito-entrevistador: é... não... sabe... é olhar e ver uma mulher... eu imagino que... as trans que foram pra lá... devam ser..

Sujeito-entrevistado: são bem femininas também...

Sujeito-entrevistador: também bastante femininas... é isso?

Sujeito-entrevistado: tinham bastante femininas... tinham umas que não eram tã:...o femininas né... que... eu acho... na minha opinião... mas ti... todas eram bem femininas...

Sujeito-entrevistador: bom... e aí você... ela sentiu de perto o preconceito...

Sujeito-entrevistado: sentiu... e ela... nas entrevistas que a gente deu... porque depois que... que eu fui eleita a Miss International Queen... a gente ficou lá uma semana gravando os programas... dando várias entrevistas... não só eu... e a que ficou em segundo e terceiro lugar... e tipo... e a... Miss Estados Unidos... falava isso assim pra todo mundo... falava olha aqui na Tailândia fui bem recepcionada mas existe preconceito sim... como... como em todo mundo existe... porque eu fui num lugar... e ela falava assim e o povo ficava assim meio... chocado... passavam a mão na cabeça dela sabe... mas ninguém fazia nada entendeu?

Sujeito-entrevistador: como assim passavam a mão na cabeça dela?

Sujeito-entrevistado: tipo assim... no:...ssa... foi preconceito... me fala o nome do lugar... tipo... sabe... querendo... fazer alguma coisa... uma justiça ali... mas na verdade não faziam nada... só... só uma mídia mesmo na verdade...

- ✓ **Sequência discursiva 13:**

TAVARES, Felipa. Jô Soares. Entrevista. 05 de abril de 2012. Rede Globo de televisão. Entrevista concedida ao apresentador Jô Soares.

Sujeito-entrevistador: você deve ver porque eu acho que talvez você devesse reconsiderar o negócio da cirurgia... porque... porque é uma coisa bra:..ba mesmo...

Sujeito-entrevistado: eu cheguei a ver... eu cheguei a ver no Youtube...mostrando... fazendo a cirurgia...

Sujeito-entrevistador: e o pós cirúrgico?

Sujeito-entrevistado: também... são três meses...

Sujeito-entrevistador: é... tem que... tem que criar aquela cavidade... e criar e ir aumentando pouco a pouco... usando vários modelos de alargador... quer dizer... essa fase é que parece que são seis meses?

Sujeito-entrevistado: são seis meses de recuperação...

Sujeito-entrevistador: é que não é não fá... mas você vai fazer... é claro que você vai fazer... porque... como você mermo disse... o resto é um apêndice... e você quando... eu vou fazer uma pergunta um pouco indiscreta... quando você tira a roupa no espelho... você vai baixando e olho e diz assim... *ah*:... assim... se assusta?... que que é isso?

Sujeito-entrevistado: eu me sinto mal...

Sujeito-entrevistador: que loucura...

Sujeito-entrevistado: eu me sinto mal...

Sujeito-entrevistador: mas olha... você não deve se sentir mal... porque você é... você é... uma moça muito bonita... você não tem... não tem nenhuma indicação... você pode perceber até aqui pela plateia... nenhuma indicação que você tenha sido um Felipe que virou Filipa... e nos documentos hoje em dia como é que é?

Sujeito-entrevistado: ainda é Felipe...

Sujeito-entrevistador: e que pode mudar também né...

Sujeito-entrevistado: só após que operar... a operação...

Sujeito-entrevistador: a sim... a operação...

Sujeito-entrevistado: não... não pode ainda...

- ✓ **Sequência discursiva 14:**

OHIO, Marcela. Gabi quase proibida. Entrevista. 19 de fevereiro de 2014. Rede de televisão SBT. Entrevista concedida à apresentadora Marília Gabriela.

Sujeito-entrevistador: você conviveu com que irmãos?

Sujeito-entrevistado: com um menino e uma menina... e a mais velha menina... mora fora...

Sujeito-entrevistador: mas você era mais nova ou mais velha que esses irmãos?

Sujeito-entrevistado: eu sou a caçula...

Sujeito-entrevistador: a caçula?

Sujeito-entrevistado: a caçula...

Sujeito-entrevistador: pra quem foi mais complicado? vamos falar dos irmãos primeiro...

Sujeito-entrevistado: a:... dos irmãos...

Sujeito-entrevistador: pro irmão homem ou pra irmã mulher?... ter essa ir... porque você é uma beldade né... você sabe...

Sujeito-entrevistado: a:... obrigada...

Sujeito-entrevistador: é... você é uma beldade... você devia ter esta cara... você devia ser um menino muito bonito...

Sujeito-entrevistado: é... eu era...

Sujeito-entrevistador: muito delicado...

Sujeito-entrevistado: mas eu já era bem feminino... eu já era aquela coisa andrógina... que tipo... eu já tinha um cabelinho meio compridinho... gostava de usar umas calça apertada... umas roupas meio feminina... e... tipo... eu andava na rua e o povo achava que era uma lésbica uma... entendeu?

Sujeito-entrevistador: sei...

Sujeito-entrevistado: achava que era uma lésbica... não achavam que... eles ficavam na curiosidade tipo... será que é homem... será que é mulher?

- ✓ **Sequência discursiva 15**

OHIO, Marcela. Gabi quase proibida. Entrevista. 19 de fevereiro de 2014. Rede de televisão SBT. Entrevista concedida à apresentadora Marília Gabriela.

Sujeito-entrevistador: você tá acostumada com preconceito?

Sujeito-entrevistado: eu não... tipo assim... eu já sofri... mas não estou acostumada com preconceito...

Sujeito-entrevistador: você já sofreu mas já não sofre?

Sujeito-entrevistado: ainda assim às vezes sim... tenho situações que sofro... mas...

Sujeito-entrevistador: por exemplo...

Sujeito-entrevistado: tipo... uma vez... eu e uma amiga fomos numa casa de *shows*... sertaneja aqui em São Paulo e barraram a gente por ser trans... barraram a gente por ser trans... falaram que...

Sujeito-entrevistador: mas disseram isso pra vocês?

Sujeito-entrevistado: disseram... porque falaram assim... que na semana passada... é... havia uma trans que foi lá na casa... e... tipo... deu... fez confusão lá... por isso o dono da casa proibiu a entrada de transexuais na casa por causa...

Sujeito-entrevistador: vocês não tomaram nenhuma atitude?

Sujeito-entrevistado: ai... a gente brigamo e tudo... tava um amigo nosso lá... que trabalha na casa... aí ele falou que não podia fazer nada... que não podia entrar mesmo...

Sujeito-entrevistador: será que se as transexuais começarem a... numa situação como essa por exemplo... a tomar atitudes e buscar por exemplo... seus direitos como cidadãos ou cidadãs e... começarem a... processar quem pratica o preconceito nesse nível... você não acha que poderia ajudar?

Sujeito-entrevistado: sim... então... eu e o ( ) até pensamos em processar a casa... vai dar tanto prejuízo... tanto problema... e... outra... a gente sempre acaba... acaba perdendo sabe... tem esse medo assim... porque querendo ou não... tem muito preconceito... então a gente com esse pé atrás... e assim a gente vai processar e tudo mas não vai acontecer nada... deixou quieto... a gente saiu da casa de *show* educadamente e fomo embora...

- ✓ **Sequência discursiva 16**

OHIO, Marcela. Gabi quase proibida. Entrevista. 19 de fevereiro de 2014. Rede de televisão SBT. Entrevista concedida à apresentadora Marília Gabriela.

Sujeito-entrevistador: você tem barba?

Sujeito-entrevistado: não... graças a DEUS é uma coisa que eu nunca tive...

Sujeito-entrevistador: mais por causa dos hormônios?

Sujeito-entrevistado: eu acho que sim... porque eu comecei a tomar hormônio muito novinha... então... ali já foi inibindo a testosterona né...

Sujeito-entrevistador: você tem peito que foi o seu pai que deu? foi isso?

Sujeito-entrevistado: foi meu pai que me deu...

Sujeito-entrevistador: isso já foi um a-va:..n-ço louco...

Sujeito-entrevistado: é louco...

Sujeito-entrevistador: você pediu a ele um dia... e ele disse... por que você não faz isso... como é que foi?

Sujeito-entrevistado: antes de participar do Miss T Brasil... 2012... é... tipo... eu queria participar... eu já fazia uns trabalhinhos como modelo lá no interior entendeu? eu sempre fui alta... magra... já chamava a atenção... logo quando eu virei trans... surgiu esse... o Miss T... o Miss T Brasil... aí eu falei que queria participar e tudo... daí ele falou que tudo bem e tal... que pode ajudar a empurrar a sua carreira... ser mais conhecida e tal... só que eu me sentia assim... ai... com vergonha... não tinha peito... e queria ter peito pra participar do concurso... porque todas que iam participar do concurso iam ter peito... e com isso ele ficou meio assim... sabe... meio... pensou... pensou... e aí chegou um dia e ele falou assim... *ah*... marca lá uma consulta... numa cirurgiã que é lá da minha cidade... aí eu já falei... ai meu Deus do céu... será que eu vou ganhar? aí fui marquei a consulta... ele foi comigo... aí... tipo... na volta ele falou... então vamo marca a data... porque o concurso já era... tava ca data marcada... acho que era em outubro... e faltava uns... eu tinha uns quatro meses... então eu tinha que fazer logo pra ter recuperação... aí tipo... marcas as consultas... fizemos os exames... tudo direitinho daí marcamos na outra semana e eu fui colocar...

Sujeito-entrevistador: você me parece até agora... até aqui... uma pessoa muito bem resolvida... você tem umas melancolias estranhas... uma coisa meio cósmica assim... uma... uma pequena depressão cósmica... uma às vezes ou não? você já está o que queria?

Sujeito-entrevistado: não... tenho... às vezes eu tenho sim...

Sujeito-entrevistador: tem?

Sujeito-entrevistado: tenho... eu acho que eu tô assim... eu sou uma pessoa... eu nunca tô satisfeita na verdade... tipo... às vezes eu olho pro espelho e acho... a:... eu tenho que mudar isso... acho que tenho que mudar aquilo... porque tipo eu... a quem não me conhece... tipo... você... cê me olha... vê uma mulher... mas tipo assim... quando eu tô sem maquiagem... tipo... tô com o cabelo pra trás... eu olho o meu rosto e lembro de

quando eu era um menino... tipo... aí que começa a incomodar e achar os defeitos... aí... acho que isso tá um pouquinho masculino... vou ter que dar uma mudadinha... ai.. isso aqui entendeu?

Sujeito-entrevistador: mas você não vai ficar uma maluca daquelas de ficar botando...

Sujeito-entrevistado: não... isso não...

Sujeito-entrevistador: ( ) você tem alguma cirurgia na cara?

Sujeito-entrevistado: não... nenhuma...

Sujeito-entrevistador: não... pelo amor de Deus... cê tá linda *heim*...

Sujeito-entrevistado: obrigada...

- ✓ **Sequência discursiva 17**

TAVARES, Felipa. Jô Soares. Entrevista. 05 de abril de 2012. Rede Globo de televisão. Entrevista concedida ao apresentador Jô Soares.

Sujeito-entrevistador: *ah*... deu certo? vamo vê umas fotos aqui da Felipa? ( ) ... ali... bonita foto... vai em frente... *ok*... tem mais?

Sujeito-entrevistado: esse é no curso que fiz de modelo...

Sujeito-entrevistador: linda essa foto também... agora realmente... tá bom... virem... o que é mais impressionante... é que você não tem nenhuma característica mais... masculina... a não ser o seguinte... você é operada? você fez...

Sujeito-entrevistado: não...

Sujeito-entrevistador: cirurgia... como é que se diz... vaginoplastia?

Sujeito-entrevistado: não... ainda não... é um grande sonho... na verdade é o meu maior sonho... eu nunca fiz nenhuma plástica... eu nunca mudei nada no meu corpo... porque primeiro eu penso em fazer essa operação primeiro porque é grande é o meu maior sonho...

Sujeito-entrevistador: e... como é que... hormônios... também mudou alguma coisa assim?

Sujeito-entrevistado: é... eu tomei hormônios...

Sujeito-entrevistador: *ahn*... e aí você sonha em fazer essa cirurgia... mas pra quê?... você tá tão bem assim...

Sujeito-entrevistado: olha... eu me...

Sujeito-entrevistador: pode variar... pode ficar uma coisa mais...

Sujeito-entrevistado: não... porque eu já me sinto mulher... eu me sinto 99,9% realizada... eu acho que é só esse detalhe... a minha cabeça...

Sujeito-entrevistador: *éh*:...

Sujeito-entrevistado: detalhinho...

Sujeito-entrevistador: detalhezinho... agora você sabe que é uma cirurgia muito... muito dolorosa... complicada... dolorida... você tá sabendo disso?

Sujeito-entrevistado: sim claro... mas a vontade é...

Sujeito-entrevistador: é maior...

Sujeito-entrevistado: é bem maior que qualquer dor...

Sujeito-entrevistador: tem até um exemplo disso num filme do... Almodóvar... o último filme do Almodóvar... chama A pele que habito... você viu esse filme ou não?

Sujeito-entrevistado: não...

Sujeito-entrevistador: você deve ver porque eu acho que talvez você devesse reconsiderar o negócio da cirurgia... porque... porque é uma coisa bra:..ba mesmo..

- ✓ **Sequência discursiva 18**

LEA T. De frente com Gabi. Entrevista. 02 de outubro de 2011. Rede de televisão SBT. Entrevista concedida à apresentadora Marília Gabriela.

Sujeito-entrevistador: os meninos também gostam de brincar de bonecas... Tem uma fase que...

Sujeito-entrevistado: tem homem... o homem... a criança... o menino homem... Isso não é sinal é um *gay* ou uma transexual... Isso não tem nada a ver...

Sujeito-entrevistador: agora... co*:*...nta pra mim... como é que é... eu tenho uma curiosidade imensa... eu imagino que as pessoas... enfim... qual é a sensação... é... é... eu fico... é uma coisa que me fascina. Qual é... o que que é... é um sofrimento... é um...

Sujeito-entrevistado: é horrível*::*...

Sujeito-entrevistador: é uma divisão... Como é que é isso?

Sujeito-entrevistado: olha pra te explicar assim porque olha... muitas vezes assim as pessoas me perguntam... não jornalistas... mas tipo as pessoas... meus amigos né... as pessoas que muitas vezes me veem sofrendo assim eles me falam: qual a sensação né?... como você me perguntou agora? Eu acho que *hum*... a descrição melhor pra isso é... tentar... cê tenta pôr o sapato invertido... nos pés errado e fica o dia inteiro com esses sapato no pé... Então você sente esse inconforto... tem algo que não encaixa com o resto do corpo... Então é o seu corpo que não encaixa com a alma... Então você sente esse incômodo...

Sujeito-entrevistador: é uma angústia*::*...

Sujeito-entrevistado: é horrível*:*... Você sente essa angústia....

Sujeito-entrevistador: você foi... *ahn*... você foi criada frequentando terapia... por exemplo?

Sujeito-entrevistado: não... Eu comecei a minha terapia:... quando eu... eu... é porque você não escolhe de ser transexual... quando explode... quando você não aguenta mais... porque obviamente o máximo do tempo que você consegue segurar a onda... você segura... Só que chega uma hora que você não aguenta mais... Por isso que tem homens que se revelam né... ( ) ... a cinquenta... sessenta... não tem uma idade... Depende de quanto você consegue... Quando eu descobri... aí eu passei a fazer muita terapia...

Sujeito-entrevistador: quando foi?

Sujeito-entrevistado: faz pouco tempo... pouco...

Sujeito-entrevistador: pouco tempo...?

Sujeito-entrevistado: muito pouco... Olha... eu comecei super tarde... Também porque eu vivia em uma situação que era muito difícil pra mim...

Sujeito-entrevistador: qual era?

Sujeito-entrevistado: eu tinha uma responsabilidade de ter um pai super famoso...

Sujeito-entrevistador: *éh*...

Sujeito-entrevistado: que...

Sujeito-entrevistador: que devia ser muito cobrado... Porque você... desculpe... eu vou tentar adivinhar e espero nunca ser grosseira...

Sujeito-entrevistado: vai tranquila...

Sujeito-entrevistador: Você era *gay*?

Sujeito-entrevistado: era... Não...

Sujeito-entrevistador: você tinha sintomas...

Sujeito-entrevistado: eu achava que eu era *gay*...

Sujeito-entrevistador: de homossexual...

Sujeito-entrevistado: eu achava que eu era *gay*... Mas o que era estranho é que é o seguinte... o *gay*... a homossexualidade é uma escolha... uma opção sexual... Então... é uma coisa puramente sexual... A transexualidade...

- ✓ **Sequência discursiva 19**

LEA T. De frente com Gabi. Entrevista. 02 de outubro de 2011. Rede de televisão SBT. Entrevista concedida à apresentadora Marília Gabriela.

Sujeito-entrevistado: não... porque não tem... a sociedade ainda não conseguiu... eles não tem... eles não aceita... mesmo quando você termina de passar a sua transição... você é sempre um travesti e é um lixo... você não tem direito a nada... não tem direito a ter amigos... o *gay* é diferente... é muito mais aceito... ainda tem discriminação... aqui no Brasil principalmente... eu vejo muitas histórias que pra gente lá fora...

Sujeito-entrevistador:: de coisa horrível...

Sujeito-entrevistado: de violência... de coisa muito... muito... muito feia... mas a transexual ainda é pior...

Sujeito-entrevistador:: bom... você sofria *bullying* na escola que tipo? quer dizer... você tem uma vida sofrida... desculpe... tô sendo franca... honesta...

Sujeito-entrevistado: só eu falo... a minha cruz é pesada...

Sujeito-entrevistador: porque desde criança você passar... o *bullying* é uma coisa terrível... o que faziam com você?

Sujeito-entrevistado: olha... eu tive sorte por... pelo fato... eu não... eu não sei eu acho que nisso Deus me abençoou um pouco nessa coisa... você vai sofrer tanto que depois vamo atenua um pouquinho... depois eu sofria gozaçãozinhas tipo... ele é *gay*... mas eu era muito... muito... muito alegre... eu era uma pessoa muito... gostosa de ficar... então... a minha sorte foi que então eu tinha esse jeito tão doce com as pessoas que um pouco as pessoas ficavam não tinham muita reação...

Sujeito-entrevistador: não tinha como não ser delicado com você...

Sujeito-entrevistado: é... eu sofri *bullying* mas não tanto como quando eu virei transexual... aí que o bixo pegou...

Sujeito-entrevistador:: bom... você... *ãn*... *ãn*... *ãn*... antes disso... eu imagino que o teu pai tenha sido muito pressionado também por comentários... por tititi... porque ele era um homem em grande evidência...

Sujeito-entrevistado: ele nunca foi em casa pra falar nada... ele nunca abriu a boca pra falar nada em casa com a gente...

Sujeito-entrevistador: porque vocês já não moravam mais na mesma casa...

Sujeito-entrevistado: não... a gente morava na mesma casa... mas ele nunca quis... pra tipo não sofrer... eu acho que ele deve ter escutado muita coisa... mas ele até hoje nunca me abriu a boca pra me falar nada...

Sujeito-entrevistador: aliás... você se irritou... com toda razão... quando tentaram criar uma historinha aqui no Brasil... na mídia...

- ✓ **Sequência discursiva 20**

NERY, João. De frente com Gabi. Entrevista. 12 de outubro de 2011. Rede de televisão SBT. Entrevista concedida à apresentadora Marília Gabriela.

Sujeito-entrevistador: você...*ahn*... menstrua aos doze anos de idade?

Sujeito-entrevistado: nã:...o ... mas quando eu fiz doze anos de idade eu não queria nem acordar... nem acordar...

Sujeito-entrevistador: é mesmo?

Sujeito-entrevistado: não... eu me lembro como se fosse hoje...

Sujeito-entrevistador: outro dia eu tive aqui a Léa T ... que tem uma viagem oposta...

Sujeito-entrevistado: é... é... eu assisti a entrevista dela...

Sujeito-entrevistador: e que ela diz que eu preciso me operar pra tentar ser feliz... porque eu vivo uma infelicidade dentro desse corpo...

Sujeito-entrevistado: com certeza... porque como você o corpo...

Sujeito-entrevistador: é essa sensação mesmo?

Sujeito-entrevistado: olha só... o corpo tem que ser um instrumento de... como se diz... de desejo de atração... você imagina ter um corpo que é um obstáculo? em vez de ser um... um... objeto de sedução é um obstáculo... e isso todos nós vamos vivenciar na velhice... com certeza... na velhice o corpo começa a se transformar num objeto de... né começa a ser um seu segun... o meu segundo inimigo como eu digo no livro... eu abordo essa questão no livro... porque até então meu grande inimigo era o meu corpo enquanto um co:...rpo que se defini:...a como um corpo feminino de uma genitália feminina... e isso me obrigava a ter uma identidade feminina... com os papéis correspondentes... que é uma grande ficção isso... ninguém... o que que é ser mulher? o que que é ser homem?

Sujeito-entrevistador: deixa eu fazer uma perguntinha antes de terminar esse bloco... você diz em um de seus livros que você diz que você teve a sua primeira MONStruação...

Sujeito-entrevistado: sim...

Sujeito-entrevistador: né... associando a monstro...

Sujeito-entrevistado: foi e é...

Sujeito-entrevistador: e isso foi em que idade?

Sujeito-entrevistado: 14...

Sujeito-entrevistador: 14? você inclusive menstruou tarde... agora eu vou lhe dizer um negócio... você sabe que eu tenho uma sexualidade bem resolvida e sempre tive... mas a menstruação pra mim também sempre foi monstruação... eu passei a vida fazendo reposição para não menstruar... e vivi muito feliz... mas enfim... eu imagino quando você tem essa... essa. outra certeza que eu *ohn*... *ahn*...

Sujeito-entrevistado: sabe o que eu fazia quando eu menstruava...

Sujeito-entrevistador: não...

Sujeito-entrevistado: quando vinha as cólicas? eu ia saltar... eu... eu fui campeão brasileiro de saltos ornamentais...

- ✓ **Sequência discursiva 21**

OHIO, Marcela. Gabi quase proibida. Entrevista. 19 de fevereiro de 2014. Rede de televisão SBT. Entrevista concedida à apresentadora Marília Gabriela.

Sujeito-entrevistador: bom... agora perguntas de telespectadores... que tem a ver inclusive... com perguntas que eu já fiz ou que eu possa fazer novamente... então tem uma pergunta da Beatriz Lima de Niterói... no Rio... ela pergunta se você acha que o mercado da moda pode abrir mais portas pra você depois da cirurgia?

Sujeito-entrevistado: não... sabe por quê? porque eu tô assim... eu penso assim... porque o mercado da moda ele gosta... eles gostam de... do que é diferente... eu sou bonita... eu me acho bonita... mas assim... no mercado da moda... existe modelos belíssimas... meninas belíssimas... eu não sou essa coisa... eu não me acho... belíssima... aquela coisa exótica... diferente... o meu.. meu... diferencial... é o negocinho... entendeu? então... se eu tirar eu vou parecer uma mulher normal... tipo... não vou ser uma mulher normal... tipo... eu vou continuar sendo vista pela sociedade como uma mulher transexual... mas para o mercado da moda eu vou ser uma trans operada... mas o que eles gostam é dessa polêmica... ela é trans e tem o negocinho... entendeu?

Sujeito-entrevistador: então... *ahm*... tem fundamento achar que as trans operadas geralmente saem da mídia...

Sujeito-entrevistado: não... não... porque na verdade não tem muitas né... tem a Léa... que foi a que tipo mais assim... que tá até hoje... e operou mas antes disso ela...

Sujeito-entrevistador: não tenho visto... não tenho visto na mídia...

Sujeito-entrevistado: a:... Léa... mas é porque ela trabalha mais fora né... ela fez aqui o... o que ela tinha que fazer aqui no Brasil... e tá trabalhando... continuando trabalhando fora...

- ✓ **Sequência discursiva 22**

OHIO, Marcela. Gabi quase proibida. Entrevista. 19 de fevereiro de 2014. Rede de televisão SBT. Entrevista concedida à apresentadora Marília Gabriela.

Sujeito-entrevistador: mas fora isso... você tem alguma obrigação...

Sujeito-entrevistado: eu tenho...

Sujeito-entrevistador: como MISS de visitar algum...

Sujeito-entrevistado: tenho lá na Tailândia tenho...

Sujeito-entrevistador: de visitar algum projeto social?

Sujeito-entrevistado: tenho... tenho lá entidades sociais... também tem os patrocinadores... que eu tenho que ir... aí vou dar entrevistas... tudo isso...

Sujeito-entrevistado: você ganhou algum prêmio em dinheiro?

Sujeito-entrevistado: ganhei... ganhei 10 mil doláres...

Sujeito-entrevistador: *hum*... isso não é mal... você não gastou tudo... espero?

Sujeito-entrevistado: gastei... vou ser sincera... sabe por quê? o que eu investi foi bem mais que isso... então tipo... eu recuperei um pouco do meu prejuízo na verdade... com o prêmio...

Sujeito-entrevistador: você vai voltar pra lá também interessada em mudança de sexo?

Sujeito-entrevistado: vou... vou...

Sujeito-entrevistador: você vai se operar? essa era uma dúvida...

Sujeito-entrevistado: então...

Sujeito-entrevistador: fiquei sabendo que você tá em dúvida de novo...

Sujeito-entrevistado: não... a questão não é a dúvida... eu tenho certeza... assim... eu acho que desde criança eu já cresci assim... com essa... eu nunca gostei do que eu tenho... então tenho certeza absoluta que eu vou ser feliz sem entendeu? é uma coisa que me incomoda então eu vou me sentir melhor sem... só... que tipo assim... eu acho que... eu tenho 18 anos... tem muita coisa pra acontecer na minha vida... eu não posso ficar dando prioridade só pra isso... entendeu? eu não vou deixar de ser feliz e aproveitar a minha vida por causa duma coisinha que não muda... meu namorado... tipo... gosta de mim assim entendeu? foi assim que ele se apaixonou... mas mesmo assim eu vou fazer a cirurgia pra me sentir plena... mas eu não dou prioridade pra cirurgia... entendeu?

Sujeito-entrevistador: então espera aqui... eu quero continuar nesse assunto ainda... mas eu vou fazer um intervalo... termina aqui a primeira parte da nossa conversa quase proibida com Marcela Ohio... essa beleza de mulher... a Miss Mundo Transexual...

- ✓ **Sequência discursiva 23**

Sujeito-entrevistador você não considera a transexualidade uma patologia?

Sujeito-entrevistado: de jeito nenhum... claro que não e luto pela despatologização que deve né... espero... que agora em DOIS MIL e treze mude... *éh*... essa questão... porque o transexualismo já foi tudo... já foi disforia de gênero... depois agora é transtorno de identidade de gênero... vai mudando os termos que também é uma forma de continuar taxando o homossexualismo... você sabe que o homossexualismo deixou de ser uma patologia oficialmente né...

Sujeito-entrevistador *ahan*...

Sujeito-entrevistado: mas através desta nova conotação de transtorno de identidade de gênero de certa forma engloba o homossexualismo como uma patologia... volta atrás... a FRANÇA despatologizou e o quê que mudou? há três dias atrás os transexuais e travestis franceses saíram na PRAÇA DA BASTILHA pra irem até a prefeitura pra dizerem exatamente que NADA mudou... você pra se submeter a uma cirurgia... você tem que passar dois anos... você tem que pedir um diagnóstico PELO AMOR DE DEUS::... tem que se enquadrar naqueles abSURdos...

Sujeito-entrevistador foi assim com você?

Sujeito-entrevistado: fo:...i ...

Sujeito-entrevistador e quando você fez a operação com o doutor FARINA... *éhn*... que... que... foi e inclusive passou por processos e etc etc... nós estamos falando em setenta e sete... vinte anos antes dessa cirurgia ser legalizada... não é isso?

Sujeito-entrevistado: si:...m ...

Sujeito-entrevistador então eu imagino que tenha sido quase...

Sujeito-entrevistado: trinta anos::...

Sujeito-entrevistador trinta... trinta.... trinta anos...

Sujeito-entrevistado: é... porque foi em oitenta e poucos...

Sujeito-entrevistador imagino que tenha sido uma... um... procedimento clandestino quase...

Sujeito-entrevistado: completamente... completamente... olha... me arranjaram... olha... eu cheguei lá disse... aqui foi o seguinte... tem um psiquiatra que... debandou... então nós já arrumamo outro... tem uma assistente social... tem um endocrinologista e... e pronto... você tem que se submeter a uma porção de exames pra ver se você é transexual

mesmo... tá tá bom... aí fez cromatina sexual... deu feminino... tudo deu feminino... todos os meus exames deram feminino... eu não tinha nenhuma anomalia física infelizmente né... porque se não eu cairia no caso de hermafroditismo e tava tudo resolvido... com uma causa... uma explicação fisiológica eu poderia me operar...

Sujeito-entrevistador você pacifica os outros... é isso?

Sujeito-entrevistado: é... é... e a sociedade é doida pra arranjar uma causa fisiológica pro transexual... maravilha::... ... você vê o absurdo... o transexual eles deviam ter considerado uma doença mental... mas cê sabe qual é a cura? é fisíca::... ... não é... é terapia inoperante... você não muda a cabeça de um transexual... quer dizer... a solução pra um problema MENTAL é uma cirurgia transgenital... olha o absurdo...

Sujeito-entrevistador é um absurdo...

Sujeito-entrevistado: é um paradoxo completo...